



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA EICOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL

JULIANA PUPPIN DUARTE

MEGACASAMENTO: celebridade por um dia

RIO DE JANEIRO
2014

JULIANA PUPPIN DUARTE

MEGACASAMENTO: celebridade por um dia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial necessário à obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Professora Dra Maria Lúcia Rocha-Coutinho

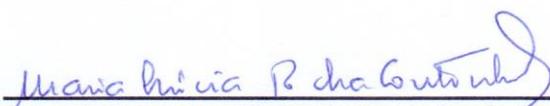
RIO DE JANEIRO
2014

JULIANA PUPPIN DUARTE

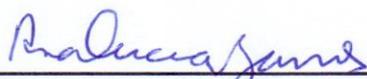
MEGACASAMENTO: celebridade por um dia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial necessário à obtenção do título de Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada em: 31/07/2014



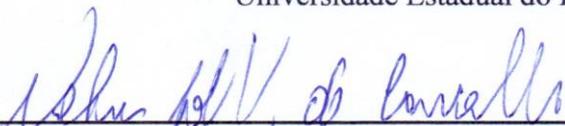
Dra. Maria Lucia Maria Rocha Coutinho - Doutora em Psicologia Clínica
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ



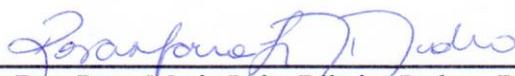
Dra. Ana Lúcia Paes de Barros Pacheco - Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ



Dra. Luciene Alves Miguez Naiff - Doutora em Psicologia Social
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ



Dr. Nelson Job Vasconcelos de Carvalho - Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ



Dra. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro - Doutora em Comunicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RIO DE JANEIRO
2014

Dedico este trabalho as
mulheres que são
constantemente induzidas a
sonhar sonhos que nem
sempre são seus.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Maria Lúcia Rocha-Coutinho que aceitou me acompanhar em mais uma jornada acadêmica. Aprendi muito com ela que me deu a oportunidade de não só de fazer a pesquisa mais de amadurecer enquanto pessoa e profissional. Uma orientadora dedicada e paciente que nos momentos mais difíceis me acolheu com carinho e motivação.

A meus pais e irmãos por serem minha base e referência.

A meu marido Antonio Leon que carinhosamente me incentivou e apoiou.

A meus amigos por entenderem meu afastamento temporário do seu convívio, e mesmo a distância sempre me animaram e deram força como só os amigos fazem.

Aos membros da banca Luciene Naiff e Rosa Pedro que participaram da qualificação contribuindo com significativas sugestões e ensinamentos, e também a Ana Lúcia Pacheco e Nelson Job que gentilmente aceitaram o convite para participar dessa defesa.

Ao imprescindível Ricardo Fernandes pelo acolhimento e suporte, sempre muito alegre e gentil.

Agradeço ainda a todos os professores com quem tive contato pela contribuição acadêmica e pelo acolhimento.

RESUMO

Essa pesquisa foi pensada a partir da ocorrência, cada vez mais comum entre a classe média, de celebrar o enlace afetivo através de uma grandiosa festa que é assim considerada tanto pelo grande número de participantes quanto pelos enormes gastos financeiros empregados na realização do evento. Ao longo do tempo, diversos interesses motivaram a opção ou não pela formalização e celebração do ritual do casamento. Atualmente, vivemos em uma sociedade de identidades contraditórias em que a tradição convive com o moderno e estimula a satisfação dos desejos pessoais e o desejo de estar em evidência. Temos, assim, um contexto propício para o surgimento de megacasamentos. O megacasamento é um termo aqui empregado para se referir aos casamentos com mais de 350 convidados e/ou dos casamentos realizados pelas celebridades. Neste trabalho o foco recai sobre as pessoas comuns que optam por um megacasamento. Nosso objetivo é investigar qual o sentido que o megacasamento tem para as noivas que escolhem esse tipo de celebração. Para tanto, foram entrevistadas 6 mulheres de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, que se encontram na faixa etária entre dos vinte e sete aos trinta e sete anos, e que formalizaram seu envolvimento amoroso em um megacasamento há no máximo 5 anos. As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado que buscou contemplar os temas relacionados à pesquisa. Os dados obtidos após a transcrição na íntegra das entrevistas foram submetido a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: Oficialização do Casamento na Relação; Objetivos do Megacasamento; Importância da Celebração para a Família; e Impacto na Relação. Os resultados obtidos apontaram para o fato de que esses megacasamentos estão ligados à espetacularização da sociedade atual – isto é, ao fato de que o parecer se tornou mais importante do que o ser, levando as pessoas a buscar a celebridade ainda que momentânea –, à pressão familiar e aos desejos, sonhos e anseios do casal.

Palavras-chave: Megacasamento; sociedade do espetáculo; pressão familiar; imaginário feminino.

ABSTRACT

This research was based on the common mid-class behaviour of celebrating marriage as one of the greatest events in life. The wedding event is regarded of great social magnitude. It often involves a great number of guests and sometimes it comes at a life-time cost. Historically, a variety of interests motivated the option for a formal and grand celebration. Nowadays, we live in a society of contradictory identities where the tradition coexists with the modern. This relationship stimulates the ego and the desire of being in vogue. This creates the perfect context for the rise of the megaweddings. The megawedding refers to the wedding parties with more than 350 guests or wedding parties done by celebrities. The focus of this work is on the big wedding parties done by common people. The objective of this study is to investigate the meaning of the megawedding for the brides and why they have chosen for this type of celebration. We have interviewed 6 women, aged twenty seven to thirty seven years old, who have formalised their megaweddings in the last five years, in Rio de Janeiro, Brazil. The interviews followed semi-structured scripts based on the research related themes. The data obtained from the interviews full transcriptions were analysed on the following categories: Marriage Officialization; Objectives of the Megawedding; The Importance of the Celebration for the Family and The Impact on the Relationship. The results suggest that these megaweddings are related to the way our society wants to display its social status, the pressure from the family and the couple personal dreams. To seem has become more important than to be and therefore these people pursue their moment of fame, even if it's just for an occasion.

Keywords: Megawedding, society of the spectacle; family pressure; female imagery.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1. HISTÓRIA DO CASAMENTO NA EUROPA.....	13
2.2. O CASAMENTOS NO BRASIL: da Colônia ao século XX	26
2.3. O CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE	38
3. ESTUDO DE CAMPO	50
3.1. PARTICIPANTES	50
3.2. INSTRUMENTO	54
3.3. PROCEDIMENTO	54
3.4. CATEGORIAS	55
4. ANÁLISE DOS DADOS	56
4.1. OFICIALIZAÇÃO DA RELAÇÃO	56
4.2. OBJETIVOS DE UM MEGACASAMENTO	62
4.3. IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO PARA A FAMÍLIA	71
4.4. IMPACTO DO CASAMENTO NA RELAÇÃO	75
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
5.1. OFICIALIZAÇÃO DA RELAÇÃO	80
5.2. OBJETIVOS DE UM MEGACASAMENTO	82
5.3. IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO PARA A FAMÍLIA	83
5.4. IMPACTO DO CASAMENTO NA RELAÇÃO	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXO I- ESBOÇO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA	94

ANEXO II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLRECIDO	95
------------------------------------------------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

O ato de casar com festa, vestido branco, bolo, e tudo o mais a que “os noivos têm direito” habita o imaginário feminino há muitos séculos. Da mesma forma que a maternidade foi, e ainda é, para algumas mulheres, considerada o ápice da satisfação feminina, o casamento é a concretização do amor, é o reconhecimento de que aquela relação tem valor, é algo especial. Durante séculos a mulher foi preparada para se tornar esposa, “a mais antiga profissão” (Prado, 1979). Com o casório a mulher deixava a casa paterna e ia viver com o marido e, por vezes, esse acontecimento não passava de um acordo entre famílias que gerava herdeiros legítimos. Com o transcorrer do tempo o amor passou a fazer parte desse pacote e, então, o ritual do casamento virou sinônimo da celebração desse amor. O dia do matrimônio devia ser aguardado com grande ansiedade pelas donzelas que finalmente poderiam viver o seu amor com toda plenitude. Com a flexibilização de alguns padrões morais nas sociedades mais modernas, como, por exemplo, a virgindade, o ritual do casamento não é mais obrigatório para legitimar um relacionamento amoroso. Ainda assim, o ritual do casamento é muito almejado e continua povoando o imaginário feminino.

O que chama a atenção na atualidade é o fato de pessoas comuns realizarem cerimônias que consomem enormes recursos. Ninguém se espanta quando uma figura pública, uma celebridade, transforma seu casamento no evento do ano, ocupando espaço na mídia impressa ou falada. Ao contrário, o público consumidor desse tipo de informação aguarda ansioso por notícias que exponham detalhes do evento. Mas o que leva anônimos a gastarem quantias que equivalem à compra de um imóvel próprio em uma mega cerimônia de casamento? Quem tem muito dinheiro já vive um estilo de vida mega: não mora em apartamentos, mas em mansões, não compra, roupas, mas grifes, não andam em carros populares, mas em carros de luxo, em resumo, estão acostumados a uma vida de excessos do ponto de vista dos menos favorecidos.

De qualquer forma, para o rico ou a classe média, sendo esta última o foco de nossa pesquisa, o casamento é um ato performático que formaliza e torna público uma relação privada. Diversos sites na internet esclarecem que o casamento pode ser celebrado em três versões, sendo que a grande diferença entre elas reside no número de convidados e não apenas nos custos da festa. Então, nesse sentido, existe o minicasamento, o casamento tradicional ou o megacasamento. Os mini *weddings* tem, normalmente um número máximo de 100 convidados. Os casamentos tradicionais vão, em geral, até 350 participantes e os megacasamentos são considerados a partir de 350 convidados. É justamente esse critério do

número de participantes que foi usado para a seleção das participantes da pesquisa. Com relação aos valores, obviamente quanto maior o número de convidados mais caro fica o evento, o que não significa que os megacasamentos são necessariamente os que mais gastam em sua realização pois, um casamento mais intimista pode ter custos bem elevados dependendo do local onde será realizado, da decoração escolhida, entre tantos outros fatores. Inclusive, existe uma infinidade de fontes digitais e impressas para orientar os noivos com o evento, mas, para não ter dúvida, é usual contratar um (a) cerimonialista, principalmente em um megacasamento. O megacasamento coloca os noivos no patamar de celebridades, com todos os *flashes* apontados para eles, em especial para a noiva que despendeu horas em sua preparação. Em um casamento desse porte não se conhece ou se tem proximidade com todos os convidados e por isso se extrapola a ideia de que o casamento serve para o casal compartilhar sua felicidade com as pessoas queridas.

A modalidade de relacionamento mais reconhecida e praticada ao longo do período cristão é o casamento. Seus objetivos, a forma de celebração das núpcias, seu significado para a sociedade, para a religião e para o indivíduo dependem da época e dos costumes vigentes no período. A união de um casal através de algum ritual que o formalize e o oficialize sempre existiu. A ritualização, ou seja, seus termos, tempo de duração, vestimentas, símbolos, costumes é que se modificaram com o tempo e a cultura. Essas cerimônias podem ser simples ou repletas de pompa e ostentação, podem ser restritas ao casal e à pessoa que vai oficializar a união, ou podem contar com centenas de participantes. E são diversos os fatores que levam o casal a optar por fazer este tipo de celebração: a religião, a cultura, as possibilidades financeiras, as exigências familiares, do Estado, entre outras. Cabe aos nubentes avaliar as opções, dentro de seus desejos e possibilidades, para a composição e organização da cerimônia.

Partimos da hipótese de que se um casal despende uma grande quantia para celebrar sua união, isso significa que este é um ato muito importante para eles. Mas o que torna a celebração do casamento imprescindível para estes casais? Por que gastar tanto? A que fins serve uma mega celebração? Manutenção das tradições? Imposição familiar? Gostar de aparecer, de ser o centro das atenções? Assim, objetiva-se verificar alguns dos aspectos que permeiam a realização de um megacasamento. Buscou-se investigar como as relações progredem do namoro para o casamento e como esse ritual de simbolização de um compromisso afetivo se torna um espetáculo. Também constituiu foco de pesquisa o sistema familiar devido à influência deste no contexto do desenvolvimento e progressão das relações

amorosas. Os problemas emocionais desenvolvidos nas relações intergeracionais podem interferir na escolha do cônjuge e também nas escolhas referentes a celebração do casamento.

Acreditamos ainda que nosso trabalho justifica-se pela contribuição ao entendimento de uma das múltiplas modalidades de relacionamentos presentes em nossa sociedade, o casamento oficializado em um mega evento, que vem sendo observado com certa frequência na cidade do Rio de Janeiro, em especial nas classes médias da zona sul. Considera-se importante compreender porque na sociedade contemporânea que vivencia a possibilidade de relações puras, amores líquidos¹, aumento da taxa de divórcios², o ritual pomposo de casamento continua sendo escolhido para selar uma união afetiva. Não se trata de questionar o ritual como um momento de transição ou o compartilhar de um momento feliz com pessoas amigas e familiares, mas de se indagar porque um mega evento é eleito para esse momento. Esperamos trazer à tona questões recentes e ainda pouco estudadas sobre como os novos padrões de exposição pessoal influenciam os casamentos na contemporaneidade, e que todos esses questionamentos venham contribuir para ampliar a visão não apenas de pesquisadores acadêmicos, como também de terapeutas, e outros interessados sobre o tema. As questões relacionadas a conjugalidade são do interesse da psicologia mais também de outras áreas de conhecimento, como, por exemplo, das ciências sociais, e da sociedade em geral. Por isso, além da psicologia, outras áreas de conhecimento também serão exploradas, como por exemplo a sociologia e a história de modo a permitir o aprofundamento no tema proposto.

O casamento nem sempre esteve a serviço dos interesses afetivos de um casal. Isso porque outros interesses, que não o amor, norteavam a escolha do pretendente e o objetivo do enlace. Não que o afeto não existisse, mas este podia ser irrelevante para a união. Para a Igreja, por exemplo, o sagrado matrimônio começou a ser estimulado e difundido com o objetivo de conter a sexualidade desregrada e ilícita, assim como local para a reprodução. Por isso, no primeiro capítulo, foi feito um breve histórico do casamento e de suas práticas na Europa a fim de melhor entender como essa modalidade de relacionamento se modificou ao longo do tempo e o que ainda se mantém nos tempos atuais.

As práticas matrimoniais europeias não desembarcaram no Brasil junto com os primeiros colonizadores. Como num primeiro momento só os homens foram enviados para a

¹ As relações puras e os amores líquidos serão abordados de forma mais detalhada em capítulo posterior

² Os dados do IBGE divulgados em 17/12/2012 apontam um crescimento no número de divórcios de 45,6% em relação a 2010. Desde que o instituto de estatísticas foi criado, em 1984, essa é a maior taxa. Já os casamentos, registraram aumento de apenas 5% no mesmo período.

colônia, e os casamentos formais e lícitos precisaram ser estimulados pelos jesuítas e pelo Estado. Esse assunto é tratado no segundo capítulo que conta um pouco da história do casamento no Brasil, num panorama que vai do período colonial e se estende até a contemporaneidade. A ideia é investigar que práticas ainda se mantem e o que se modificou no que diz respeito à celebração das bodas.

Os séculos XX e XXI, com sua alta velocidade, alto consumo, incertezas, fluidez, espetáculos, entre outras características, foram explorados no terceiro capítulo. Os valores da sociedade atual abrem espaço para o surgimento e a prática de novas configurações afetivas, como por exemplo, as relações puras e os amores líquidos. Uma sociedade de identidades contraditórias em que a tradição convive com o moderno, que estimula a satisfação dos desejos pessoais e estimula a busca pelos famosos “15 minutos de fama” é um terreno fértil para a propagação dos megacasamentos.

E quem são as atrizes desse show? Elas são descritas no quarto capítulo. Além da caracterização das participantes da pesquisa, neste capítulo foi exposto o método de coleta e de análise dos dados. Nos dois capítulos seguintes, quinto e sexto, foi apresentado o material colhido pelas entrevistas e procedeu-se à análise de discurso da fala dos entrevistados, a partir de categorias por nós estabelecidas conjuntamente com o referencial teórico proposto nos capítulos teóricos anteriores.

Finalmente, traçamos algumas considerações finais sobre as forças que atuam para que o desejo ou a intenção de dividir a vida ao lado da pessoa amada seja materializado em um megacasamento. Nesse somatório de forças temos a espetacularização da sociedade, a pressão familiar e os desejos, sonhos e anseios do casal. O tema não se esgota nessa pesquisa, podendo ter diversos desdobramentos, alguns deles sinalizados nas nossas Considerações Finais.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. HISTÓRIA DO CASAMENTO NA EUROPA

O matrimônio sempre foi balizado por direitos e obrigações que deveriam ser atendidos pelos cônjuges. Segundo Prado (1979), em algumas culturas mais primitivas, a única regra era que o casamento fosse exogâmico. Não se determinava a escolha do parceiro e nem o tempo de duração da relação, e aqui é curioso constatar que já houve época em que a relação não almejava ser vitalícia. De qualquer forma, a união afetiva, sempre passou por algum ritual, que pode combinar alguns fatores como ser discreto ou chamativo, reservado ou público, de curta ou longa duração. Além disso, as uniões sempre tenderam a ser acompanhadas e vigiadas, seja pela família, pelo Estado ou pela religião.

Segundo Dias (2004), a institucionalização do casamento já acontecia no período pagão. Na família romana pagã, o casamento tinha a função de gerar descendentes da mesma casta e servir para a representação pública da família. Apesar do casamento necessitar do livre consentimento dos nubentes, não se pode afirmar que essa escolha era tão livre assim. A família romana vivia sob a tutela do *paterfamilia* que tinha ampla autoridade sobre sua esposa, filhos legítimos ou não, concubinas, escravos e até sobre os clientes. Sua autoridade era tamanha que ele podia incluir ou excluir um descendente na família, sendo seu filho legítimo ou não, podia repudiar sua esposa, bem como a de qualquer um que estivesse sob sua tutela, entre outros atos, dependendo dos seus interesses. Por isso, o casamento não tinha necessariamente o compromisso com a formação da família e seus descendentes. Como assinala Dias (2004),

Como acto fundador de família, a ascensão à condição de paterfamilias tinha maior relevo do que o casamento. O casamento era, talvez por isso, um acto sobretudo privado, com um peso ritual moderado, o que pode, de certa forma, encontrar paralelo na flutuação dos vários formatos que celebram este ritual (p. 107).

Havia casamentos que eram considerados como tal após um ano ininterrupto de coabitação, havia aqueles em que a mulher passava da tutela do pai para a do marido enquanto em outros permanecia sob a autoridade paterna, havia também os casamentos entre pessoas de diferentes castas, ou, até mesmo entre cidadãos romanos e não romanos. Nos casamentos aristocráticos, chamados *conferreatio*, a celebração contava com a presença de um sacerdote. Os casamentos entre os camponeses, servos ou escravos não serão abordados

aqui, pois não demandam a atenção de nenhuma instituição de poder, uma vez que não há interesses econômicos a defender. Os casamentos da aristocracia romana, nessa época, não precisavam ter afeto ou prazer pois, visam atender questões diversas e era na companhia de concubinas que o afeto ou prazer se realizavam. A monogamia masculina não era necessária. De acordo com Dias (2004), o interesse do Estado pela vida privada dos romanos se deu por entender que ela afeta e gera reflexos para a nação e iniciou com as leis de Augustos sobre a família. O casamento foi institucionalizado e a natalidade e estabilidade das uniões conjugais estimuladas.

O Estado já intervinha na vida privada dos gregos. Na Grécia, o casamento mantinha o compromisso de atender as aspirações da família e do Estado, constituindo uma etapa obrigatória na vida de todos os cidadãos. Por isso, segundo Vrissimtzis (2002), durante certo período de tempo, por volta do século III a.c., vigorou uma idade máxima para o homem permanecer solteiro. Em Esparta, por exemplo, ela era de 30 anos e em Atenas não podia ultrapassar os 40 anos. Depois dessa idade, o casamento era obrigatório e, em caso dele não ocorrer, sofria-se punições. Por vários séculos, as disposições emocionais das pessoas envolvidas não foram consideradas um pré-requisito para que as uniões se dessem. Isto ocorria, pelo menos em parte, porque a mulher era completamente destituída de poder ou ambição. Seu consentimento não era necessário para a união e o papel que lhe cabia incluía a procriação e o gerenciamento doméstico. Tal fato não significava a proibição do casamento realizado por afeto ou afinidade, mas, antes, eram outros os ganhos esperados de um enlace matrimonial. Às vezes, a ligação emocional entre o casal emergia posteriormente à união, mas essa não era uma questão importante para os cônjuges, tanto que, segundo Vrissimtzis (2002), “nem antes, nem durante, nem depois, da cerimônia nupcial fazia-se votos de amor, fidelidade ou devoção entre marido e mulher. Os votos eram de prosperidade e fertilidade para os recém casados (p. 44).”

Além da interferência do Estado, os casamento também começam a absorver ideais da filosofia estoica. Esta defendia, a monogamia para ambos os cônjuges, a ajuda mútua, a relação sexual visando a procriação, o autocontrole como virtude, entre outras questões que contribuía para uma visão do casamento como algo benéfico para as pessoas e a sociedade. Assim, foi ainda no paganismo que se deu a divulgação da ideia de uma sexualidade dominada e integrada ao casamento. Esses ideais vão ser mais tarde incorporados pelo cristianismo. Vainfas (1992) relata que, no início do cristianismo, o casamento não era bem visto pelos padres e nem algo desejado para as pessoas, pois nele o pecado do desejo carnal se consumava. Nesse caso, a melhor opção era defender a virgindade e a castidade

dentro e fora do casamento, tanto para os homens quanto para as mulheres. O “desejo maligno” trazia, segundo os padres, um dilema, uma vez que aceitar o casamento poderia, de um lado, conter a promiscuidade mas, por outro, permitia o “pecado da carne”. Desta forma, segundo o autor, “o casamento foi, assim, hostilizado, deplorado enquanto instituição que permitia a manifestação do desejo e do desfrute da carne, mas foi também defendido, ao menos como espaço alternativo ao prazer desregrado (Vainfas, 1992, p.21)”. O casamento era tão desvalorizado que os casados eram os últimos a receber a eucaristia, que era concedida primeiro para os ordenados, depois para os continentais, seguidos das virgens e viúvas.

O modelo ideal era o da castidade ou o da continência, mesmo dentro do casamento. As virgens e os solteiros eram orientados a procurar pela vida monástica e a permanecerem castos. O mesmo valia para as viúvas que não deviam procurar outro casamento, buscando a continência. Mesmo aos casados, se incentivava a ter apenas as relações estritamente necessárias para a procriação, devendo se abster delas se já tivessem descendentes para assegurar a transmissão da propriedade. Havia até os dias interditos nos quais, por diversas razões, o casal devia se abster das relações sexuais. Inclusive, a educação para a continência devia ser ensinada desde cedo. Assim, “no mundo ideal, onde todos vivessem castos e puros, a espécie humana seria propagada como os anjos, sem a intervenção do pecado” (Vainfas, 1992, p.12)

Segundo Dias (2004) e Vainfas (1992), o casamento chegou a ser hostilizado, desencorajado, relacionado a uma vida cheia de angústias, conflitos e outros sentimentos negativos. A defesa do casamento no cristianismo veio mais tarde. Foi Santo Agostinho, teólogo do século V, o primeiro a ligar o matrimônio ao sacramento. Ele fazia uso de argumentos idênticos aos do Estoicismo³. Para Santo Agostinho, o casamento devia ter como finalidade a procriação, além da fidelidade e da estabilidade da relação. Porém, nessa época, os clérigos pouco intervinham no fluxo das uniões ou na cerimônia, que acontecia no âmbito doméstico. Nesse período, a mulher era vista como uma mercadoria, um bem que era “parte do patrimônio familiar e sua entrega a um homem selava a união de duas casas reais ou nobiliárquicas” (Vainfas, 1992, p.27). O casamento servia, assim, aos interesses econômicos e políticos da família e do Estado. Faz-se necessário observar que estamos nos referindo às formas de união ocorridas na aristocracia. Na aristocracia, segundo Prado (1979), o casamento era “uma decisão coletiva, pela qual dois grupos sociais resolvem criar laços de

³ Doutrina filosófica que defendia o casamento como sendo útil ao equilíbrio da alma e benéfico para a cidade por produzir descendentes.

obrigações recíprocas” (p. 86). Como já foi apontado, o chefe da família era o responsável por tal decisão e, em sua ausência, o parente masculino mais próximo assumia sua função.

Como o sentimento estava fora dos requisitos para o casamento, Vainfas (1992) assinala que as núpcias, de forma geral, incluíam a formalização de um acordo entre famílias. Em um primeiro momento, durante o *desponsatio*⁴, eram feitas trocas de promessas e bens (como, por exemplo, se estipulava o dote) entre ambas as partes envolvidas. Decorrido um período de tempo, realizava-se algum rito de passagem para celebrar a união do casal, que sempre incluía a entrega da “noiva” ao futuro marido e que era encenado na própria residência. Cabe apontar aqui que a vida da mulher não sofria alterações significativas com o casamento, pois este continuava a excluí-la do exercício do poder, uma vez que ela continuava devendo manter-se submissa à autoridade masculina – agora, à do marido - e contentar-se em realizar suas obrigações, principalmente como procriadora. Então, as núpcias também simbolizavam a passagem da autoridade paterna sobre a filha para a do marido sobre sua esposa.

A uniformização e universalização do ritual do casamento aconteceu aos poucos, impulsionado pela progressiva influência da Igreja sobre o Estado, que também contribuiu para estendê-lo para as classes menos favorecidas, pois o casamento civil já era acessível a todos os romanos desde o século III. Assim, o casamento começa a se estabilizar enquanto prática social, a vontade dos noivos começa a ter alguma relevância, a monogamia torna-se mais aceita e o Estado passa a se envolver mais no assunto. Como aponta Vainfas (1992),

A sacramentalização do matrimônio triunfou nos séculos XII e XIII e, já o dissemos, com grande dificuldade. Dificuldade posta, antes de tudo, por setores do clero apegados à tradição hostil ao casamento e, por conseguinte, à intervenção sagrada em domínio tão profano (p. 34).

Porém, segundo Vainfas (1992), foi somente no século IX que a Igreja passou a ser mais atuante, intervindo diretamente no casamento dos nobres. A maior institucionalização do casamento contribuiu para que este saísse do âmbito privado e o matrimônio deixou, então, o espaço doméstico e familiar para ser realizado na Igreja, diante da presença participativa do clérigo, onde ganhava sanção religiosa. No casamento cristão, a união deveria ocorrer por livre escolha (pelo menos em teoria), ser indissolúvel, monogâmica e o coito era permitido apenas com finalidade reprodutiva, acontecendo de forma natural (com o homem por cima) e sem ardor ou excessos.

⁴ Seria o período equivalente ao noivado.

Contudo, a defesa do matrimônio consensual estava longe de representar um estímulo ao casamento pautado no amor. O casamento continha a sexualidade e gerava descendentes. Já o amor, para os teólogos, estava relacionado com a dedicação a Deus, através de orações e da caridade. O amor no casamento devia espelhar a união com Deus, ou seja, sem sexo, discórdias, um desejando o bem do outro, mas mantendo o poder marital. A Igreja repudiava e hostilizava o amor erotizado, que podia levar ao “enlace dos corpos” e ao adultério, como era o caso do amor cavalheiresco e do amor cortês. Foi a partir dos séculos XI e XII que, segundo Vainfas (1992), o amor cavalheiresco entrou para as narrativas nobres. Era um amor vivido pelos heróis e cavaleiros. Quando seu alvo de afeição eram as donzelas, ele terminava no casamento e quando eram mulheres casadas, terminava em adultério. A mulher ainda era mantida em uma posição inferior ao homem, passiva, sem iniciativa, que, por vezes, precisava ser salva. O amor cortês começa a ser cantado pelos trovadores no fim do século XI. Segundo Del Priore (2006), o sentimento ficava mais na idealização do que na prática, e a dificuldade na sua concretização era o elemento que o alimentava, tornando-o “tão mais ardente quanto impossível” (p.70). Esse amor era impossível, pois o amante geralmente era pobre ou de classe inferior à da dama, além destas geralmente serem casadas. O amante deveria manter-se em uma postura de submissão à mulher e esforçar-se para merecê-la, sendo seu fiel servidor, mesmo que suas recompensas apenas se restringissem a um beijo ou à contemplação do corpo nu de sua amada. Como aponta Socci (1983),

O fenômeno do “amor cortesão” constitui outro passo à frente, pois o sexo se viu glorificado como adjunto da paixão. Por definição, porém, o amor só podia existir por livre escolha e como o casamento era um contrato imposto, a paixão só podia existir fora do casamento (p. 57).

Segundo Giddens (1993), a concepção do amor como paixão ardente era, de fato, vivida, na grande maioria das vezes, fora da união conjugal, por ser considerado perigoso. Isto porque esse tipo de amor impõe urgência, apresenta-se muito forte, leva os sujeitos a se comportarem como se estivessem sob um encantamento e faz com que as obrigações rotineiras sejam postas de lado. O amor não estava relacionado ao sexo e, como o coito conjugal servia à procriação, sua prática não exigia intimidade ou desejo. Aos cônjuges continuava a ser reservada a sexualidade casta, enquanto que o prazer pertencia às relações fora do sagrado matrimônio. Deste modo, “a Igreja estabeleceu um fosso entre o amor e o sexo, assim como havia promovido o divórcio entre o amor e o casamento: transformou o primeiro em caridade e o segundo em rito (Vainfas, 1992, p. 58)”

Foi só no século XVI que a Igreja finalmente impôs sua moral, através do Concílio de Trento (1536-1563). Segundo Soggi (1983),

o Concílio reafirmou que o casamento era um sacramento, a poligamia proibida, o divórcio não reconhecido ... Há apenas uma novidade, um grande avanço, aliás: o consentimento paterno não seria mais necessário; o que realmente contava era o consentimento livre dos noivos (p. 26).

Na prática, a livre escolha do conjugue não aconteceu de imediato, mas, ao contrário, essa realidade foi mudando aos poucos. Os casamentos continuavam a satisfazer os interesses patrimoniais e políticos da nobreza. Um olhar crítico sobre a insistência na manutenção das relações arranjadas, sem considerar o contexto e época dessas relações, é leviano e superficial. Esses casamentos eram o que permitia o pertencimento àquele meio social. Isso pode ser percebido claramente na corte francesa, mais especificamente durante o longo reinado de Luiz XIV, que será usado para exemplificar tal situação.

Havia uma estreita dependência dos nobres em relação ao rei e à corte, e vice-versa. Obedecer a certas convenções, estabelecer determinadas alianças, ou manter certos relacionamentos e posturas, mesmo que a contragosto, era fundamental para a sobrevivência na corte. Para um cortesão, ter que deixar a corte ou não ser mais reconhecido como pertencente a essa camada era sinônimo de morte social. Segundo Elias (2001), muitos cortesãos chegavam a “preferir morrer a deixar de pertencer à sua sociedade, o que significava deixar de se destacar da massa circundante” (p.112). A vida na corte era uma vida de aparências; sendo assim, o luxo e a riqueza não eram um fim e sim um meio de ostentação, uma forma de estar em evidência e, com isso, angariar prestígio e privilégios. Uma visão superficial da corte pode dar a impressão de que nela se levava uma vida confortável e livre de pressões. Contudo, o jogo de poder, a competição por status e a necessidade das representações para se assegurar a posição mantinham uma constante pressão sobre os cortesãos. Havia vários detalhes e obrigações com o que se preocupar, desde que roupa usar, até a forma como as casas eram construídas e decoradas, o jeito de se portar especial que demonstrasse domínio na arte de conversar e de lidar com as pessoas, entre outras exigências. A civilidade necessária para manter a posição e o nome da “casa” era um esforço de autocontrole e, de acordo com Elias (2001), “a coerção de representar o nível social é inexorável” (p. 83).

Essa civilidade era aprendida desde cedo pela criança nobre. Segundo Poster (1979), elas eram tratadas como adultos e o aspecto mais importante do seu aprendizado era saber obedecer a hierarquia social, mesmo que isso se desse por meio de punições físicas,

como, por exemplo, as vergastadas. Como a função da esposa estava relacionada a gerar descendentes e organizar a vida social, o gerenciamento da casa e dos filhos ficava a cargo dos serviçais. Assim, os aristocratas davam pouca atenção às crianças nos primeiros anos de vida e as entregavam aos cuidados das amas de leite, e mais tarde, dos criados. Segundo Poster (1979), “os cuidados com os filhos eram considerados abaixo da dignidade de uma dama aristocrática” (p. 198). Os cuidados maternos e a relação afetuosa com as crianças não eram valorizados, importava mais que os filhos aprendessem a se identificar com a linhagem, aprendessem as normas sociais de hierarquia, desenvolvessem uma mentalidade voltada para evitar a vergonha de sofrer condenações pública devido a atos considerados impróprios para sua classe social.

Os filhos também aprendiam como gastar o dinheiro pois, para pertencer à corte não bastava ter muitos recursos e sim ostentar de acordo com o que era estabelecido para a sua posição, nem mais nem menos. O “consumo de prestígio” levou vários nobres à falência já que os gastos se davam em função do status e não da renda. Os nobres eram legalmente proibidos de comercializar⁵ e, com isso, sua fonte de renda provinha da herança, da ajuda financeira do rei ou de outros grandes nobres, de algum cargo ocupado na corte, de empréstimos que contraía e, é claro, dos casamentos ricos. Como aponta Elias (2001),

o matrimônio aristocrático de corte realmente não tinha como propósito o que, na sociedade burguesa, chamamos de uma “vida familiar”. Na verdade, quando se realizava um casamento nessa esfera, o que estava em jogo era sobretudo a “fundação” e o “prosseguimento” de uma “casa” que correspondesse à posição do marido, aumentando o máximo possível seu prestígio e suas relações, de modo que o casal ganhasse ou pelo menos mantivesse a posição e reputação como representantes da casa no presente (p. 73).

Os casamentos realizados entre os membros da aristocracia da corte tinham o objetivo bem claro de manter ou ganhar posições sociais de privilégio. O afeto não era um valor a ser considerado, assim como a monogamia também não o era. Inclusive, a própria estrutura e funcionamento das moradias nobres facilitava encontros extra conjugais e seus moradores eram flutuantes e incluíam desde criados e clientes, às crianças de outras famílias. Já a disposição dos quartos refletia a falta de proximidade entre o casal. Segundo Elias (2001), o marido e a esposa dormiam em quartos separado, os chamados “*appartements privés*”, que eram posicionados um de frente ao outro, de forma que as portas ficavam frente a frente, porém os quartos eram separados por um grande pátio existente entre eles. Mesmo

⁵ Esta proibição impedia a ascensão da burguesia e contribuía para a manutenção da monarquia absolutista.

posicionados frente a frente não era possível saber o que acontecia do outro lado do pátio, não apenas pela distância como também pelo fato da janela ficar nos fundos, para se avistar os jardins. Tanto o marido quanto a esposa podiam receber em seu “*appartement privé*” os amigos de ambos os sexos, que também podiam ser recebidos no seu “gabinete particular”, anexo aos respectivos quartos. Este fato demonstra não só o pouco controle que os cônjuges tinham sobre a relação mas, também, como não havia uma preocupação com a afetividade do casal, não existia uma preocupação com a fidelidade. A pressão ou coerção sofrida pelos cônjuges vinha da sociedade, que exigia o cumprimento de alguns compromissos formais referentes à posição que ocupavam, e “certos contatos entre o casal são requeridos pelo decoro, convenções e dever de representação” (Elias, 2001, p.72).

Assim, na alta nobreza o contato com o cônjuge podia ser mínimo, restrito às obrigações sociais, favorecendo que cada um frequentasse círculos sociais bem distintos e tivesse certa liberdade sexual. Não se pode fazer afirmações generalizadas, contudo, de que não existia amor nos casamentos aristocráticos. A afeição sincera podia estar presente, apenas não era, de forma geral, determinante para o matrimônio. Do mesmo modo, também não se pode afirmar que todos os casamentos fora da corte eram contraídos livremente. Muitas vezes outras camadas sociais impunham casamentos aos seus descendentes visando à ascensão social. O importante aqui é ressaltar que os arranjos feitos através dos casamentos da nobreza da corte eram fundamentais para a sobrevivência dentro daquele grupo. Eles tinham um sentido e funcionavam independente da afetividade, que hoje é tão valorizada.

Esse padrão de matrimônio começou a ser criticado pela baixa nobreza, mais provinciana, que começava a fomentar ideais de um amor mais romântico, pelo menos na literatura. Segundo Elias (2001), os nobres mais modestos estariam buscando um amor mais puro e apaixonado, que fosse exclusivo e realizado através do casamento. Se na alta nobreza a escolha do pretendente era feita pela família com base na procedência do pretendente, ou seja, considerando sua “casa” e prestígio, os nobres mais modestos procuravam por atributos pessoais, sonhavam em escolher a pessoa certa. “Na versão aristocrática, encontramos aqui uma forma de relacionamento amoroso bastante similar ao ideal amoroso romântico da literatura burguesa posterior” (Elias, 2001, p. 257).

O modelo familiar burguês data de meados do século XVIII, e sua importância se deve ao fato de, segundo Prado (1979), ter se tornado “o modelo ideológico de todas as camadas sociais às quais se estendeu” (p. 85). A família burguesa, ou família moderna, surge no cenário europeu em uma época em que o Estado se fazia cada vez mais presente, se tornava bem mais nítida a separação entre os espaços e bens públicos e privados ou

particulares, a alfabetização estava se desenvolvendo e crescendo, e o individualismo e a busca por intimidade também estavam em expansão. A família vai deixando, assim, de ser uma unidade de produção para se tornar um local de refúgio, onde o afeto é valorizado nas relações entre os membros dos casais e entre pais e filhos, dando-se mais atenção à infância.

A família burguesa estabeleceu uma nítida separação entre o que pertence ao ambiente público e o que pode ser considerado privado. O espaço doméstico ficou, assim, reservado às mulheres e o espaço público aos homens. A privatização do espaço doméstico transformou o lar em um refúgio tranquilo ao conturbado e amoral mundo do trabalho, que se dava na esfera pública. Essa separação entre o espaço público e o privado também alterou a estrutura das residências burguesas, que passaram a ter cômodos funcionais, separando os ambientes por sua especialização, como, por exemplo, a cozinha, a sala de jantar e de visitas, e os quartos, estes últimos lugares íntimos e reservados aos membros da família. “Separava-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: a cada uma era determinado um local apropriado como o quarto, o gabinete ou o salão” (Ariès, 2006, p.185). A partir de então, além de paredes e fechadura nos quartos, a cama do casal ganhou posição de destaque. A circulação dentro da residência foi restrita aos pais e filhos, mantendo fora os serviçais, clientes e amigos. Inclusive, visitas sem aviso prévio não eram mais bem vindas. Essa mudança levou a uma maior intimidade entre os membros da família e também permitiu uma maior individualidade. Agora era possível ter momentos de isolamento e privacidade.

A demarcação de um limite entre a família burguesa e o mundo externo a ela também constituiu, segundo Poster (1979),

um padrão emocional particular que serviu para promover os interesses da nova classe dominante e registrar de um modo sem paralelo os conflitos de idade e sexo. Na família burguesa, nasceram novas formas de opressão de crianças e mulheres que dependiam de mecanismos críticos de autoridade e amor, de intensas emoções ambivalentes (p. 195)

Os conflitos de idade se davam entre os filhos e os pais nas disputas de quem recebe afeto de quem. Se antes as crianças eram entregues aos cuidados das amas de leite, agora os pais passaram a ser responsabilizados pelo seu desenvolvimento sadio. Até esse momento, segundo Badinter (1985), a criança não tinha muito valor e as taxas de mortalidade infantil eram altas. Foi no seio da família burguesa que a infância passou a ser valorizada, sendo necessário cuidar da criança com ternura, com amor, sem esquecer de ser firme e punitivo quando necessário. A punição não era física, como acontecia na família aristocrata, mais sim emocional. A ameaça de punição feita pelos pais era da retirada de afeto. Ao mesmo

tempo que os filhos recebiam sentimentos de amor intensos, não deviam decepcionar seus pais. Para isso era necessário internalizar as normas, desenvolver autocritica e assim evitar o sentimento de culpa.

Já os conflitos entre os sexos decorriam da marcada divisão de tarefa por gênero, fundamentada na constituição biológica e emocional, como aponta Hunt (1991):

o útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães (p. 50).

A maternidade passou a definir a mulher e o seu papel no mundo. A mulher deveria se dedicar integralmente aos filhos e ao marido, já que sua biologia a constituiu para ser instintivamente maternal, dócil, frágil, abnegada e ingênua. Ao homem cabia a responsabilidade pelo sustento financeiro da família e sua proteção.

Na mesma época em que a família burguesa se desenvolvia e se consolidava, surgia um movimento social mais amplo, que englobava a literatura e a política, entre outras áreas, e que mudaria as bases para a escolha do cônjuge. Era o romantismo que, inspirado pelos ideais de liberdade e auto-realização do Iluminismo, tinha uma abrangência maior, que ia além do relacionamento entre os membros de um casal. Ele consistia, na verdade, em um protesto contra a moral vigente e em uma valorização das emoções. Ele entrou em cena no final do século XVIII. O amor romântico foi acompanhado pela elaboração de um código de conduta, em que os sentimentos eram expressos mais por gestos do que por palavras. Segundo Giddens (1993), o amor romântico trouxe liberdade para se escolher o pretendente, responsabilizando a pessoa por tal escolha e, conseqüentemente, por sua felicidade. Como a separação era considerada exceção para situações específicas, o pretendente tinha que ser especial para valer a pena uma existência ao seu lado.

Contudo, foi apenas nos séculos seguintes, principalmente entre a burguesia, que o amor romântico se consolidou como um elemento fundamental para o casamento pois, segundo Prado (1979),

A sociedade burguesa ainda ligada às conseqüências de uma divisão de bens, da transmissão de bens essenciais, da riqueza das terras no campo, manteve ainda algum controle sobre essas alianças matrimoniais. Mas a importância desse controle tende a diminuir na medida em que as fortunas são menos patrimoniais. Um funcionário bem colocado dentro da hierarquia do Estado

é às vezes uma aquisição mais importante para a família, através do casamento de uma filha, do que um rapaz pertencente a uma família de alto padrão de vida mas sem futuro econômico (p. 87).

Assim, apesar da livre escolha do futuro marido, ainda havia jovens que descartavam pretendentes que não agradavam a sua família. Como a prática do dote continuava em vigor, o melhor seria tentar unir o útil ao agradável, encontrando um(a) noivo(a) com quem houvesse alguma afinidade e que também favorecesse os interesses familiares, uma vez que o afeto entre os cônjuges poderia brotar após as núpcias. Quando havia um envolvimento emocional prévio entre os jovens, a família investigava o pretendente, buscando saber se ele era respeitável, tentando conhecer sua posição social e até mesmo a sua opinião política. Segundo Martin-Fugier (1991), o(a) futuro(a) noivo(a) podia ser um conhecido da rede de relações familiares ou alguém que haviam encontrado em um evento social, como um baile ou sarau. Surgindo o interesse, o rapaz fazia saber ao pai da jovem sua intenção e os pais do futuro noivo faziam o pedido oficial aos pais da moça. Um jantar entre as duas famílias era, então, marcado na data do primeiro encontro, quando seria formalizado o noivado com a entrega da aliança à noiva⁶. A corte era feita através de visitas diárias, que eram acompanhadas por um familiar responsável. A corte permitia que os jovens se conhecessem melhor e exigia recato e pudor por parte da noiva. O casamento geralmente se realizava no prazo de dois a três meses após o noivado, período de tempo necessário para se preparar o enxoval. A cerimônia religiosa podia acontecer juntamente com a oficialização civil ou realizava-se posteriormente. No caso dos casamentos católicos, a cerimônia preservava o mesmo ritual que se iniciou no século XI e que perdura até hoje: a noiva era entregue pelo pai ao futuro marido, com direito a vestimenta branca. Já a viagem de núpcias, conhecida atualmente como lua de mel, data de 1830. Estimulava-se a viagem de núpcias após a cerimônia, ou algumas semanas depois, pois ela favorecia uma maior aproximação e intimidade entre os recém casados.

Foi somente no decorrer dos séculos XIX e XX, que o amor romântico se consolidou como a razão para a união matrimonial. Contudo, a natureza distinta dos sexos ainda governava os relacionamentos amorosos. Esperava-se que o homem promovesse a segurança emocional e financeira da família, enquanto a mulher era encarregada do cuidado e gerenciamento da casa e da prole. Segundo Rocha-Coutinho (1994),

Não havia lugar para a mulher e seu próprio prazer, sua própria satisfação, mas apenas, para aquilo que estava voltado a atender e satisfazer às

⁶ Até o final do século XIX apenas a mulher usava a aliança.

necessidades de sua casa e de seus familiares. Era preciso que ela se esquecesse de si mesma para melhor poder amar e cuidar dos seus (p. 98).

Educada para dedicar-se exclusivamente ao casamento, sua formação voltava-se para torná-la uma excelente gerenciadora da vida doméstica. Desta forma, não se fazia necessário cursar o ensino superior e, havendo dificuldade em encontrar um marido, ela podia recorrer ao auxílio das “casamenteiras”⁷. Assim, a mulher de classe média podia trabalhar, desde que até o casamento ou, no mais tardar, até o nascimento do primeiro filho. Vale ressaltar que, apesar da existência deste padrão de conduta aceito pela maioria da sociedade, as mulheres das classes menos favorecidas não podiam se dedicar exclusivamente ao lar e aos filhos, uma vez que sempre precisaram contribuir para seu próprio sustento e para aumentar a renda familiar.

Na segunda metade do século XX, os movimentos feministas tiveram importância fundamental para a mudança da imagem do casamento tradicional. Levantou-se importantes questionamentos a respeito das bem demarcadas e estabelecidas posições de cada cônjuge dentro da relação afetiva o que desencadeou, nas universidades, um novo campo de estudos que ficou conhecido como Estudos de Gênero. O termo gênero delimita um conjunto de características específicas para homens e mulheres que, ao contrário do sexo, vão além das diferenças biológicas. Nele se considera tudo aquilo que foi construído e introjetado a partir do discurso social. Juntamente com o surgimento da pílula anticoncepcional, a inserção cada vez maior da mulher de classe média no mercado de trabalho e o divórcio, os Movimentos Feministas causaram uma verdadeira reviravolta nos relacionamentos amorosos.

Da mesma forma, a tecnologia também evoluiu, contribuindo para modificar e transformar inclusive a forma de se pensar e viver os relacionamentos amorosos. Se há alguns séculos atrás a comunicação com pessoas distantes fisicamente era um processo difícil e lento, hoje, através de novas tecnologias, como, por exemplo a internet, a comunicação poder ser imediata, ao vivo e a cores. Podemos até nos apaixonar por essa pessoa sem nunca ter acontecido uma proximidade física. Esse é apenas um exemplo de relacionamento amoroso impensável há séculos atrás, não só por não existir a tecnologia apropriada, mas também pelo fato de não existir a possibilidade do desejo individual na escolha dos relacionamentos íntimos nas classes abastadas. Inclusive, falar de casamento por amor até o século XIX, com a visão que temos hoje do que seria essa relação, parece descabido. Isso porque o amor não era o grande motivador de uma união. O casamento era a única forma de envolvimento íntimo

⁷ As casamenteiras eram mulheres da burguesia, tidas como confiáveis, que procuravam promover o encontro de jovens que julgassem compatíveis.

aceito pela sociedade ocidental entre um homem e uma mulher, mas este expressava apenas os interesses familiares e não o afeto. Ainda se pode encontrar os matrimônios arranjados, seguindo outros interesses que não o amor pois, como aponta Figueira (1987), no mundo atual, “o moderno convive com o arcaico” (p. 29) e, assim, um novo padrão não se sobrepõe a um antigo, mas sim coexiste com ele.

Dos casamentos arranjados para os contemporâneos, que se tornou a expressão maior do afeto entre o casal e a concretização do desejo de estar junto, vários fatores além do afeto foram lentamente se modificando, acompanhando as transformações sociais. Por exemplo, o casamento não é mais necessário para se ter uma vida sexual regular. A sexualidade socialmente aceita, que era exclusividade do matrimônio tornou-se responsabilidade dos sujeitos, além de não ser mais praticada unicamente para a procriação. Além disso, atualmente se espera que o sexo proporcione prazer para os dois componentes do casal. Outra mudança ocorrida nos relacionamentos afetivos foi o questionamento da divisão de gênero no caso das atribuições domésticas. A mulher antes tida como biologicamente preparada para a lida com a casa e as crianças, pode hoje vislumbrar outras opções de satisfação pessoal que não o cuidado com a família e a casa.

A longevidade do casamento também é um dos fatores que foi alterado com a passagem dos séculos. O casamento não sustenta mais a promessa de união eterna, e sua dissolubilidade foi facilitada com o divórcio, que segundo aponta Féres-Carneiro (2003), é mais solicitado pelas mulheres. A separação já foi condição difícil de ser sustentada, tanto pela discriminação social que a mulher divorciada sofria, quanto pelo fato do marido poder se recusar a concedê-la. Essa postura masculina seria considerada absurda nos dias de hoje, mas na época era aceita pela sociedade. A determinação do que é absurdo ou não em um relacionamento vai depender do contexto sócio-cultural e da época em que está inserido, como veremos mais adiante.

2.2. O CASAMENTO NO BRASIL: DA COLÔNIA AO SÉCULO XX

No Brasil, as motivações para se oficializar a união de um homem com uma mulher, através do casamento, assim como a cerimônia de celebração do enlace, se modificaram de forma significativa da época colonial até os dias atuais. O significado do casamento, seus ritos e objetivos foram, por alguns séculos ditados pelas tradições herdadas do velho continente mas, mesmo sob o olhar vigilante da Igreja católica, se modificaram ao longo do nosso processo de colonização, aclimatando-se à nossa realidade.

Segundo Rocha-Coutinho (1994), no início do processo de colonização apenas os homens eram enviados ao Brasil e as primeiras uniões que se realizaram no solo brasileiro se deram entre os colonizadores portugueses e as índias e mamelucas, inicialmente, e as escravas africanas, posteriormente. Estes portugueses, por vezes eram, casados mas vinham desacompanhados das esposas o que contribuía para a bigamia. Deste modo, essas primeiras uniões não tinham o valor de um casamento, seja na Igreja ou no civil. As europeias só começaram a desembarcar por aqui a partir do momento em que esses colonos começaram a fixar residência no território brasileiro. Assim, “as índias e negras deram-lhes muitos filhos bastardos, e as mulheres brancas, que foram aumentando paulatinamente em número, acabaram eleitas para o matrimónio” (Algranti, 1997, p. 137).

Um fator que contribuiu para a vinda das mulheres europeias para o Brasil foi a pressão exercida pela Igreja, através dos padres jesuítas, e o projeto colonizador do Estado Português. A administração colonial visava não só fixar em povoações e vilas a população que estava dispersa pelo território brasileiro, mas também fazê-la crescer e desenvolver a agricultura. Assim, os governadores solicitavam a vinda de mulheres e casais para o novo continente, não só para prosperar, mas para gerarem descendentes “vigorosos e robustos”, diferentes dos mestiços, que eram considerados frouxos, fracos e debilitados.

Mesmos sendo incentivado, o casamento religioso, quando acontecia, era após vários anos de concubinato, seja pela distancia das Igrejas, seja pela burocracia e impedimentos impostos por esta, como, por exemplo, o casamento entre parentes. Segundo Silva (1984), era comum acontecer antes do matrimônio a coabitação dos noivos, os esponsais e a cópula entre o casal. Isso porque, “nos primeiros tempo da colonização, os Portugueses traziam da metrópole duas práticas matrimoniais, ambas pelas Ordenações do Reino: o

casamento “à porta da Igreja” e o casamento “presumido”⁸ (p. 37). Supunha-se o casamento após convivência prolongada e pública.

Assim como o concubinato, os esponsais seguidos de coabitação podiam acontecer previamente ao casamento ou mesmo serem considerados como tal pela população colonial. Os esponsais consistiam em uma promessa de casamento que acontecia em uma data previamente estipulada, na presença de testemunhas, quando os esposos trocavam presentes como forma de consolidar os juramentos. Era uma celebração similar ao noivado atual, mas nesse último caso se trocam alianças e não presentes. Como já foi mencionado, muitos esponsais eram seguidos de coabitação e assim permaneciam sem maiores cerimoniais. Outros não progrediam para o casamento devido à mobilidade geográfica, que levava a longas viagens por parte dos homens, muitas sem volta, e ao recrutamento.

Muitas moças perderam a virgindade devido a promessas de casamento que nunca se concretizaram. Isso era um assunto sério, pois moças desonradas viam as chances de um futuro casamento diminuírem consideravelmente. A partir do século XVIII as moças e sua família começaram a exigir que essas promessas fossem escritas e tivessem o apoio do Estado, que exigia que os desposórios de futuro fossem lavrados pelo tabelião. A desistência, no início, era punida com a pena que havia sido preestabelecida na escritura. Na Bahia, por exemplo, além da compensação financeira, o rompimento dos esponsais podia ser punido com prisão e degredo. Com o passar do tempo, os esponsais passaram a ser vistos apenas como um contrato suscetível a revogação e, nessas ocasiões, entre os fidalgos, era de bom tom a noiva devolver os presentes recebidos.

Segundo Silva (1984), a prática da promessa de casamento oral se manteve no período colonial e, além das trocas de presentes, às vezes se fazia também uma escritura particular, ou seja, sem efeito legal. Outra promessa verbal que era feita e chegou a resistir, mesmo ao fim do período colonial, era a promessa de dote. “Este era o tipo de contrato antenupcial característico dos membros da nobreza, entre os quais as alianças matrimoniais significavam apenas a justaposição de duas casas nobres e não sua fusão” (Silva, 1984, p. 99). A autora faz uma ressalva de que geralmente se usa o termo dote para descrever qualquer quantia em dinheiro dado a noiva em decorrência do casamento, porém o dote tem conotações diferentes dependendo do contexto. A escritura de dote feita nos casamentos nobres equivale à atual separação de bens, ou seja, o marido não tem direito ao dinheiro da mulher. Já nos

⁸ este último resultava de uma convivência prolongada e foi confundido com o concubinato após o Concílio de Trento.

casamentos plebeus o sistema mais comum era o da meação, onde havia comunicação dos bens. Nesse caso o dote significava o adiantamento da legítima⁹.

Independente dos contratos verbais ou legais, para a Igreja interessava combater o concubinato, assim como os esponsais. Segundo o costume colonial, “ser marido e mulher era viver como marido e mulher, partilhando da mesma casa, da mesma mesa e do mesmo leito” (Silva, 1984, p. 111), embora a Igreja não considerasse essas uniões como um casamento verdadeiro. Após o Concílio de Trento (1545-1563), os casamentos realizados sem a presença do pároco e de pelo menos duas testemunhas não tinham validade perante a Igreja e eram considerados clandestinos. A Igreja se preocupava com o fato dessas uniões poderem ser desfeitas facilmente e/ou com o fato do contraente já ser casado ou ter algum outro tipo de impedimento. A Igreja também regulava a sexualidade, que só devia acontecer dentro do sagrado matrimônio e com fins de reprodução e, por isso, queria evitar a cópula que se seguia às promessas de casamento. O Estado passou a colaborar com os esforços da Igreja para combater os casamentos clandestinos apenas um século depois e, mesmos assim, segundo Silva (1984), eles devem ter perdurado para além do século XVII, já que “para as populações de então, eles eram casamentos autênticos” (p. 113).

Os casamentos tridentinos eram caros e burocráticos. Era necessário ter uma autorização paterna para os menores de idade¹⁰, sendo que o rapaz devia ter no mínimo 14 anos e a moça 12 anos. Além disso, precisava-se avisar com antecedência ao pároco para haver tempo de investigar se havia algum impeditivo ao matrimônio, como por exemplo, um casamento anterior. Também era preciso apresentar uma infinidade de papéis, como, entre outros, certidão de batismo, de residência e, atestado de óbito (para os viúvos). Para Silva (1984),

Com todos esses entraves burocráticos, ainda mais complicados pela dificuldade de locomoção e também pela vida itinerante de muitos habitantes da capitania, os casais de menos posses, incapazes de encontrar um fiador ou de pagar caução pela falta de algum dos documentos exigidos, desistissem de contrair matrimônio pelo rito tridentino. (Silvia, 1984, p.117)

A forma de se relacionar, o afeto e o sexo variavam conforme a classe social. Os membros das classes menos favorecidas tinham maior liberdade afetiva e sexual, e eram quem mais praticava o concubinato ou outros tipos de relações consensuais. Eles não tinham interesses outros que precisassem ser assegurados de forma legal. Além disso, como já exposto, as despesas com a papelada eram bem altas. Mesmo assim, segundo Vainfas (1997),

⁹ Corresponde a parte dos bens a que um herdeiro tem direito.

¹⁰ Naquela época a maior idade era atingida aos 25 anos.

o casamento legal foi bem difundido na sociedade colonial e há registros de casamento entre a população escrava e parda, liberta ou não, e entre trabalhadores livres. Nas famílias da elite, o matrimônio cristão com interesses patrimoniais cancelava as uniões conjugais.

Segundo Costa (1989), o modelo da família de organização patriarcal foi dominante no período colonial, sendo que alguns de seus traços perduram até hoje no país. A família patriarcal era marcada pelo poder absoluto do patriarca e por uma rígida distinção dos papéis de gênero. O homem era responsável por gerenciar os bens e a propriedade; e a mulher, sempre submissa e passiva, intervinha nas questões relativas ao trabalho doméstico e à criação dos filhos, permanecendo reclusa no lar, sob a autoridade do marido. As grandes distâncias geográficas favoreciam o isolamento feminino. O patriarca podia intervir nas questões da vida privada de seus familiares e de qualquer um que estivesse sob seu domínio, como os escravos e, posteriormente, os colonos que imigraram para trabalhar nas fazendas e a ele deviam obedecer. Assim, nesse estrato social, os casamentos eram resultado de arranjos entre famílias, visando algum benefício social ou econômico e o envolvimento afetivo do casal não era importante.

Assim, como mencionado, os matrimônios nas classes mais altas aconteciam com o intuito principal de manter ou aumentar a riqueza das famílias, bem como conservar alianças de ordem política, social ou econômica e de gerar herdeiros. Não havia possibilidade de escolha do cônjuge. O que se observava nos pretendentes era sua origem social, para evitar a mistura da aristocracia com outros grupos que não tivessem a mesma condição financeira ou a mesma etnia. O amor e o deleite aconteciam nos “tratos ilícitos”¹¹ (Vainfas, 1997, p. 237).

Como a modalidade de casamento mais praticada na elite era a que assegurava a manutenção dos interesses familiares, econômicos, sociais e políticos, o adultério era um subproduto, tolerado, desses casamentos arranjados. Algranti (1997), relata que eram frequentes as práticas contrárias às normas impostas pelo Estado e pela Igreja, como, por exemplo, o adultério, o concubinato e o grande número de filhos ilegítimos. O amor e a paixão aconteciam fora do casamento, em que as pessoas se envolviam por afinidade e não por interesses. Como aponta Priore (2006), existiam no Brasil na época

Dois tipos de conduta sexual: uma, conjugal, com a única finalidade de procriação. Outra extra conjugal, caracterizada pela paixão amorosa e pela busca de prazer. A mulher era duramente tratada pelo homem, que a considerava um ser inferior, mais frágil, mais fraco. Amá-las? Só fisicamente. E, de preferência fora do casamento. Matrimônios, por seu

¹¹ Eram considerados tratos ilícitos as relações acontecidas entre o senhor e as escravas, com os clérigos, no concubinato e adultério.

turno, só os bem pensados em termos de bens. Casamento bom era casamento racional (p. 107).

Segundo Mello (1997), “à convivência conjugal bastava a estima e o respeito mútuo, a reciprocidade de serviços, sobretudo em caso de doença” (p. 397). Isso não significa, contudo, que não tivesse havido casamentos felizes ou bem sucedidos afetivamente. O que se pretende sinalizar aqui é que o afeto entre os abastados não era sequer considerado como relevante para um matrimônio. Porém, é importante ressaltar que sempre houve exceções. Havia filhos (as) que se rebelavam contra a autoridade paterna, como acontecia nos casos de raptos¹² e também havia pais mais flexíveis, que permitiam casamentos onde a afeição era considerada na escolha do cônjuge. Inclusive, no período pombalino (1760-1808), os filhos podiam buscar na justiça um consentimento para realizarem o matrimônio à revelia dos pais. Caso o recurso fosse atendido, bastava apresentar a licença para o pároco. Contudo, havia uma certa cooperação do Estado ao impedir certos casamentos indesejados pelas famílias. Ao Estado interessava reforçar o poder paterno, pois “a desobediência ao pai era análoga a desobediência ao príncipe, pai dos súditos” (Silva, 1984, p. 120). Assim, filho (a) menor de idade que casasse sem a autorização paterna ou de quem estivesse exercendo o pátrio poder, perdia o direito à herança. A desobediência do rebento era perdoada caso o casamento não autorizado constituísse um arranjo melhor do que aquele que o patriarca conseguiria.

O matrimônio é indissolúvel para a Igreja e, assim, era prudente achar um bom pretendente. Este podia ser escolhido dentro da própria família, podendo ser um tio (a), primo (a), um parente distante ou próximo. A endogamia era vantajosa por assegurar a igualdade social dos cônjuges, evitando a mistura da aristocracia com a plebe ou com outras etnias e também por assegurar a permanência dos bens dentro da família. Além disso, no meio rural não havia muitos pretendentes disponíveis e as enormes distâncias geográficas dificultavam o contato social, favorecendo o isolamento. Nas relações, endogâmicas ou não, a diferença etária, mesmo que acentuada, não era um problema. O que se observava era a idade mínima para o enlace: 12 anos para a menina e 14 anos para os rapazes. De acordo com Pereira (2000), as idades foram determinadas pela capacidade de gerar e manter uma família. Ou seja, aos 12 anos, a menina já era considerada capaz de procriar, de gerar descendentes e o “varão” precisava esperar um pouco mais, até que fosse mais maduro e pudesse assumir as

¹² Uma “modalidade de casamento” que figurava nos jornais da época era o rapto. As vezes, quando os pais não consentiam a relação, a moça permitia o “rapto”, baseada na promessa de casamento por parte do rapaz. Ela era levada para a casa de alguém importante da cidade, que lhe fornecia asilo, a família era avisada e acabava por casa-la rapidamente e sem pompas para preservar sua reputação. Caso o pretendente desistisse ou fugisse abandonado a moça era perseguido e punido.

responsabilidades financeiras e de gerência da família. Assim, era comum as moças engravidarem após o casamento sendo condenado o uso de qualquer método contraceptivo. As sucessivas gestações ou os problemas no parto levaram ao óbito muitas mulheres. O viúvo, mesmo que com idade avançada, tratava logo de contrair novo matrimônio com uma donzela. Priore (2006) traça o seguinte retrato das jovens colonas: “belas aos 13 anos, matronas aos 18. E pesadas senhoras, cercadas de filhos, um pouco depois” (p. 122).

O namoro e o noivado eram praticamente inexistentes. Aconteciam discretos flertes durante os poucos momentos de interação social que se davam nas missas ou festas religiosas, quando se aproveitava para trocar olhares que eram respondidos pelos homens com piscadas de olhos, fungadas de nariz (como quando se está resfriado), tosses, assoar o nariz e até cuspidelas. A Igreja tinha um papel importante nos encontros, uma vez que, seja a capela de engenho ou a igreja paroquial, elas foram, segundo Vainfas (1997), “convertidas em espaço para namoricos, marcação de encontros proibidos, traições conjugais” (p. 258). Eram um dos raros espaços privados para os jogos amorosos dos quais, muitas vezes, participavam os próprios clérigos.

As mulheres da elite viviam confinadas e só saíam na companhia de mucamas ou de parentes do sexo masculino, o que não evitava as transgressões, como já mencionado. Uma vez acertado o enlace dos filhos, não havia motivos para demorar com a oficialização e nem para os nubentes se conhecerem, já que teriam a vida toda pra isso. Inclusive, alguns jovens já tinham seu pretendente estabelecido pelos pais na infância, esperando-se apenas que atingissem a idade adequada para se casar. Alguns chegavam ao casamento sem nunca conhecer ou ter visto o futuro cônjuge, o que realmente é irrelevante em um casamento arranjado. A conversa entre o futuro casal era praticamente inexistente e, se o pedido não tivesse sido feito, e mesmo durante o noivado, esse encontro só acontecia na presença dos pais. Era preciso conservar a virgindade da moça, tida como “condição básica” (Priore, 2006, p. 143) para o matrimônio.

A dinâmica das relações conjugais na colônia foi se alterando um pouco com a chegada da família Real ao Rio de Janeiro, em 1808. Esta se instalou na cidade e tentou reproduzir o estilo de vida europeu: festas, teatro, tecidos nobres, móveis e utensílios sofisticados. Trouxe, assim, luxo às rústicas casas e às vestimentas dos colonos. Estas movimentações levaram muitas famílias a deixar o campo e a estabelecer residência definitiva na cidade. Foi também no século XIX que os romances difundiam histórias de casamento por amor mas, apesar dos livros relatarem a possibilidade de escolha, fora da ficção ainda eram os pais que faziam essa escolha.

As mulheres, que antes viviam confinadas nas fazendas, começaram a frequentar os eventos sociais que permitiam maior aproximação dos solteiros, como, por exemplo, teatro, bailes, passeios a cavalo, piqueniques, recepções e saraus. As moças também tinham a possibilidade de escutar das janelas e sacadas declarações e serenatas. Segundo Priore (2006), os ambientes para o rito amoroso se ampliaram no Brasil oitocentista para além dos eventos religiosos. Apesar disso, a interação entre os sexos era bem discreta, o cortejo acontecia de forma bem sutil, feito por trocas rápidas de olhares, piscadas de olho, pequenos gestos, poucas palavras cochichadas, suspiros e rubores. Também se utilizava mensageiros, que podiam ser meninos de recado ou mucamas e escravos de confiança. Assim, eram marcados encontros e trocadas declarações de amor. O ambiente rural era mais rígido e os eventos mais restritos, como, por exemplo, reuniões realizadas nas residências com amigos ou vizinhos, festas religiosas e saraus.

Ainda de acordo com Priore (2006), existem poucos registros das cerimônias de casamento. No sertão brasileiro os festejos das famílias da elite podiam durar vários dias. Devido ao clima, as cerimônias costumavam acontecer entre os meses de maio a julho, quando então arrumavam a casa para receber os parentes, contratavam músicos e esbanjavam comida que devia ser bem variada. Ostentava-se para mostrar o poder econômico da família. Nas cidades as bodas das famílias das classes mais favorecidas se davam na casa da noiva, com poucos convidados mas com muito luxo. Na Corte, além da suntuosidade, era dada especial atenção às negociações que envolviam o matrimônio, como, por exemplo, a divisão de patrimônio.

De qualquer forma, como aponta Priore (1997), havia algumas crenças em torno das cerimônias matrimoniais, e também dias não recomendados pelos calendários litúrgicos para que elas ocorressem, como, por exemplo:

- Evitava-se a sexta feira (dia relacionado à morte de Cristo), dando preferencia a sábado e domingo.
- Não se casava no dia de Sant'Ana, para não morrer no parto.
- Na manhã do casamento a noiva não podia ver ou provocar sangue (ao matar animais).
- Na manhã do casamento a noiva não podia sair de casa a não ser para casar.
- Na manhã do casamento a noiva não podia olhar para trás no caminho para a igreja.
- Após o casamento os noivos deviam ser recebidos com tiros de mosquetão, foguetes e cantadores.

A cerimônia era seguida de baile e uma semana depois havia um almoço comemorativo das bodas.

De acordo com Pereira (2000), até meados do século XIX a religião fazia parte do Estado e somente o casamento católico era tido como oficial. Com o aumento das relações afetivas entre praticantes de religiões que não o catolicismo e do fluxo migratório, as pessoas que não eram católicas ou optavam por não se casar, ou para ter a relação oficializada realizavam o matrimônio mesmo em contradição com suas crenças. O casamento oficial seguiu as normas da Igreja até que a Lei nº 1.144, de 11.09.1861 e o Decreto de 17.04.1863 tornaram válidos os casamentos entre católicos e não católicos. Desta forma, segundo Pereira (2000), três modalidades de núpcias passaram a ser praticadas:

1. o casamento católico, realizado de acordo com as normas do Concílio de Trento;
2. o casamento misto (entre católico e acatólico), realizado de acordo com o Direito Canônico;
3. o casamento que unia membros de outras seitas, realizado de acordo com as respectivas prescrições religiosas.

A instituição do matrimônio civil não alterou a forma como a escolha do pretendente era feita: o casamento continuava destinado a fortalecer os interesses econômicos, a exercer sua função reprodutora e a mulher permanecia subserviente e vista como uma propriedade do homem.

Um fator que contribuiu para alterar de forma significativa a dinâmica das relações conjugais foi a importância assumida pelos médicos higienistas¹³ durante a segunda metade do século XIX. A taxa de mortalidade infantil era alta e precisava ser reduzida. Então, as atenções dos médicos voltaram-se para o desenvolvimento saudável da criança. Os filhos necessitavam ser educados e protegidos e, para isso, o casal precisava estar bem. Assim, como assinala Costa (1989), os higienistas criticaram e combateram todos os arranjos do casamento colonial: os interesses como base de escolha para um pretendente, a diferença etária, as uniões consanguíneas e a falta de prazer sexual da mulher. Foi, portanto, a preocupação com o bem estar do casal e dos filhos que inseriu o amor nos relacionamentos conjugais.

Os ideais românticos, que surgiram na Europa no século XVIII, chegavam finalmente ao Brasil. O casamento pautado na escolha amorosa tinha várias vantagens. Primeiro, diminuía o poder patriarcal, situando a responsabilidade pela escolha e manutenção do matrimônio nas mãos dos cônjuges. Com a união ocorrendo por livre e espontânea vontade, essa escolha deveria ser feita de forma cautelosa para se evitar futuros fracassos. O

¹³ Estes eram, em sua maioria, imigrantes estrangeiros e filhos de fazendeiros que tinham ido estudar na Europa e que traziam em sua bagagem os novos ideais construídos a partir da revolução francesa. Os esforços se deram no sentido de consolidar o Estado nacional e este, para existir, precisava de pessoas saudáveis.

amor e a definição do perfil do noivo ajudaram a combater a prática dos casamentos com grandes diferenças de idade. Que jovem se casaria de livre e espontânea vontade com alguém da idade de seu pai ou de seu avô? O velho passou a ser visto como decadente, física e moralmente, com suas funções mentais e potencial reprodutor deteriorados. Os patriarcas, que eram motivo de inveja, passaram agora a ser desprezados. Os casamentos consanguíneos também deviam ser evitados, uma vez que se acreditava que os filhos dessas relações nasciam com má formação, “fracos ou viciosamente organizados” (Costa, 1989, p. 220).

O amor foi, a partir de então, vinculado ao sexo, circunscrevendo-o ao casamento e à procriação, fato que ajudou a combater a libertinagem que disseminava doenças venéreas e gerava filhos doentes. Uma boa sexualidade mantinha a moralidade da família. Como afirma Rocha-Coutino (1994),

O sexo, antes forma de perpetuar a estirpe e exemplo máximo de virilidade e do poder do pater familias sobre a mulher, assumiu nova feição: do bom desempenho sexual dos cônjuges dependia a saúde dos filhos, a moralidade de família e o progresso populacional da nação (p. 84).

Passou-se, então, a olhar e cuidar da relação entre os cônjuges, preservando-se a finalidade reprodutiva do matrimônio e do sexo conjugal. A mulher permanecia autônoma e soberana apenas em seu “castelo” – o lar –, continuando, assim, o domínio masculino, e agora disfarçado de proteção. Mesmo com a submissão e restrições femininas nos relacionamentos íntimos, foi dada atenção especial à sexualidade da mulher. Segundo Costa (1989), insatisfeita, a mulher podia “habituar-se à masturbação” (p. 228), que levava à esterilidade ou ao aborto, ou, ainda, ao adultério, que também era prática condenável.

Como assinala Rocha-Coutinho (1994), era somente através do casamento que a mulher tinha uma ocupação nobre na sociedade. Este fato também se devia à suposta natureza inferior da mulher. Ela era considerada, pelas teorias da época, mais frágil física e moralmente e deveria por isso ocupar-se apenas do seu papel de mãe e esposa. Trabalhar fora só era permitido em profissões supostamente femininas, como o magistério primário, que deveria ser abandonado assim que o matrimônio acontecia, liberando a mulher para poder se dedicar a sua verdadeira vocação: o casamento. A mulher solteira não tinha prestígio e aceitava a exploração feita pela família devido a sua dependência financeira, uma vez que, mesmo trabalhando, ela não ganhava o suficiente para ser independente. Vale a ressalva de que estamos falando da classe mais favorecida, onde a mulher não precisava trabalhar. Assim, o casamento era tido socialmente como a grande realização da mulher, focando o pensamento

das jovens no desenvolvimento de “prendas domésticas” (p.80) para conseguir um bom pretendente.

O período que vai do fim do século XIX até meados do século XX foi marcado por profundas mudanças que, aos poucos, alteraram a forma de vida no Brasil. O patriarcalismo foi combatido e considerado ultrapassado, representante de uma época atrasada da história brasileira. As noções de tempo e espaço também foram modificadas com o desenvolvimento dos meios de comunicação (rádio, televisão) e de transporte (carros, avião). Os hábitos cotidianos, como a higiene pessoal, entraram na mira do poder público, principalmente devido ao alastramento das epidemias. Nem a moradia era mais a mesma. Iniciou-se a construção de edifícios e as casas ganharam cômodos com funções específicas, sendo que “cada aspecto da vida privada das famílias deveria se processar em seu espaço correto, característica que distinguia também os cômodos para homens, mulheres e crianças” (Marins, 1998, p. 177).

Os relacionamentos também foram afetados pela modernização da sociedade brasileira. Além do amor, que foi adicionado aos relacionamentos e vinculado ao sexo, a satisfação sexual passou a ser vista como saudável para ambos os cônjuges. Assim, o gostar, o companheirismo e o prazer sexual, que não eram relevantes para os casamentos antigos, tornaram-se fundamentais neste novo tempo. Em torno de 1911, no Brasil, os relacionamentos iniciavam com um flerte à distância, cujos códigos precisavam ser compreendidos, como, por exemplo, coçar o nariz significava que alguém se aproximava, dar uma tulipa significa fazer uma declaração, entre outros. Depois que a moça concordasse em conversar, era marcado um encontro à distância. Se tudo corresse bem, o namoro passava a ser conhecido pela família, transformando-se em um compromisso, que era acompanhado de perto pelos parentes. No final da década de 1930, o namoro se flexibiliza, os beijos ficam mais prolongados e passam a ser indispensáveis aos namorados. Contudo, o recato da jovem nas relações afetivas era valorizado e considerado essencial para se manter a pureza da “moça de família” (Priore, 2006). Ainda era feita uma distinção entre a mulher séria, com quem o homem se casava, e aquela para o “desfrute”, com quem não se assumia nenhum compromisso mais sério, como noivado e/ou matrimônio.

Apesar da modernização, nos anos de 1950 e início dos anos de 1960, como assinala Rocha-Coutinho (1994), o casamento continuava sendo “considerado o único estado apropriado para o adulto” e as crianças seriam “um produto natural e desejável” (p. 99) dele decorrente. Os filhos eram tão desejados que o primogênito geralmente era aguardado um ano após o casório, sendo seguido de mais dois irmãozinhos nos anos seguintes. Apesar do casal

ser estimulado a desenvolver intimidade, cuidado físico e emocional um com o outro, os papéis que deveriam ser desempenhados por cada cônjuge não se alteram. Assim, o homem manteve seu lugar de responsável por prover o sustento financeiro e a segurança da família e a mulher continuava “voltada para o outro, para a satisfação das necessidades daqueles à sua volta” (p. 117). O matrimônio seguia sendo o único local onde a mulher era valorizada socialmente, através do seu papel de esposa, mãe, dona-de-casa e do quanto abria mão de si pela família.

A partir de meados do século XX ocorreram mudanças tecnológicas e sociais, que propiciaram o processo de globalização, bem com se desenvolveram os Movimentos Feministas da chamada “Segunda Onda”, que contribuíram para o surgimento de novas formas de relacionamento e para a flexibilização de antigos padrões. Paralelamente a isso, nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, o surgimento de métodos contraceptivos mais eficazes, como a pílula anticoncepcional, afetou diretamente os relacionamentos afetivos e, em especial, as mulheres. O advento da pílula liberou o sexo para as mulheres, mudando sua atitude frente às relações sexuais. Tal fato gerou uma diminuição do tamanho das famílias e, no caso da mulher, desvinculou a relação sexual da reprodução. A sexualidade tornou-se, então, fruto de uma opção dos indivíduos do sexo feminino. Isto implicou em uma mudança de atitude, uma vez que agora o sexo passou a levar em conta as preferências individuais de ambos os parceiros, proporcionando satisfação aos dois. Giddens (1993) denominou essa sexualidade mais igualitária e flexível de “sexualidade plástica” (p. 10). Então, os papéis anteriormente bem demarcados e estabelecidos para cada sexo dentro de uma relação afetiva foram questionados e as submissas e frágeis mulheres foram, aos poucos, ganhando, em sua maioria, cada vez mais independência e igualdade de direitos em relação aos homens. O próprio casamento e o cuidado com os filhos deixaram de ser a única forma de reconhecimento social e satisfação pessoal feminina.

Outro fator que mexeu nos relacionamentos, especialmente dos casais, foi a regulamentação do divórcio em 1977. Tal fato permitiu aos cônjuges, que assim o desejassem, desfazer legalmente o vínculo matrimonial e constituir uma nova família, o que determinou substanciais modificações no comportamento dos casais. O casamento tradicional continuou existindo, mas “a moral sexual flexibiliza-se e casais não casados eram cada vez mais aceitos, já podendo circular socialmente” (Priore, 2006, p 301). Até o modelo familiar foi flexibilizado, possibilitando vários arranjos que podem ser descritos como família, independentemente de haver casamento ou não, como, por exemplo, famílias:

- heterossexuais;

- homoafetivas;
- com progenitor único;
- com bebê de proveta;
- de barriga de aluguel;
- recasadas;
- tradicionais¹⁴.

Assim, para cada época histórica temos valores sócio-culturais distintos que permeiam e podem ser observados no funcionamento familiar. Diferentemente das sociedades tradicionais em que os valores e experiências eram transmitidos através das gerações, na sociedade pósmoderna há uma grande oferta de informações disponíveis nos mais variados veículos de divulgação. A globalização permite vivermos em uma sociedade sem barreiras geográficas, em constante movimento, veloz, que, segundo Bauman (2004), cultua o descarte, o transitório e que é governada pelo imperativo da satisfação individual imediata. A contemporaneidade é rápida em produzir desejos que precisam ser satisfeitos. Por isso, produz também inúmeras possibilidades para se satisfazer os mais variados desejos. Os relacionamentos afetivos seguem essa tendência, o que os leva a se tornar plurais em sua forma de expressão.

¹⁴ Ao falar em família tradicional, faço referência à família composta pelos cônjuges, sendo um homem e uma mulher, e um ou dois filhos, de preferência uma menina e um menino, que funciona de acordo o modelo de gênero no qual a mulher fica em casa cuidando da educação dos filhos e o homem é o provedor financeiro da família. Ou, ainda, mesmo que a mulher trabalhe, ela continua sendo a principal responsável pelo gerenciamento da casa e pela maior parte dos afazeres domésticos.

2.3. O CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Na segunda metade do século XX, o casamento tradicional, começou a dividir espaço com outras formas de comprometimento. Vale ressaltar que o surgimento de um tipo de amor e de conjugalidade não significa o desaparecimento de outro. Diferentes formas de amor e relacionamento coexistem atualmente e, dependendo do contexto, um se sobressai ao outro. Isso porque os discursos e valores mais antigos não desaparecem com o surgimento de novos padrões mas, ao contrário, eles coexistem e, dependendo das escolhas pessoais e do momento, um padrão torna-se mais evidente do que o outro. Segundo Hall (2006), o meio no qual nascemos e vivemos vai constituindo nossa identidade e, como as informações que recebemos são por vezes contraditórias, também há dentro de nós

Identities contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (Hall, 2006, p. 13).

Assim, a pessoa vai desenvolvendo sua identidade na relação com o mundo. Vivemos em uma época na qual temos acesso a um volume grande de informações, provenientes dos mais diversos locais. A velocidade das mudanças nos faz repensar nossas práticas e escolhas constantemente. Atualmente, nos deparamos com inúmeras possibilidades de escolha que acabam constituindo estilos de vida e de relacionamento bem diversificados. O casamento tradicional¹⁵ está desgastado, principalmente por evocar papéis de gênero já ultrapassados. As relações duradouras não são mais uma certeza, muito menos os filhos. A “monogamia seriada”, ou seja, o casamento em que a fidelidade dura em determinado período de tempo, mais precisamente até que termine a paixão e a pessoa se envolva em novo relacionamento monogâmico, tornou-se comum nos dias de hoje.

¹⁵ Ao falar de casamento tradicional, faço referência ao casamento oficializado no civil e/ou religioso, que funciona de acordo o modelo no qual a mulher fica em casa cuidando da educação dos filhos e o homem é o provedor financeiro da família. Ou, ainda, mesmo que a mulher trabalhe, ela continua sendo a principal responsável pelo gerenciamento da casa e pela maior parte dos afazeres domésticos. Esse modelo foi construído a partir de um discurso social e atende às necessidades de um determinado momento histórico. Assim, o casamento tradicional, além dos ritos seculares de oficialização, também está impregnado da divisão de papéis por gênero. Seu retrato ideal é o da família composta pelos cônjuges, um homem e uma mulher, e um ou dois filhos, de preferência uma menina e um menino.

Segundo Badinter (1986), o casamento era “sinônimo de segurança, respeitabilidade e de fecundidade. Hoje perdeu essas 3 características essenciais” (p. 201). Pode-se dizer que, além dos Movimentos Feministas que contribuíram para a perda de certas funções e papéis próprios do casamento tradicional, outro fator que contribuiu para essas mudanças foi a separação entre sexo e procriação decorrente do surgimento de métodos contraceptivos mais eficazes, como a pílula anticoncepcional, e que deu às mulheres total controle sobre sua sexualidade, permitindo a diminuição do número de filhos e o planejamento dos mesmos e, inclusive, a opção por não ter filhos. Assim, a relação sexual deixa de ter um compromisso exclusivo com a sucessão das gerações tornando-se uma escolha dos indivíduos. A “sexualidade plástica” (Giddens, 1993) permite a realização pessoal através do reconhecimento das preferências individuais e das tolerâncias sexuais dos parceiros e é também uma forma de se expressar a intimidade.

Outra função que o casamento tradicional perdeu foi a segurança trazida pela antiga garantia de longevidade do relacionamento. Outrora, independente de sua qualidade, o matrimônio era sinônimo de relação perpétua. Praticamente só a morte dissolvia o laço conjugal. Além disso, como a expectativa de vida era baixa, ficar casado por toda a vida não era um período tão longo com o é hoje. Na contemporaneidade, como aponta Jablonski (1991), as juras de amor eterno dos relacionamentos amorosos foram substituídas pelo “até que a vida nos separe”. Embora o casamento pareça não ter perdido sua importância, permanecer casado por toda uma existência constitui agora um desafio, ainda que as pessoas casem pensando em ter uma relação bem sucedida, ou seja, duradoura. Em pesquisa recente, Jablonski (2007) verificou que os jovens cariocas continuam desejando se unir através do matrimônio, embora se diga que o casamento está em crise, tal como se pode observar pelo número crescente e elevado de divórcios. Contudo, para o autor, parece que o casamento está passando agora por um processo de mudança e não de crise. Como assinala Jablonski (1991),

Não se afirma que o casamento está atravessando maus bocados apenas porque o número de divórcios tem crescido muito. Afinal pode-se especular, que, antes as pessoas eram infelizes em suas uniões, mas não se separavam, por inúmeros motivos. Se este raciocínio está correto, então os divórcios não são de fato sinônimo de crise, e sim de sanidade (p. 14).

A separação não é um monstro, mas sim uma possibilidade que pode vir a acontecer, uma vez que as relações amorosas estão mais efêmeras e fluidas e as pessoas preferem a solidão a ter que fazer sacrifícios pela relação, pois o que impera agora é a satisfação pessoal.

O imperativo do desejo pessoal afetou o amor e os relacionamentos. O namoro mudou, a sexualidade ficou mais igualitária e o amor também se transformou para se adaptar aos novos tempos. No tipo de amor que Giddens (1993) denominou de amor confluyente, existe uma individualidade, mas numa relação de troca que possibilita a intimidade, pois o que se busca não é mais a “pessoa especial” mas sim a “relação especial”. Para a intimidade emergir é necessário que o parceiro esteja aberto e vulnerável ao outro. Além disso, nesse tipo de amor, a sexualidade é negociável, isto é, ela não precisa ser necessariamente monogâmica ou heterossexual, e o sexo deve proporcionar prazer e satisfação a ambos os parceiros.

Segundo Giddens (2002), o amor, o gostar, não é suficiente para haver um compromisso com a qualidade da relação. Inclusive, a satisfação do desejo amoroso não é a única finalidade dos casamentos contemporâneos, como aponta Jablonski (1991): “mesmo nos dias de hoje, nas culturas não ocidentais, ou fora dos centros urbanos, razões como segurança financeira, alianças familiares, fuga à solidão e desejo de ter filhos ainda constituem poderosos motivos para o casamento” (p. 71). No casamento pré-romântico, o sentimento não era importante para a relação, o que contava era o compromisso com a manutenção de interesses familiares. Já o casamento romântico super valorizava os sentimentos pela pessoa especial e o compromisso com ela tornava os sacrifícios pessoais justificáveis. Na relação pura o compromisso é com a satisfação extraída do relacionamento. Segundo Giddens (1993), as pessoas entram

em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua quando ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (p. 68).

No “relacionamento puro”, como se pode observar na definição do autor acima, o envolvimento afetivo termina quando um dos parceiros não estiver mais satisfeito ou motivado. Entretanto, para haver compromisso e estabilidade na relação amorosa, faz-se necessário evidenciar, de alguma forma, uma garantia de que a relação poderá manter-se por tempo indeterminado, consolidando, desse modo, o relacionamento. Outra característica da relação pura é a simetria, ou seja, ela é uma relação igualitária. A qualidade do envolvimento vai depender do desenvolvimento da intimidade, confiança e simetria. A intimidade entre os cônjuges é construída na medida em que há uma abertura ao outro e um compartilhamento recíproco de informações pessoais e sentimentos. A intimidade propicia estabilidade para a relação, pois é um campo fértil para o surgimento da confiança. Segundo Giddens (2002),

esse tipo de confiança “implica no mesmo equilíbrio de autonomia e revelação mútua” (p. 93). Para o autor, fica difícil desenvolver a intimidade em envolvimento marcado pela possibilidade de ruptura a qualquer momento. As relações puras abrangem os relacionamentos hetero e homossexuais e as relações de amizade, ou seja, qualquer envolvimento afetivo onde a escolha do companheiro é voluntária, há proximidade, confiança e satisfação recíproca.

O casamento contemporâneo absorveu muitas características dos relacionamentos puros, deixando para trás a rigidez dos papéis de gênero. Questões como a intimidade, o compromisso e a sexualidade satisfatória foram incorporadas ao casamento contemporâneo. Já a divisão de papéis pode-se dizer que está mais igualitária no discurso do que na prática. Para Jablonski (2007), “os casais parecem vivenciar um conflito entre as propostas igualitárias modernas e as práticas hierárquicas tradicionais” (p. 213). Segundo as pesquisas do autor, os homens se consideram participativos nas tarefas dentro do lar. Contudo, na prática, a participação especial masculina é mais uma ajuda do que uma divisão em iguais proporções. A maior parte das atividades domésticas, assim como a responsabilidade pelo bom funcionamento ou gerenciamento do lar ainda cabem à mulher. Essa falsa simetria gera conflitos na relação, principalmente em uma sociedade onde a satisfação pessoal é cada vez mais estimulada e valorizada por ambos os sexos.

Portanto, é importante escolher bem onde se vai investir para se satisfazer o Ego. Na sociedade contemporânea, há uma grande produção de bens de consumo para suprir os mais variados desejos das pessoas. As necessidades individuais são muitas vezes produzidas pelo capitalismo e disseminadas nos meios de comunicação de massa como, por exemplo, os livros, as músicas, a televisão e a internet, que representam os grandes difusores e padronizadores de comportamento. As ofertas são tantas que o difícil é fazer escolhas. As possibilidades também são múltiplas para os relacionamentos amorosos. Nas sociedades pré-modernas as opções para se conseguir um pretendente nas classes mais altas eram restritas aos conhecidos da família que tivessem boa posição social e/ou financeira, permitindo que se contemplassem os interesses familiares. Atualmente, é o interesse e a satisfação individual que devem ser atendidos. Contudo, o ritmo acelerado torna arriscado deixar a satisfação para depois, pois pode não dar tempo, ou o objeto de desejo pode não estar mais disponível para consumo. Além da velocidade com que as mudanças acontecem, a ânsia pelo novo faz o velho, o antigo, ser descartado, trocado, substituído. Segundo Vaitsman (1994),

As pessoas passaram a se descartar com muito mais facilidade não apenas dos bens, mas também de valores, estilos de vida, relações estáveis e ligação com as coisas, construções, lugares, pessoas e modos herdados de fazer e

ser: o sentido de que “tudo que é sólido desmancha no ar” raramente teria sido tão penetrante” (p. 48)

Numa sociedade instável (Bauman, 2004), a segurança do relacionamento está vinculada ao compromisso pessoal com a relação. Se antes havia garantias e motivos externos para a duração do relacionamento, atualmente é o compromisso o grande mantenedor da união. A pessoa comprometida está disposta a correr os riscos e tensões da relação, como, por exemplo, desentendimentos, possibilidade de separação, objetivando buscar um apoio emocional, um companheiro para suportar as dificuldades da vida. De acordo com Giddens (2002), uma relação que existe apenas pela satisfação que tal ligação traz é facilmente ameaçada por tensões que refletem as “dificuldades inerentes na criação ou na sustentação de uma relação em que há equilíbrio e reciprocidade entre o que cada um traz para a relação e o que deriva dela” (p. 89), ou seja, o que é satisfatório para os cônjuges.

Segundo Bauman (2004), existe uma contradição nos relacionamentos atuais, pois, ao mesmo tempo em que se anseia por um envolvimento mais íntimo, mais comprometido, este não é seguro, tendo em vista que pode ser rompido a qualquer momento. Isso porque a sociedade contemporânea é marcada pela fluidez e transitoriedade dos vínculos, sejam eles econômicos ou afetivos. Bauman (2004) afirma que a descrição de “relacionamento puro” de Giddens (1993) é bem familiar para os jovens nascidos na virada do século XX para o XXI. O autor observa que as pessoas estão vendo as relações afetivas como investimentos financeiros e o compromisso como uma armadilha que deve ser evitada. Bauman (2004) compara os amantes com investidores financeiros, já que a pessoa aplica tempo, dinheiro e dedicação esperando que seus esforços sejam recompensados. Neste sentido, o lucro esperado do investimento amoroso é a segurança. A certeza de que se terá companhia, apoio, consolo, alguém para aliviar a solidão e para aplacar a insegurança diante da velocidade das mudanças, tudo isso é transitório. Contudo, tratar os relacionamentos como investimentos não reduz a insegurança, pois no mundo dos negócios não há espaço para juras de amor eterno e seu parceiro ou parceira pode querer trocar de investimento a qualquer momento. Tudo é efêmero, já que o desejo, os estímulos, os bens de consumo e as mudanças ocorrem muito rapidamente. O que hoje é tecnologia de ponta, amanhã já pode estar ultrapassado, superado por uma nova invenção. Esse padrão também pode ser percebido nos envolvimento amorosos individuais em que está sempre presente a pergunta: “E se aparecer um modelo mais novo, tanto em idade quanto por ser uma novidade?”

Esse consumismo que penetra até nos relacionamentos íntimos, segundo Debord (1997), é decorrente do que chamou de “Sociedade do Espetáculo”. A sociedade

moderna é alienada de suas reais necessidades e consome aquilo que a Sociedade do Espetáculo produz, sejam sonhos, bens de consumo ou estilos de vida. A dominação econômica primeiro estimulava que a realização se encontrava no existir para possuir: dinheiro, intelecto, marido, corpo perfeito, o que quer que satisfaça os desejos produzidos. Em sua fase mais atual o “ter” deixou de ser o fim e passou a ser o meio de se atingir o prazer imediato da exposição, do “parecer”. É a imagem que conta, principalmente quando a pessoa é um perfil em uma rede social, pois “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência” (p. 16).

Segundo Debord (1997), a Sociedade do Espetáculo se fortaleceu em período posterior às lutas sociais de 1968, quando os conglomerados dos meios de comunicação se fortaleceram e a indústria da cultura se transformou em defensora do capitalismo. O poder espetacular ocorre de forma integrada, já que não existem movimentos sociais de oposição, uma vez que eles foram absorvidos pela sociedade capitalista e não lutam mais contra o sistema. A sociedade, como um sistema aberto, tem como característica inerente a circularidade e a retro alimentação e por isso não se pode estabelecer uma relação direta de causa e efeito, mas sim, falar de um processo que se retro alimenta: vivo para aparecer, apareço para me sentir vivo. Nessa lógica, para o casamento existir ele tem que aparecer, ser celebrado já que “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real” (p. 15).

Nas sociedades atuais, de uma forma geral, o homem não trabalha apenas para poder sobreviver e satisfazer suas necessidades, mas sim para satisfazer o que Debord (1997) chama de “sobrevivência ampliada”. A sobrevivência foi ampliada para poder incluir pseudo necessidades que são produzidas pela sociedade atual que precisa escoar a abundante produção. E se produz de tudo: ideologias, estilos de vida, papéis a desempenhar e, é claro, uma enorme quantidade de coisas que precisamos possuir. Cada produto promete contribuir para a singularidade, para tornar a pessoa única.

A organização de cerimônias de casamento completas, que incluem vestido, bolo, decoração, cerimonialista, etc., vem aumentando. Segundo Bacellar (2012), um dos setores econômicos que mais cresce no Brasil é o de produtos e serviços relacionados ao casamento. Isso porque a formalização da união se tornou um verdadeiro show, a concretização de um sonho. E sonhos não tem preço, pois, como aponta Debord (1997): “à medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário” (p. 19).

Contudo, o sonho do casamento não é um sonho que se sonha sozinho. Durante muitos séculos, as famílias gerenciavam de perto esse momento que era o único motivo e

única possibilidade para as moças deixarem a residência paterna. Era o primeiro passo para a grande realização feminina, ser esposa, pacote que incluía o cuidado com a casa, com a prole e com o marido. Ainda hoje, é a formação de um par afetivo que, geralmente, leva o jovem adulto, em especial as mulheres, a deixar a residência paterna para ir estabelecer novo domicílio com seu parceiro, tendo sido essa relação oficializada ou não. Porém, a intenção desse ato se modificou. Antes os matrimônios eram uniões que selavam acordos econômicos e políticos, depois passaram a selar e celebrar o encontro do par perfeito e hoje comemoram e exibem a prazerosa relação que sela o envolvimento afetivo entre um homem e uma mulher, ou entre dois indivíduos que se amam, independentemente de seus sexos, coexistindo estilos bem diversificados de união. Dentre as diferentes possibilidades de relacionamentos amorosos duradouros - que são referidos aqui como casamento, independente da união ser formalizada ou não – pode-se observar atualmente, entre outras: o casamento aberto, em que se permite relações extraconjugais; o casamento que envolve o *swing* e seus estilos, como o Voyeurismo, a Ménagerie, o Exibicionismo, ou a troca de casais propriamente dita; a “monogamia seriada”, ou seja, o casamento em que a fidelidade dura em determinado período de tempo, mais precisamente, até que termine a paixão e a pessoa se envolva em novo relacionamento monogâmico; o casamento em que os cônjuges moram em casas separadas; o casamento homossexual, o “namorido”¹⁶.

O fato é que oficializar o relacionamento para a sociedade, para a religião ou para o Estado não altera em nada na vida dos casais, e como assinala Badinter (1986), o desenvolvimento da relação é algo privado que diz respeito apenas aos parceiros. Hoje a união amorosa pertence ao desejo dos indivíduos e a oficialização do relacionamento amoroso com uma ritualização aparentemente mais tradicional é apenas uma das escolhas que podem ser feitas pelo casal. Mas essa escolha não é tão livre como apontam alguns autores, como, por exemplo, Badinter (1986) e Giddens (1993). A família ainda influencia a escolha do parceiro e o arranjo desse relacionamento. Os pais não escolhem mais pelo seus filhos, mas o mandato familiar, sua herança emocional, seus mitos, lealdades, modelo de funcionamento,

¹⁶ O “namorido” é um bom exemplo de casamento contemporâneo. O termo descreve a situação em que um casal, após no máximo um ano de namoro, passa a morar junto, sem que a união seja formalizada. O curto período que se sucede entre o namoro e a coabitação espelha a velocidade do mundo atual. Nos “namoridos” o companheiro é considerado como marido, alguém com quem dividem os planos de uma vida comum, a residência, as despesas e o cuidado com a casa. Esse relacionamento é coerente com as atuais relações puras de Giddens (1993) e com os amores líquidos de Bauman (2004). O “namorido” pode vir e ser formalizado no futuro em uma solenidade civil, religiosa ou apenas comemorativa mas não tem essa obrigação. Não é um período de “noivado” e por isso muitas dessas relações não são formalizadas, seja de uma forma ou de outra. Ver Duarte, J. P. e Rocha-Coutinho, M. L. (2011). “Namorido”: uma forma contemporânea de conjugalidade?. Em: *Psicologia Clínica*, vol. 23, núm. 2, (pp.117-135). Rio de Janeiro: PUC-RJ

entre outros aspectos são transmitidos de forma mais ou menos consciente para seus descendentes.

Para Carter e McGoldrick (1995), das informações transmitidas transgeracionalmente pela família para o indivíduo, algumas têm uma grande força e acabam por nortear as relações dentro e fora da família e, inclusive, os relacionamentos amorosos dos casais. Isso acontece porque a família é um sistema emocional, onde cada membro tem um papel a desempenhar que contribui para o funcionamento do todo. Durante muito tempo a psicologia clínica estudou o ser humano considerando apenas a dinâmica dos seus processos internos, seus pensamentos, sentimentos, condicionamentos, desejos, etc., num procedimento artificial que desconsiderava a influência do contexto onde esses indivíduos estavam imersos. Fazia-se isso na tentativa de se estudar os processos psíquicos isoladamente. Então, na segunda metade do século XX, durante o tratamento de pacientes psiquiátricos foi observado que a família exerce grande influência na melhora ou piora do paciente. A partir daí, focar só nas questões intrapsíquicas do paciente não era suficiente. Foi necessário incluir o sistema familiar no tratamento pois, modificando a dinâmica das relações, se modifica também a vivência individual. Segundo Minuchin (1982), o meio determina o quê e o como as pessoas se manifestam, sendo que

la familia constituye un hecho sumamente significativo en este proceso. Es un grupo social natural, que determina las respuestas de sus miembros a través de estímulos desde el interior y exterior. Su organización y estructura tamizan y califican la experiencia de los miembros de la familia (Minuchin, 1982, p.27).

A família pode ser descrita como um sistema aberto de interação, no qual seus membros estão interligado por fortes laços emocionais e pela consanguinidade. Qualquer mudança em um de seus membros afeta os demais, assim como cada parte só pode ser entendida no contexto do todo. Como todos estão interligados os eventos e comportamentos não iniciam sequências causais, mais sim movimentos circulares que padronizam e organizam a interação. Assim, o casamento de um dos membros da família obriga o sistema a se reajustar. O que governa e vai regulando a estabilidade da família são as crenças, mitos, leis, hábitos, enfim, a cultura da família que é passada de geração em geração.

Segundo Andolfi (1981), as famílias buscam um equilíbrio entre a necessidade de adaptação às demandas externas (sociais) e internas (de seus membros) e a continuidade das suas regras e padrões de funcionamento. Quanto mais rígido for esse sistema mais difícil será modificar e encontrar um ponto de equilíbrio entre as necessidades do sistema, de seus

participantes e as transformações externas. Para ilustrar basta pensar em uma família com forte devoção religiosa, que considera o casamento como a única forma legítima para o relacionamento de um casal. Mesmo que a sociedade e o Estado reconheçam outros arranjos, para essa família o casamento é o único caminho aceitável e ir contra isso é correr o risco de uma ruptura. Isso porque, ainda segundo Andolfi (1984), famílias rígidas são sistemas que não permitem a troca de funções. A pessoa perde sua autonomia ficando aprisionada no papel que tem dentro do sistema. Este é o caso, por exemplo, de quando a mulher é vista apenas em seu papel reprodutor, de mãe dedicada aos filhos. Qualquer ambição pessoal que não envolva o cuidado materno é criticada e dificultada pelos outros membros. Nesses casos, o espaço individual é considerado de interação, pois a pessoa é confundida com sua função, como se existisse apenas para o papel que desempenha no sistema. Para essas famílias, o processo de mudança é sentido como uma ameaça, uma possibilidade de destruição do sistema, uma vez que implica em uma perda momentânea da homeostase até que se estabeleça uma nova organização.

As famílias funcionais aprendem a conviver com a perda momentânea de equilíbrio, gerada pelo processo de mudança, até conseguir se reorganizar. Vale ressaltar que nenhuma família é totalmente normal ou anormal, funcional ou disfuncional, todas tem qualidades positivas e deficiências que dificultam a passagem por períodos de mudança. As famílias podem se alternar entre momentos de rigidez e de flexibilidade ao longo do ciclo de vida familiar.

O ciclo de vida familiar inclui estágios que vão acontecendo com o transcorrer do tempo. Seu início é marcado pela saída de casa do jovem adulto solteiro, depois dá-se a união das famílias através do casamento, posteriormente vem a fase em que se tornam pais, continuando essa a transformação do sistema familiar na adolescência, seguido da família no meio da vida, e, por fim, a família no estágio tardio da vida. Assim, o casamento é um desses períodos e pode ser considerado como fonte de estresse, já que é uma das poucas possibilidades de se agregar um novo membro ao sistema. As outras possibilidades seriam o nascimento e a adoção de filhos.

Carte e McGoldrick (1995) incluem o casamento no que chamam de fluxos de ansiedade horizontal. As famílias precisam manejar dois tipos de estressores, os horizontais e os verticais. O fluxo horizontal corresponde à ansiedade produzida pelo estresse do desenvolvimento relativo à passagem do tempo, como, por exemplo, o nascimento, o casamento, o recasamento, o divórcio e a morte, bem como os eventos imprevisíveis, como as guerras, o desemprego, as doenças, entre outros acontecimentos sociais, políticos, econômicos

e culturais. Já o fluxo de estressores verticais são aqueles relacionados com os padrões de funcionamento e relacionamento que são passados de geração em geração e abrangem os mitos, os segredos, as expectativas, as lealdades, “inclui todas as atividades, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com as quais crescemos” (Carte e McGoldrick, 1995, p. 11).

As famílias precisam manejar esses dois tipos de estressores, os horizontais e os verticais. Quando a família não sabe lidar com a intensidade do estresse pode haver rompimentos, doenças ou acabar ficando disfuncional. Segundo as autoras (Carte e McGoldrick, 1995), a ansiedade produzida por esses estressores tem maior intensidade quando a família está passando de um estágio de desenvolvimento para outro, como, por exemplo, a formação do novo casal através do casamento. A transição de um estágio para o outro modifica o status do membro dentro do sistema familiar e a sua organização.

Segundo Carte e McGoldrick (1995), “o casamento, como um rito de passagem, é como o movimento de um iceberg, com a maior parte daquilo que está em movimento invisível aos olhos humanos” (p. 123). E a parte não visível desse processo são os mandatos familiares, as crenças compartilhadas, os mitos, as ideologias, os segredos e as heranças emocionais. Quanto mais indiferenciado for o indivíduo, mais envolvido e conduzido ele será pelo sistema, mesmo que não consiga discriminar ativamente essa influência. O conceito de diferenciação foi criado por Murray Bowen (1988) e, como resume Krom (2000), essa “capacidade de diferenciar os pensamentos e os sentimentos é o parâmetro principal da maturidade emocional, em que se pode encontrar diferentes graus de fusão e de diferenciação” (p. 61). Puget e Berenstein (1993), ressaltam como é difícil o trabalho psíquico de se desprender dos vínculos parentais e de criar, a partir do modelo desses vínculos, uma estrutura inédita, ou seja, o casal. Os autores apresentam o termo casal matrimonial para designar uma estrutura vincular entre duas pessoas, de sexos diferentes, que estabelecem o compromisso de fazer parte de uma estrutura vincular em toda a sua amplitude, mesmo que não consigam cumpri-lo.

Ângelo (1995) reforça a importância da família na influência das condutas de seus membros. O efeito dos padrões transmitidos a eles vai depender da força do mito e também desse grau de diferenciação e elaboração alcançado pelo sujeito. O mito familiar diz respeito às crenças bem “integradas e compartilhadas por todos os membros da família; dizem respeito a cada um deles e suas posições recíprocas na vida familiar. Tais crenças não são contestadas, por nenhuma das pessoas interessadas, malgrado incluam distorções evidente da realidade” (Seixas, 1999, p. 196). Assim, a família deixa de herança para seus componentes

modelos para enfrentar os processos de união e separação. Quanto menos elementos conflitantes não resolvidos a família tiver, mais livre vai se tornar para o sujeito a escolha de um parceiro.

As escolhas amorosas de uma pessoa também são influenciadas pela lealdade invisível entre o indivíduo e sua família e esta visa manter o grupo unido. Então, segundo Boszormeny-Nagy e Spark (1973), o vínculo de um novo casal depende da capacidade deles de redefinir o vínculo de lealdade com a família de origem. O compromisso de lealdade com a família se inicia quando é internalizado uma dívida com um dos pais, ou com sua representação interna, decorrente dos cuidados, ensinamentos e apoio recebidos. Esse tipo de dívida também ocorre em outras relações onde a pessoa se torna merecedora de confiança. Para sanar a dívida é fundamental retribuir os benefícios recebido através do cumprimento dos compromissos estabelecidos de acordo com algumas expectativas familiares, muitas vezes estabelecidas antes mesmo do nascimento. Assim, segundo Boszormeny-Nagy e Spark (1973), a lealdade aumenta conforme vão sendo feitas essas compensações. As pessoas se mantêm leais por necessidade de aceitação, de pertencer ao grupo e ter seu reconhecimento mais seu amor, por sentimento de gratidão ou culpa, que são experimentados quando se reconhece os cuidados e afetos recebidos ou quando não se cumpre uma dívida emocional. O casamento gera a necessidade de se criar e reestruturar novos compromissos de lealdade e isso pode ser um desafio pois o membro leal alinha seus interesses e ponto de vista com os da família.

De qualquer forma, o casamento costuma ser o ritual que mais mobiliza as famílias como um todo, não só por sinalizar um novo estágio no ciclo de vida familiar mas também por exigir o manejo das relações familiares. “O casamento transforma o relacionamento de uma união privada para a união formal de duas famílias (dois sistemas complexos)” (Borghetti, Lech e Martins, 2001, p7). Então, os cônjuges precisam negociar entre si e com suas respectivas famílias sobre como vai ser a festa, quem convidam, quem senta perto de quem, entre outras questões. Além disso, por mais que o casamento seja um ritual secular, seu desenrolar não segue um roteiro rígido e imutável. Ao contrário, seu desenvolvimento está sujeito aos desejos dos cônjuges e das demandas sociais que, como já exposto, também “seleciona não apenas o que pode ser escolhido, mas também o que pode ser buscado” (Debord, 1997, p. 55). São filtros que direcionam o olhar e a busca pelo que trará satisfação. Segundo Sibilía (2008), a sociedade, no século XXI, é altamente midiaticizada e se constrói com narrativas espetaculosas, onde o eu é cada vez mais enaltecido. Neste século, as pessoas “são convocadas a se mostrarem” (p.23), incitadas a aparecerem, a se tornarem

celebridades. Os megacasamentos, tema de nossa pesquisa, tornam-se, assim, ambiente perfeito para essa exposição do eu, como veremos adiante.

3. ESTUDO DE CAMPO

Como exposto nos capítulos anteriores, as mudanças ocorridas nos relacionamentos brasileiros no último século permitiram uma flexibilização e aceitação de novas formas de relacionamento para um casal. O casamento formalizado, com festa ou não, é apenas uma das opções e não mais a única. Este estudo destina-se a investigar o que faz a celebração do casamento manter seu prestígio e principalmente porque se observa atualmente um grande número de cerimônias realizadas com tanta pompa, transformando-as nos mega espetáculos, o que reforçaria a ideia de Debord (1997), de que estamos vivendo numa “Sociedade do Espetáculo”. Para tanto, inicialmente pensamos em entrevistar casais, mas acabamos optando por restringir nossas entrevistas apenas a mulheres por motivos de ordem prática. Em primeiro lugar, a pesquisa ficaria muito extensa se o casal fosse entrevistado, além disso, as mulheres geralmente são mais receptivas e têm maior disponibilidade para falar sobre seu relacionamento. Por fim, o próprio ritual do casamento ainda é popularmente considerado um momento de realização dos anseios femininos.

3.1. PARTICIPANTES

As premissas para as entrevistadas participarem da pesquisa foram: pertencer a classe média, ser residente na cidade do Rio de Janeiro, se encontrar na faixa etária dos vinte e sete aos trinta e sete anos e terem formalizado, há no máximo cinco anos, seus relacionamentos amorosos em uma festa com mais de 350 convidados. Esses requisitos para a participação na pesquisa eram colocados a todas as mulheres que se disponibilizaram a participar e o quesito de ser pertencente ou não a classe média ficou a critério do julgamento delas. Algumas preenchiam os requisitos por autoidentificação. As que não se encaixaram não participaram¹⁷.

Foram entrevistadas 6 mulheres, que serão aqui identificadas como Ana, Bia, Clara, Dani, Elen e Fabi. Existem alguns aspectos comuns a nossas entrevistadas: todas elas trabalham, assim como os respectivos maridos, e continuam casadas. Nenhuma delas tem

¹⁷ Tal prática tem como respaldo o Relativismo Cultural que é, segundo Gomes (2011), “uma noção metodológica que permite o reconhecimento da singularidade irreduzível da cultura, fruto de sua dimensão de auto identidade, explicado em seu significado e funcionalidade máximas tão somente em seus próprios termos, tal como proposto originalmente por Boas” (p. 73).

filhos ou coabitou com o namorado antes do casamento. Segue-se um breve perfil das entrevistadas:

Ana: tem 31 anos, é católica não praticante, assim como o marido que é poucos anos mais velho. Casaram após 8 anos de namoro e, na época da entrevista, estavam casados há 4 anos. Ela desejava casar e expressava isso para, o até então, namorado. Ele não queria festa grande ou Igreja e entre ele concordar com a ideia e a realização da cerimônia decorreram apenas 3 meses. O casamento não foi realizado na Igreja, e não teve nenhuma bênção de caráter religioso. Foi celebrado em uma casa de festas que providenciou tudo, da comida à decoração. Considera que foi uma noiva tranquila e o noivo não ajudou nas escolhas relativas ao evento, ficando a organização inteiramente por conta da casa de festas. A lista de convidados chegou a ter 540 pessoas, mas foi reduzida para no máximo 350 convidados mas, com os extras, acabaram participando do evento 407 pessoas no total. Quem pagou todo o casamento foi seu pai. Os sogros contribuíram com a bebida, a viagem de lua de mel e um apartamento que foi montado com os presentes ganhos. Não moravam juntos antes do casamento, embora passassem os fins de semana juntos, pois ela ia para a casa dele.

Bia: tem 31 anos, é católica, assim como o marido que é apenas um ano mais velho. Na época da entrevista estavam casados há 3 anos. Estavam namorando há 3 anos quando se surpreendeu com um jantar romântico e um pedido de casamento que foi oficializado posteriormente com as famílias. Entre o pedido e o casamento transcorreram um ano e alguns meses. Seu casamento foi realizado na Igreja e a festa, que contou com 400 convidados no total, foi realizada em uma casa de festas. A lista de convidados chegou a ter 500 convidado. A preparação do casamento foi estressante, pois queria tudo perfeito. Ele escolheu o DJ e participou das degustações mas ela não fez questão da ajuda dele pois preferiu escolher tudo de acordo com seu gosto. Além disso, contou com uma cerimonialista. Gostaria de ter casado de manhã em uma cerimônia pequena, mas ele queria tudo à maneira tradicional, com noivado, Igreja e festa e, à medida que foram fazendo a lista de convidados, os números e proporções do casamento foram aumentando. As despesas do evento foram divididas e pagas pelo casal e as respectivas famílias. A viagem de lua de mel foi presente de um parente. Moram em um apartamento alugado que foram montando aos poucos. Não chegaram a morar juntos antes do casamento.

Clara: tem 28 anos, é católica, assim como o marido que tem a mesma idade. Na época da entrevista estavam casados há 4 anos. Resolveram casar devido ao tempo de namoro, 7 anos, e porque atingiram uma estabilidade financeira. Ela queria casar e ele fez um jantar surpresa para o noivado. Um ano e meio depois se casaram. Casaram-se na Igreja e a

festa realizada em um museu, que aluga um espaço para o casamento. Iniciaram os preparativos pensando em 300 convidados mas, quando fizeram a lista, o número de pessoas e chegou a 650 que depois foram reduzidos a 450 pessoas. Seus pais pagaram 90% do evento, e o casal e a família do noivo contribuíram com o restante. Na realidade, o pai disse a ela para escolher se queria que ele desse o casamento ou um apartamento e ela optou pelo casamento. Compraram um apartamento. O noivo foi participativo, tendo visitado os locais da cerimônia religiosa e da festa e participado da escolha do DJ e das bebidas. Sua mãe também ajudou na escolha dos doces, decoração e outros detalhes. Além disso, contou também com a ajuda de uma cerimonialista. Não morou junto antes do casamento e nem dormia na casa do namorado.

Dani: tem 32 anos, é católica praticante, assim como o marido que é um ano mais velho. Na época da entrevista estavam casados há 2 anos. Namoraram por 7 anos, depois tiveram mais um ano de noivado, que foi o tempo necessário para se organizarem financeiramente. Eles pagaram pela cerimônia, metade cada um e as famílias contribuíram bem pouco. Ele não fazia questão da festa, mas ela queria e ia dando indiretas ao longo do relacionamento. Contratou uma cerimonialista, com quem não teve uma boa relação e, assim, a preparação do casamento foi muito estressante. Casaram na Igreja e depois foram para uma casa de festa. A lista inicial contava com 200 convidados, mas terminaram chamando 350. O orçamento inicial foi ultrapassado e ela teve que arcar com os extras. Ele não participou da organização do evento. A lua de mel foi feita com o dinheiro dos presentes. Não moravam juntos antes do casamento, mas passavam os fins de semana juntos na casa dele.

Elen: tem 35 anos, é judia, assim como o marido que é cinco anos mais velho. Ela estava em processo de conversão na ocasião do enlace. Na época da entrevista estavam casados há 4 anos. Namoraram por um ano e meio, época em que chegaram ao consenso de que queriam se casar. Após 8 meses, concretizaram o casamento. Ela relata que o desejo de ter filhos era até maior que o de casar. Formalizaram o noivado apenas para a família e casaram em um hotel. A família paterna dela patrocinou todo o evento. O noivo não contribuiu para a organização ou os preparativos da celebração, mas ficou encarregado da parte burocrática. Contou com um cerimonialista para a organização e preparação do evento e considera que foi uma noiva tranquila, pois estava bem segura do que queria. A lista de convidados inicialmente tinha 300 convidados, mas terminou com 450. Como a família dele é bem grande e contribuiu para o aumento da lista de convidados, ele acabou tendo que contribuir com esse gasto a mais. Não moravam juntos antes do casamento, mas passavam os fins de semana juntos na casa dele. Depois da cerimônia, foram morar no apartamento dele.

Fabi: tem 34 anos, é católica, assim como o marido que é dois anos mais novo. Namoraram por 3 anos, quando ele declarou que ela era a mulher da vida dele. Algum tempo depois fizeram um jantar para oficializar o noivado para as família e os padrinhos. Na época da entrevista estavam casados há 2 anos. Casaram em uma casa de festas com a presença de 450 convidados. Não podiam casar na Igreja, pois ele já havia sido casado e ela disse não fazer questão dessa experiência. Ele contribuiu com a banda de música e a escolha do pastor que deu uma benção durante a cerimônia. O resto da organização e preparação do evento foi deixado “na mão” da cerimonialista. O pai dela pagou tudo. A lua de mel foi por conta do noivo. Não moravam juntos antes do casamento, mas passavam os fins de semana juntos na casa dele. Depois do casamento foram morar no apartamento dele, pois o que tinham comprado na planta ainda não estava pronto.

A Tabela abaixo apresenta alguns dados resumidos das participantes. A diferença etária foi pequena, variando entre 28 e 35 anos. Com relação ao tempo de namoro, três delas tiveram um período maior que 5 anos e três namoraram por menos de 5 anos. O tempo decorrido entre o pedido de noivado e o momento do casamento ficou em torno de 1 anos e os casamentos tiveram em média 417 convidados. O valor total aproximado gasto com o evento oscilou entre R\$ 90.000,00 e R\$ 350.000,00.

Tabela

Participantes	Idades	Tempo de namoro / noivado	Tempo de casada na época da entrevista	Religião	Nº total de convidados	Valor gasto no evento (aproximado)
Ana	31	8 anos/ 3 meses	4 anos	Católica não praticante	407	R\$ 90.000,00
Bia	31	3 anos/ 1ano e pouco	3 anos	Católica	400	R\$ 70.000,00
Clara	28	7anos / 1 ano e ½	4 anos	Católica	450	R\$240.000,00
Dani	32	7anos / 1 ano	2 anos	Católica praticante	350	R\$100.000,00
Elen	35	1 ano e ½ / 8 meses	4 anos	Judia	450	R\$300.000,00
Fabi	34	3 anos / 1 ano	2 anos	Católica	450	R\$350.000,00

Houve uma expectativa inicial de que o casal seria o responsável pelos gastos do casamento e por isso foi estipulado que as participantes seriam de classe média. Porém, essa questão não entrou como um critério para a participação na pesquisa. Então, o que se constatou com o decorrer das entrevistas foi que, em 4 dos 6 casos, a família da noiva arcou com todas as despesas ou com quase todos os gastos do megacasamento. Assim, quatro das entrevistadas e seus respectivos noivos não tiveram gastos significativos com o evento, ou

seja, o pouco que gastaram não impactou no orçamento pessoal. Nos outros dois casos, uma das entrevistadas dividiu as despesas com o noivos e as respectivas famílias e a outra contou apenas com o noivo nessa divisão financeira.

3.2. INSTRUMENTOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas que seguiram um roteiro previamente elaborado e que buscou contemplar os temas relacionados à pesquisa. O roteiro encontra-se no Anexo I e serviu apenas como um guia. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com a permissão das entrevistadas, que assinaram o Termo de Consentimento que se encontra no Anexo II. Dentre os temas abordados nas entrevistas podemos mencionar: as motivações que levaram à opção pela celebração e oficialização do relacionamento afetivo, os fatores externos que influenciaram nessa escolha, quem participou da produção do evento, se esse ritual modificou algo na relação do casal, entre outras questões surgidas ao longo da entrevista.

3.3. PROCEDIMENTO

As participantes foram selecionadas a partir da indicação de amigos ou conhecidos da entrevistadora e pelas próprias entrevistadas. As entrevistas foram agendadas no melhor horário e local para a entrevistada. Optamos por colher os dados individualmente, ou seja, cada participante foi entrevistada separadamente e sem a presença de uma outra pessoa. Tal procedimento visou deixar as participantes mais à vontade para responder as questões, evitando possíveis inibições por parte das entrevistadas bem como constrangimentos em suas respostas, decorrentes da presença de alguém, seja ele o companheiro ou qualquer outro que não a entrevistada.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os textos resultantes das transcrições foram submetidos a uma análise do discurso (Rocha-Coutinho, 1998)¹⁸ a partir de categorias por nós estabelecidas a posteriori, como determina o método. Cada entrevista foi lida cuidadosamente várias vezes, o que possibilitou que chegássemos a nossas categorias de análise. No estabelecimento dessas categorias foi levado também em consideração nosso

18 O método da análise do discurso foi escolhido por considerar não só a forma, mas o conteúdo, o contexto histórico, social e ideológico pois, segundo Rocha-Coutinho (1998), “um discurso determinado é estruturado por um falante determinado, para interlocutores determinados, com finalidades determinadas e está sempre circunscrito no horizonte social de uma época e grupo determinados” (p. 327).

embasamento teórico. Foram as seguintes categorias de análise por nós estabelecidas e que estão descritas abaixo.

3.4. CATEGORIAS

- **Oficialização da Relação:** nessa categoria buscou-se investigar quais os rituais e/ou celebrações que serviram para sancionar a relação do casal. Foi investigado como a oficialização aconteceu, quem participou e quem ajudou na organização.
- **Objetivos de um Megacasamento:** foi investigado a motivação para celebrar a união através de um megacasamento, bem como o que se espera de um evento como esse.
- **Importância da Celebração para a Família:** o objetivo foi investigar se a opinião dos pais da entrevistada, ou do noivo, a respeito do ato de casar, teve influência na decisão de oficializar desta forma a relação. Foi também observado aqui se os pais aceitariam que a filha morasse junto com o namorado sem oficializar a união.
- **Impacto do Casamento na Relação:** essa categoria visou investigar qual a importância da celebração da união para o relacionamento posterior das entrevistadas. Além disso, buscamos aferir se houve algum tipo de mudança no relacionamento após o matrimônio.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. OFICIALIZAÇÃO DA RELAÇÃO

Alguns relacionamentos se desenrolam de maneira bem tradicional, iniciando com o namoro, passando pelo noivado até chegar ao matrimônio. Todas as entrevistadas passaram por esse percurso. A diferença entre elas se encontra no tempo decorrido entre o namoro, o noivado e a “promessa de casamento”, ou seja, a celebração do noivado. O noivado está se referindo aqui à comunicação, de forma solene, para a família, ou parte dela, da intenção de selar a união em uma celebração de casamento. O período do noivado seria o tempo decorrido entre esse comunicado e a cerimônia de casamento propriamente dita. Todas as entrevistadas deixaram claro, direta ou indiretamente, para os respectivos namorados que queriam se casar. Seguem alguns exemplos de como explicitavam o desejo de casar.

Ai num carnaval assim, a gente, me lembro que a gente viajou com um grupo de amigos e tal, foi até para o meu sítio, e aí eu, quando a gente voltou do carnaval eu falei: “cara, eu quero casar”. E eu não falava muito assim sabe? Mas cheguei pra ele e falei: “Cara eu quero casar, a gente vai casar. A gente vai casar. A gente vai casar...” E aí ele falou: “ah, tá bom, vamos casar!”(Ana).

A gente namorava há três anos. A gente já falava disso naturalmente ... Na verdade, assim, eu sempre fui meio, assim, nunca, sempre falei: “eu não vou pedir em casamento, se tiver que pedir tem que ser você. Nunca vou, meu filho, de mim é que você não vai ouvir, vai ouvir pedido de casamento”. Ele sempre ouviu isso de mim, então eu acho que partiu dele a iniciativa (Bia).

Pois é, eu namorei oito anos e noivei um ano, e quem decidiu casar fui eu, sempre tive vontade de casar e ficava sempre aquela pressão psicológica. [...] E aí eu ia e passava final de semana lá e tal, já tinha aquela rotina de cozinhar né? De organizar a casa, então aí ele ficou nesse período, e eu pressionando né? Porque já tinha casa, já tinha um emprego bacana, estável, já tinha se formado né? O que é que faltava, pra casar? (Dani)

Até porque foi uma decisão nossa. Não foi: “ah, casa comigo.” Foi uma decisão nossa. [...] É, teve uma leve pressãozinha da namorada, né? mas ele aceitou. Então, eu fui empurrando: “Opa! Então perai, se ele está aceitando, então vamos” (Elen).

Mesmo exprimindo claramente o desejo de casar, duas das entrevistadas se surpreenderam com o pedido:

Eu tinha mais sonho do que ele, mas depois ele quis também. Foi totalmente tradicional, ele me pediu em casamento de surpresa. Fiquei noiva de surpresa. Ele chamou o meu pai e a minha mãe, e os pais dele. Ele se comunicou antes com meus pais, ele fez uma surpresa. No meu aniversário. Foi um jantar assim, surpresa. Foram os pais dele, os meus pais e o meu irmão. Só a gente (Clara).

Foi no aniversário do meu pai, e ele comprou as alianças mas eu não sabia, né? E aí de repente falou que eu... era o presente do meu pai. aí ele começou a perguntar, o que é, o que é isso, o que não é. E aí ele mostrou a aliança, falou “quero te pedir em casamento e tudo mais”. foi um evento pequeno. Estava a família mais próxima, enfim, mas eu não sabia. Eu não sabia e não esperava também (Dani).

As outras entrevistadas receberam a proposta de casamento em um momento em que estava apenas o casal e depois, em outra ocasião, a proposta foi refeita perante os familiares.

E aí, numa viagem que eu fiz para o sul, que ele fez o pedido. Num restaurante, botou a aliança na taça, pediu um champanhe. Ele me pediu aí depois que ele me pediu, que a gente voltou pra cá, a gente armou uma festinha de noivado pra família, aí a gente fez uma festa de noivado (Bia).

Quando a gente tinha uma ano e meio de namoro, na verdade não teve aquele pedido de casamento, aquele sonho que a mulher sempre tem, do pedido de casamento, uma surpresa e tal, nada disso. A gente teve foi um consenso mesmo entre nós dois, que a gente queria casar. Não teve nenhuma formalidade, na verdade não teve um pedido, mas a formalidade foi maior com a família dele, até mais do que com a minha família, já que era fevereiro, época de carnaval, ele tem casa fora do Rio, e aí a gente foi pra lá, e na verdade a família já estava sabendo que a gente meio que queria casar. Inclusive eu falei com ele que eu queria uma aliança de noivado. Então eu vim comprar com ele uma aliança de noivado, escolhi a aliança de noivado que eu queria. E aí ele botou no meu dedo a aliança de noivado no carnaval pra família dele, ele falou assim: “só pra avisar pra vocês, que a gente está formalizando aqui, que a gente vai casar, a gente não sabe quando ainda, esse ano provavelmente, mas a gente não sabe quando.” Foi quando eu realmente comecei a procurar data e disponibilidade de lugar pra casamento. [...] Então, na verdade, a gente teve esse formalização maior com a família dele. Com a minha mãe ele foi lá em casa e falou: “olha, só pra avisar, a gente está noivo, vamos casar esse ano e tal.” A minha mãe: “que alegria, que não sei o quê.” Abraçou. Não foi assim, eu falei pra ele que eu achei que a formalização lá em Teresópolis, a colocada da aliança no dedo, entendeu? Foi maior pra família dele. Eu falo pra ele isso até hoje. Mas assim, também nada, nada demais que eu tenha ficado chateada ou nada disso não. É, sabe aquela coisa: “ eu quero pedir a mão da sua filha em casamento” Não teve isso, entendeu? (Elen).

Ele falou: “você é a mulher da minha vida e eu quero casar com você”. E aí foi meio assim. aí depois, foram vários processos, aí ele comprou uma aliança, aí ele, um anel na verdade, não era uma aliança. Ele comprou um anel, e aí ele me entregou um dia, assim, também não teve nada de

momentos super românticos, ele apenas: “ah olha, isso é tananã pra gente ficar noivo e tal.” Depois de um tempo, quando a gente já estava começando a organizar tudo, teve um jantar aqui na casa dos meus pais pra família toda, pros pais, pra mãe dele porque o pai já era falecido. Para a mãe, para os irmãos, para os meus pais e meus irmãos, e para os padrinhos, que a gente já tinha escolhido, e eram os amigos mais íntimos. [...] ele me propôs, e na verdade eu achei que era meio que uma empolgação pra me convencer a voltar com ele. Eu fiquei meio assim meio que levando na brincadeira. Eu só acreditei mesmo no dia ele chegou com esse anel, e aí ele falou: “pronto, agora você tem o seu anel. É isso que faltava pra você acreditar?” (Fabi).

Com relação aos preparativos para a celebração do casamento, as entrevistadas consideram que os noivos se envolveram muito pouco e quando o fizeram foi na escolha do DJ¹⁹ ou da banda, das bebidas, da pessoa que celebrou a união, seja religioso ou juiz de paz, e providenciando a papelada necessária. Alguns iam um pouco além e também participaram de degustações e da escolha do local, mas apenas Bia e Clara consideram o noivo participativo. Mesmo assim, num primeiro momento, Bia nega a participação do noivo

Ele ajudou, mas na verdade a mulher é que fica praticamente com tudo, né? É. Na verdade homem não ajuda muita coisa, né? A gente, quem ajudou mais foi minha mãe, e [pausa] ele ajudava assim, na parte de DJ. Nessa parte assim, ele ajudava. E degustação de doces, ele adorava. Então, assim, era mais essa parte, no resto, né? E ele adorava dar uns palpites também, em algumas coisas que, às vezes, eu preferia eu resolver, sabe? Porque eu queria do meu jeito também, e às vezes ele não gostava muito do, dos palpites dele não. Aí, eu preferia também eu resolver a maioria das coisas. Na verdade, é, mas ele foi participativo, ele participou. Ele gostou assim, de aquela coisa de organizar e tal (Bia).

Eu, E., que é cerimonialista, e a minha mãe, que me ajudou. Foi mais a gente. O Waldir ajudava. Ajudava, ele era bem participativo. Mas a maioria das decisões era comigo mesmo. Mas ele ajudava. Com o DJ, né? Em bebidas, ele foi comigo no local da festa, pra saber. Ele foi na Igreja, a gente escolher junto. E aí assim, essas decisões ele foi comigo. Decoração um pouquinho. Mas a decoração ficou mais por minha conta. E algumas outras coisas. Ele sentou, a gente escolheu música. Mas ele foi um noivo até bem participativo, pelo que eu conversei com as minhas amigas, ele até que me ajudou bem, assim. Ele ia comigo, assim. No máximo vê convite, ele foi. A maioria das coisas que homem não gosta, ele foi comigo (Clara).

A pouca participação dos noivos pode ser devida ao fato de assumirem que o festão não é relevante para eles. Apenas o noivo da Bia queria, declaradamente, realizar o matrimônio com Igreja e festa, enquanto os outros preferiram uma cerimônia menor:

¹⁹ DJ é uma abreviação da palavra inglesa *disc-jockeys*. É o profissional que seleciona e toca as músicas da festa.

Ele queria noivar, ele queria casar, ele queria tudo, morar junto. Ele não queria ir morar junto, ele queria aquela coisa certinha, então, assim, foi uma decisão que, mais dele, mas que eu também sempre tive a vontade de casar na Igreja, essas coisas e tal. Ele queria a coisa tipo, ele queria noite, queria festa. [...] Na verdade, assim, eu queria um casamento de manhã, ele queria festa. Ele queria festa mais que eu, e eu não queria tanto. Ele dizia: “tem que ter festa, tem que ter festa, eu gosto de noite, eu gosto de festa” (Bia).

Ele não queria uma festa grande, ele não queria casar, ele não queria casar na Igreja, ele não queria fazer uma festa normal, tradicional, ele não queria nada dessas coisas. [...] Aí, um dia, não, aí eu pedi a minha tia pra reservar aquele clube P.. Fui lá, paguei e falei: “cara vai ser lá, porque lá é um preço bom”. Tudo. Salão legal e tal. Aí eu fui lá e deixei um cheque. Não, aí minha tia me ligou e falou: “Ana, tem que pagar 5 mil reais, mas qualquer coisa você pode pegar de volta.” Eu reservei a data e um monte de coisa, botei uma pressão pro meu marido pra gente casar. Aí falei: “João, eu reservei a data, vai ser no P. e nãñãñã. Aí ele: “ah tá bom”, pra ele podia ser qualquer lugar, qualquer coisa, ele não queria muito a festa, aí beleza. [...] Eu fiquei muito arrasada porque ele não participava muito. É, e aí, eu queria sempre fazer tudo pra que ele pudesse participar, sabe? Fazer, o quê? Hoje em dia eu nem ligo não, porque eu acho que é o comum [o noivo não participar], exatamente. Não é do perfil dele [...] O meu marido, por exemplo, sempre disse que não tinha sonho nenhum. Mas ele amou a festa, ele amou o casamento dele. Ele fala pra caramba que ele amou, até hoje ele fala. Outro dia mesmo ele falou: “vamos fazer um casamento de novo?” “Vamos fazer cinco anos de casado, vamos fazer de novo?” (Ana).

É, era uma coisa minha, né? Ele falou: “eu não vou me meter, é sua. É seu pai, é você com sua família, é você quem decide, se quiser um casamento ótimo, ou se não quiser casamento, ótimo. Você decide e, se você decide pela festa e a gente vai correr atrás do apartamento. Se você decide pelo apartamento está tudo ótimo, a gente viaja. Faz qualquer coisa.” Ele não tinha essa coisa. Era uma coisa minha com minha família. Uma decisão mais minha. Porque o homem não tem essa coisa. O Waldir depois teve, se você perguntar qual foi o melhor dia da vida dele, ele vai dizer que foi o casamento dele. Mas antes, ele não tem esse sonho com a mulher, de tá ali. Ele sabia que a minha família era mais tradicional. Entendeu? Ele foi pra fazer as coisas um pouco mais bonitinhas, mas ele, se fizesse uma festa menor, também pra ele estava ok. Entendeu? (Clara).

Casar na igreja ele sempre quis, ele só não queria uma mega festa de casamento por conta da grana, né? Aí eu falei: “não, vamos planejar direitinho que vai dar certo”. Porque a gente acabou gastando, ultrapassando o orçamento, ele não pagou nada além do que a gente tinha planejado, e acabaram as despesas ficando por minha conta, o que eu já imaginava (Dani).

Porque meu marido acha que na verdade, que quem tem que fazer o casamento e tal, ele não queria na verdade fazer um casamento tão grande como foi, entendeu? Ele falou: “não, vamos fazer um casamento menor, com 100 ou 150 pessoas”. Eu falei: “nem morta!” Se vou casar, é pra casar direito. Então ele não tinha essa pretensão, esse sonho, de fazer um megacasamento, entendeu? Na verdade eu acho que ele gostaria de formalizar também, mas de uma forma menor, ele faria uma festa bem

menor e tal, num lugar mais tranquilo, entendeu? De repente mais barato e tal [...] Eu acho que no fundo, no fundo, ele até achou que gastar o que foi gasto, realmente era um absurdo, mas que valeu a pena, pela noite, entendeu? Mas que se ele pudesse voltar atrás ele não gastaria de novo. Eu gastaria tudo de novo. [risos] Ele não gastaria (Elen).

Em momento nenhum ele falou “não vamos fazer festa.” Mas ele não se envolveu. Ele sabia que era uma coisa muito mais minha, acho que se ele pudesse escolher, assim talvez, ele não ia fazer diferente. Se eu falasse pra ele assim: “ah, não vamos fazer nada?” Ele ia falar: “está bom”. Ele não fazia questão. Pra ele não fazia a menor diferença, quem queria isso era eu, então, assim, ele não ia pagar nada mesmo. Mas adorou (Fabi).

Todas, sem exceção, contrataram um (a) cerimonialista para ajudar na organização e preparação do evento. A figura da “mãe da noiva”, que acompanha ou ajuda a filha nas escolhas e preparação da cerimônia só apareceu no discurso da Clara e da Dani que, apesar de ressaltar a ajuda materna, no fundo esta foi bem pontual. As outras entregaram para cerimonialista. Apenas Dani e Fabi se arrependeram da contratação, devido às escolhas que a cerimonialista fez:

Eu fiz tudo nessa casa de festa. E lá, ela organiza tudo, tudo, tudo, tudo (Ana).

Tive, tive cerimonialista, mas mesmo assim dá muito trabalho, é um período estressante (Bia).

Contratei a E., que é cerimonialista. E ela foi meio que me orientando em relação ao fornecedor. Mas eu tinha mais ou menos na minha cabeça como eu queria, o que eu queria fazer, como que seria, e aí a minha mãe me deu uma ajuda nisso. Mas a minha mãe ajudou muito também, porque no final eu já estava trabalhando muito e não podia. E daí a minha mãe, no finalzinho, ela escolheu muita coisa também, assim, eu mandava pra ela umas fotos e ela ia lá e fechava. Uns docinhos, é, bolo, ela escolheu (Clara).

Assim, eu contratei um cerimonialista, que foi o RC., mas, mais pra perto do meu casamento, ele falou: “Nossa, noiva igual a você eu quero todos os dias.” Porque eu falei com ele, eu já resolvi tudo, eu entrei em contato com todos os fornecedores que precisava, ele me mandou uma listagem e disse: “Elen, você precisa de tudo isso aqui”. Eu contratei, e fechei com todos os fornecedores e já passei a lista pra ele. Eu falei: “RC., tá aqui a listagem de tudo que eu fechei e de tudo que eu quero fazer pro meu casamento” (Elen).

E eu não ia estar presente, então quem ia marcar o casamento (na Igreja) pra mim era minha mãe [...] A minha mãe me ajudou um pouquinho na parte de decoração, de escolher as coisas, mas 80% fui eu que fiz. Olha, eu tive uma péssima experiência, né? Porque a gente contratou uma cerimonialista, e a cerimonialista ela fazia esse papel de assessoria e a decoração. A gente fechou essa casadinha pra poder dar uma economizada no preço. Só que eu fiquei muito chateada. Assim, a ponto dela declinar da, da, do trabalho. E aí eu briguei muito com ela, briguei assim no modo de dizer [...] Eu falei, não.

Que eu não quero isso não. Ela, “mas por que você não quer?” Eu falei que eu olhei na internet e eu achei um fornecedor, que me deu muito mais trabalho, eu achei um fornecedor que está me alugando mais barato, e é exatamente o que eu quero. Então, eu vou fechar com esse fornecedor, e a logística é sua. E aí ela já não gostava, entendeu? E aí quando faltavam seis meses pro casa, cinco meses pro casamento, ela falou que, que ela ia declinar, porque, da parte da decoração, porque ela tava sentindo que eu não estava muito satisfeita. E ela estava ficando só com o cerimonial. E eu falei: “Não, você não vai me largar agora com cinco meses para o casamento! Não tem condições, né? A gente se acerta aqui e vamos pra frente”. E, aí, foi isso que aconteceu. Eu pesquisei sozinha. Acabei pesquisando, fiz tudo sozinha (Dani).

Tive, tive. A TCD.. Bem tradicionalzona, até demais. Eu me arrependo de algumas coisas assim, de ter seguido ela (Fabi).

Com relação aos gastos do evento, todas contaram com a contribuição da família, em menor ou maior proporção. No caso de 4 entrevistadas a família pagou por tudo, os noivos praticamente não tiveram gastos.

Ah, meu pai que bancou a festa toda. Eu não paguei nem um centavo. Nem um centavo. Nem um real. Minha sogra e meu sogro ajudaram na bebida, que eu me lembro que meu pai combinou com ele de comprar, aí acabou que ele pagou na hora. E eles deram de presente pra gente uma lua de mel. Foi uma viagem. Mas fora isso, meu pai bancou tudo. Eu não tive problema com pagamento de nada. Eu não tive essa coisa de: “ah vou...” Eu também não perdi a linha, entendeu? Não fiquei forçando de gastar tubos num vestido, nem tubos em não sei o quê. Mas não foi uma coisa que pesou no meu orçamento, entendeu? Meus pais bancaram a festa toda (Ana).

Foram meus pais que pagaram o casamento. Pagamos alguma coisinha. Mas a grande maioria... A gente ficou com o apartamento. A gente deu, aqui em casa foi assim, ele bancou sei lá 90% do meu casamento foram os meus pais. Os pais do Waldir, meu marido, deram alguma coisinha. Eu e o Waldir alguma coisinha, mas o apartamento foi a gente que, entendeu?, que foi por nossa conta e a gente dividiu [...] E na verdade, foi uma decisão, meu pai, na verdade mandou escolher, ou um apartamento, ou o casamento. E eu decidi o casamento. Me falaram: “É maluca! Didiu pelo casamento!” A gente tinha essa possibilidade de comprar o apartamento. Mas na época, assim, da decisão foi meio impulso assim, “Ah eu quero tanto um casamento, né?” Sempre quis casar na igreja. Sempre quis uma festa. Sou mais tradicional. [...] Por isso essa coisa dessa tradição, e de eu saber que ia acontecer naturalmente dele [pai] querer dar o casamento, entendeu? (Clara).

Minha avó, que é a mãe do meu pai. Na verdade, meu pai já faleceu há muitos anos, e a minha avó é que na verdade tomou essa função, esse lugar do meu pai, comigo e com meus irmãos, minha avó que tomou essa função. ... E graças a Deus, minha avó tem uma condição legal, que pode me ajudar nisso. Eu contribuí pouco, muito pouco, porque minha avó graças a Deus falou: “não, minha filha, o que tiver que gastar, vamos gastar.” Meu marido pagou mais essa parte operacional e tal, esses extras todos da família dele e tal, ele e a mãe dele pagaram, mas o grosso realmente foi minha avó [...] Na

colônia judaica tem muito isso da noiva patrocinar o casamento, é a noiva que tem que bancar o casamento. A tradição deles é essa. Não acho que todo mundo siga a risca isso, se a mulher não tem condição nenhuma. E se pra família do noivo não fazem muita questão, vão ter que pagar. Mas a tradição judaica é que a noiva banque, a família da noiva banque totalmente o casamento. Eu acho que isso não é nem uma tradição judaica, era uma tradição geral, antigamente, mas eu acho que hoje em dia não, quem tem mais condição ajuda. Mas, a família do meu marido nunca pensou em levantar um dedo pra gastar alguma coisa. Que não me ouçam. Mas nunca pensou em gastar um centavo, nunca se dispuseram a gastar nada pra festa, nada. Se eu não pudesse, a gente não ia fazer festa. Entendeu? Ia fazer um evento bem menor que meu marido pudesse pagar, mas que a família dele não ia ajudar. A irmã dele casou e a família deles fez um senhor casamento pra ela, com milhares de convidados com tudo que foi necessário, há muitos anos atrás. Mas do meu ele não gastaram (Elen).

Meu pai, tudo, tudo, tudo. Ele [noivo] não pagou nada. Ele pagou a banda, que não pagou, né, era dele. Ele pagou a banda. Só [...] Meu pai já tinha casado a minha irmã da mesma forma, e [...] era natural, assim, meu pai é bem machista nesse sentido, sabe? Então, assim, pra ele pagar, o casamento pra ele era a coisa mais natural do mundo (Fabi).

As outras duas entrevistadas pagaram, pelo menos, uma parte.

A gente pagou bastante coisa, com nosso próprio dinheiro, tanto eu quanto ele, e as famílias dividiram. Assim, minha mãe ajudou, minha mãe e meu avô ajudaram, e pais dele também, dividiram também. Foi tudo dividido (Bia).

E aí no dia seguinte que ele me pediu em noivado, no dia seguinte, eu já tinha uma planilha com todos os orçamentos e com tudo já mais ou menos que envolvia o casamento. Naquela noite pro dia, eu entrei e mandei e-mail, e aí planilhei tudo. Aí falei: “olha, pra realmente ter o casamento, né?, que eu gostaria de ter, com uma festa e tudo, eu não tenho condições financeiras de...” Meus pais não tem para me bancar. Porque normalmente é o pai da noiva que banca. E eu também não disponho dessa grana pra pagar de uma vez só, eu preciso de um tempo pra me planejar. Eu tenho mais ou menos um ano no meu orçamento, um ano e pouquinho pra poder pagar essa festa. aí ele falou assim: “Então tá, eu topo.” E a gente marcou a data e aí combinamos que ele pagaria a metade e eu pagaria a outra metade, né?, daquele orçamento previsto que era algo em torno de sessenta mil. E ele: “Olha, eu pago trinta e você paga trinta.” Aí meu pai ajudaria com alguma coisa, a mãe dele também, e isso aí entraria como um extra (Dani).

4.2. OBJETIVOS DE UM MEGACASAMENTO

Nesse pesquisa foi considerado um megacasamento um enlace que conta com a presença de 350 convidados ou mais. Quando foi perguntado para as entrevistadas se o

casamento delas podia ser considerado um megacasamento, apenas duas disseram que não. As outras entrevistadas responderam positivamente:

Não. Não. Foi um casamento normal, eu acho. Os casamentos de hoje em dia, que eu vejo, eu acho que o meu foi um casamento normal (Bia).

Assim, foi bacana, mas eu já pesquisei muito, eu já vi casamento muitíssimo mais belos do que foi o meu. Quando você sai do teu universo e fica olhando essas revistas de casamento, aí você fala assim, meu casamento foi tão pobrinho, né? Aí você vai vendo, eu acabei gastando, pra minha realidade foi um casamento bem bacana. Pra um megacasamento, eu não sei se mega seria uma palavra muito pesada. Mas foi um casamento assim bonito, bacana (Dani).

Apesar de eu ter feito tido uma festa muito grande, uma mega festa, super legal, num lugar lindo, gastamos muito dinheiro, eu não sou, fui uma pessoa completamente fresca, sabe? (Ana).

Eu procurei fazer assim, exatamente como eu queria, apesar da festa ser grande, eu procurei; e desses detalhes, assim, que eu te falei das lembrancinhas, eu e o Waldir, a gente realmente procurou, digamos, fazer tudo de uma forma grandiosa mas ao mesmo tempo não assim, como é que eu posso usar a palavra... não assim, gastando, rasgando dinheiro, entendeu? (Clara).

Assim, porque eu acho que nenhuma outra festa vai ser tão grandiosa, como foi meu casamento. É o que eu falo com meu marido, foi a melhor noite da minha vida. A gente já tem dois filhos, eu engravidei na minha lua-de-mel. Então é, todo mundo fala, ah o melhor momento da minha vida foi o do nascimento dos meus filhos. Realmente foi um momento mágico, mas a noite da minha festa de casamento é uma felicidade que... Então, assim, pra mim foi muito mágico, entendeu? Essa noite, assim, foi uma felicidade que nunca existiu na minha vida igual. É divertido demais, primeiro que você está fazendo tudo do jeito que você quer, investindo um dinheiro que você nunca investiu na sua vida para nenhuma festa com todos os seus melhores amigos, a sua família, pessoas que te amam ali, então, assim, pra mim foi um dia muito mágico, muito mágico [...] Por exemplo, eu, Elen, sempre quis fazer uma festa, sempre quis fazer um festão e tal, entendeu? Nunca pensei que minha festa fosse ser grandiosa e no lugar que foi. Nunca achei que fosse, mas graças a Deus, não achei que minha avó fosse me proporcionar isso (Elen).

Mega, considero meu casamento um mega evento (Fabi).

Ana considera um megacasamento quando tem muita música boa e muita bebida:

Caraca, uma pergunta difícil cara! [...] Pra mim que sou festeira, porra, uma boa música, pra mim que sou festeira tem que ter muita música e muita bebida. Tem que ter boa música, eu acho.

Já para Bia, um megacasamento envolve um local de festas e um cerimonialista badalados e especiais, com o que há de melhor em termos de bebida, comida e decoração:

Então eu te colocaria, é uma pessoa que contrate o Roberto Cohen como cerimonialista. Pode colocar assim, os nomes, entendeu? Uma pessoa que case no Copacabana Palace, com o Roberto Cohen como cerimonialista, numa festa pra, sei lá, 700 pessoas, é, fechando pelo menos dois salões do Copacabana Palace, é, fechando uma banda conhecida, ou um grupo de funk desses aí que estão na moda. E, e, é basicamente isso, assim, com um, o melhor champanhe, e jantar, e melhor decoração. Aquela coisa né? Uma coisa vai puxando a outra. Um megacasamento já tem aquelas figuras carimbadas. Assim, os nomes certos pra você saber que aquele é um megacasamento. Tipo, se a pessoa falar: “ah eu vou casar no Copacabana Palace e o meu cerimonialista é o Roberto Cohen”, você não precisa falar mais nada, mais nada. Você já sabe que a pessoa vai fazer um casamentão, entendeu? Então, assim, tem coisas que [pausa] É mais ou menos assim, funciona dessa forma, se você ver os fornecedores você já sabe se vai ser um casamento mais ou menos, se vai ser um casamento médio, se vai ser um casamento...

As entrevistadas que consideraram o seu casamento como sendo um mega evento explicaram que o consideram dessa forma pelo gasto envolvido, que está relacionado ao local e cerimonialista escolhidos, a uma bela decoração, comida e bebida fartos, pela animação da festa, entre outras coisas:

O meu casamento foi um megacasamento pelo gasto, pelo lugar e pela festa em si, por tudo que envolveu, pelo evento, foi muito bom, entendeu? Foi um megacasamento, um casamentão mesmo. Foi um evento grande. Começou 9h e terminou 6h da manhã. Foi uma coisa muito bacana. Então, o meu casamento eu considero um megacasamento porque deu tudo certo, apesar de ter gasto uma grana, acima do normal, porque isso pra mim é acima do normal, foi um megacasamento porque deu tudo certo, ficou todo mundo bacana, não faltou comida, não faltou bebida. Foi tudo bem alinhado. Assim, além dos gastos que também faz ser um, eu acho assim, um megacasamento tem esses dois sentidos, é um megacasamento porque você gastou muito e é um megacasamento porque deu certo, porque não adianta você gastar e não dar certo, né? (Clara).

Ah eu acho que a pompa de um X²⁰ cresce muito um casamento. Entendeu? Na época em que eu estava escolhendo lugar, uma coisa que o meu cerimonialista até comentou muito comigo, ele diz: “Ana, as pessoas que casam no X obrigam, entre aspas, os convidados a irem mais bem vestidos, do que um casamento no Alto da Boa Vista, do que um casamento até no MAM, entendeu? Num museu e tal”. O X tem esse glamour dele, das pessoas acharem que tem que ir mais bem vestidas, então, de repente, os convidados não vão querer ir de repente com um vestido curto, vão optar mais por um vestido longo. E eu gostava disso, eu gostava disso (Elen).

²⁰ O “X” será usado para identificar o local onde a entrevistada casou.

Nossa, pena que eu não tenho o vídeo aqui [...] O número de pessoas era exato, a comida era muito bem servida. Ninguém sentou pra comer e parou, esfriou a festa. A festa foi animada, do começo ao fim. Quatro horas da manhã tinha gente na pista, sabe? Eu pedindo pelo amor de Deus pro meu pai mais uma hora extra. Mega por isso, porque é [pausa] foi animado do começo ao fim, porque foi todo mundo que eu queria que estivesse lá. Foi [pausa] Sei lá, as pessoas saíram falando, falam até hoje, falam. Nossa, pra você ter uma ideia, tem uma menina que era amiga do Pedro, que me ligou, tipo alguns meses depois, ela falou: “Cris, eu não tive oportunidade de falar com você antes, no seu casamento, meu nome é B., eu sou amiga da faculdade do Pedro, eu vou me casar. E eu quero fazer tudo igual a você! Você me ajuda? Eu quero igual!” Eu achei até engraçado e ousado da pessoa, porque eu podia não gostar (Fabi).

Quando foram perguntadas sobre porque as pessoas fazem um megacasamento elas se referiram muito ao fato de hoje existir uma verdadeira “indústria do casamento”, que constrói desejos e as pessoas se deixam levar pela venda de um sonho. Acrescenta-se a isto, o fato de que como aponta Dani, “a gente vive numa sociedade do espetáculo” e os casamentos viraram verdadeiras formas espetaculosas de se mostrar para o outros:

Eu fico pensando, por exemplo hoje, eu, um evento pra trezentas e cinquenta, quatrocentas pessoas, ou você tem famílias muito grandes, que você precisa chamar, entendeu? e você é aquele tipo de pessoa que fala: “ah cara, eu quero fazer uma festa e quero chamar todo mundo sim, e dane-se. Vou gastar o que tiver que gastar e vou chamar quem tiver que chamar.” Ou então você tem algum interesse a mais nisso, e aí talvez seja esse, de se fazer relacionamento, de estreitar relacionamentos [...] Eu acho que tem um pouco disso. Acho que de uma mega festa, eu acho que é isso [...] Eu acho que tem uma coisa aí de o casamento virou um mercado de verdade. As pessoas ganham muito dinheiro com isso, entendeu? E é um mercado que tem público pra isso, tem um marketing gigante por trás envolvido que faz com que você tenha mais desejos, entendeu? De construir aquilo, de fazer uma festa, de fazer uma [...] Sonho da princesa, sabe? Tipo aquela coisa que você vê na revista, na revista não, nos livrinhos quando você é criança? Acho que é isso, e hoje você, hoje com essa coisa do marketing, da comunicação e de todo mundo estar sabendo e vendo tudo a todo tempo, eles conseguiram pegar uma coisa que mexe com o emocional muito grande da mulher e das pessoas, e transformar num puta mercado e ganhar dinheiro. Não estou dizendo que é [...] feio, é que é escroto [...] pelo contrário, eu acho o máximo. Acho muito legal (Ana).

Eu estou um pouco descrente em relação a casamento. Porque quando eu casei, eu não tinha essa mentalidade, porque quando eu casei eu não trabalhava tanto com festa de casamento. Então como hoje eu trabalho muito com festa de casamento, eu tô um pouco decepcionada com esse mundo, porque eu vejo que assim, hoje em dia as pessoas casam pelo status apenas. Por querer mostrar pros outros que, que, que tem, que pode pagar aquilo, que pode, sabe? Não pelo amor, sabe? Eu não sei, é a quantidade de informação que a gente tem hoje em dia, é tudo muito maior, então tudo fica maior. Antigamente, era [pausa] só tinha no Rio uma doceira que contratava que era aquela. Aquela do vestido. Hoje em dia é uma quantidade gigantesca de

fornecedor de tudo quanto é tipo, tem mil opções pra tudo. Então assim, é muita oferta de tudo que você possa imaginar, virou um mercado que não existia isso antigamente. Então é uma concorrência, uma coisa das pessoas quererem mostrar que tem, que hoje em dia eu vejo que é cada vez maior mesmo [...] Eu já atendi algumas noivas que eu falo: “gente essa pessoa não esta casando porque ela gosta do marido, não é possível. Ela esta casando porque ela quer mostrar pros outros. Não é possível.” São coisas que eu vi assim, que eu falo: “gente, que coisa esquisita!” (Bia).

Porque a indústria de casamento é uma indústria muito cara, muito grande. Quando você vai sempre pra fechar com um fornecedor, você, e fala que é pra casamento, eles dobram ou triplicam o preço. Você não tem dimensão até você entrar, até você viver isso, do valor que envolve tudo isso. E aí você deixa isso embarcar. Porque no final eu gastei 250 mil com o casamento, é muito dinheiro! Eu acho que mudou a indústria mesmo, né? Acho que cresceu e eu acho que te dá mais possibilidades, você vê tantos fornecedores te oferecendo tantas coisas diferentes, eu acho que é isso [...] Hoje você tem aí, aqui no Rio, cinco ou seis decoradores, super famosos, um competindo com o outro pra ver quem faz o casamento mais bonito. aí você vai ali na, no bolo, e eu senti muito isso, um monte de doceira super famosa, te mandando um monte de amostras pra tua casa, por uma quer competir fazendo um doce que é diferente [...] E as pessoas, elas trabalham com sonho, e aí meu pai costuma falar, sonho não tem preço, né? Você vai, você vai se deixando levar, quando você vê você está gastando uma fortuna naquilo, porque estão te oferecendo um monte de coisa e você vai se empolgando com aquele momento. Quando você vê, você gastou o mundo. Você se embala, você se deixa levar. Estão trabalhando com o sonho da gente. Com o dia mais importante da nossa vida. Antes de ter um filho, eu acredito [...] Os fornecedores te colocam nesse, nesse mundo assim, sabe? Você vê, pra ter um Mc no casamento, eles cobram 50 mil, 30 mil reais. E tanta gente tem isso no casamento hoje em dia, a maioria bota [...] Por quê? Porque eles também sabem que é um sonho pra mulher. Ela vai pagar. Entendeu? [...] Eu acho que as pessoas que fazem um casamento grande, que dá essa importância a Igreja e tudo mais, são sempre aquelas mulheres que tem uma família já com aquela tradição, que já tem esse sonho dentro de si. Casar, de achar que o casamento é todo esse ritual (Clara).

A gente vive numa sociedade do espetáculo, porque cada um quer ... Você vai numa festa e ninguém, ninguém conta que está ruim que está sem dinheiro. Você já reparou? E Fulano? Fulano está bem, casou, tá morando num lugar bacana. Então eu acho que modificou por isso, a coisa foi se modificando, e eu confesso que quando eu comecei essa história de casamento, eu dei umas viajadas também, sabe?, pra minha realidade financeira. Tipo, é, champanhe tem que ser champanhe. Por que é que tem que ser champanhe? Eu não bebo champanhe. Sabe? Umas coisas assim. E eu acho que você acaba fazendo a festa para as pessoas. Óbvio que eu fiquei muito feliz, muito satisfeita, mas eu acho que rola uma competição assim, do teu ciclo de pessoas, de amizade. [...] Hoje, eu de fora, consigo enxergar que metade das coisas que eu fiz foi supérflua, foram coisas supérfluas. Mas naquele momento você fica tão envolvida emocionalmente que você acaba embarcando. Então eu acho que assim, são duas coisas que contribuíram pra essa mudança, no meu ponto de vista. Primeira delas, virou uma indústria e as pessoas vivem disso, ganham muita grana com isso. E segundo, que a própria sociedade mesmo, eles fazem pra poder mostrar pro ciclo de amigos que está bem, que é uma vida nova, e que está feliz e que podem fazer

aquilo. Eu conheço pessoas que pagam dívida de casamento até hoje e eles fizeram uma mega festa (Dani).

É uma indústria sim, o cerimonialistas na verdade te estimulam, te instigam a fazer muitas coisas, mas você tem total escolha, não tem pressão nenhuma, entendeu? pra fechar alguma coisa que você não queira, até porque normalmente não é você, é a noiva e a mãe da noiva, ou a mãe do noivo, muito envolvidos entendeu? [...] Você emocionalmente não está 100%, e [o decorador] acaba em cima dela e fala: “olha, tem um candelabro de cristal...” e aí envolve a noiva de uma maneira que ela fala, precisa mesmo. Entendeu? E aí ele acaba conseguindo. Vai ser o diferencial. E talvez nem seja o diferencial, talvez seja um pouco da pressão de botar alguma coisa, não que assim, nossa, isso foi um supérfluo ridículo e tal, e não é, mas ... (Elen).

Eu acho que é uma coisa da sociedade mesmo, de mostrar, de ser o momento de... Sei lá, aquela coisa de princesa da Disney: eu achei meu príncipe, e agora eu tenho que... Eu acho que é uma coisa apenas pra sociedade. Existe uma competição. Tem uma indústria de casamento péssima! Horrrosa. Tem. Tem. Tem, eu sei porque eu trabalho com isso, e eu sei porque você falou a palavra casamento, brigadeiro que custa 100 reais, passa a custar 300. É tudo, a flor, que você faria um arranjo pra sua casa, triplica. A indústria é horrível, e ela, e ela foca muito nessas meninas como eu to te falando assim, que são inseguras, que tem esse sonho louco de casar, mais do que casamento em si, homem e mulher, elas querem aquela festa e alvo fácil. Alvo fácil (Fabi).

Além do lado comercial, ou se somando e dando peso a este, foi apontado também a competição entre as noivas de quem faz o melhor casamento:

Eu acho que tem muita gente que quer mostrar, sabia? Quer mostrar pra sociedade aquela coisa, aquele momento, né? E eu acho que ficam viajando meio, assim, também é um mundo muito louco, sabe? Você tá viajando, você quer que o seu casamento tenha isso, que a festa de fulano não teve, você quer que, entendeu? Quer que seja melhor que o da outra ou do outro. Uma competição pras noivas, eu acho isso, de verdade. Que vai virando uma coisa assim, meio louca, que eu vejo muitas mulheres elas escondem o que vai ter um casamento delas, pra não mostrar pras outras. [...] Então vira meio que uma competição, assim, aí, pra mostrar pras amigas, pra mostrar pra família, sei lá mostrar pra quem. Mas acaba sendo um, meio que aquele evento, aquela coisa grandiosa mesmo, entendeu? [...] Que o meu foi melhor que o da fulana, é mais isso. Não sei se o pacote dos grandes casamentos entram num, num sonho das mulheres, mas eu acho que esta embutido, se você quer ter uma festa de casamento, se você quer casar na Igreja, já vem embutido, né? “Pô, quero um grande casamento” (Clara).

Eu acho que as pessoas vão se empolgando e acaba comparando um [casamento] com o outro. Das minhas amigas nós já tivemos quatro casamentos. Meu e mais três né? e aí a gente, é até deselegante você chega e: “mas o casamento dela? Pô, mais é isso? Mas o seu estava melhor nisso. Ou meu estava melhor. Você acaba comparando entendeu, um com o outro. Esses dias eu fui num casamento de um amigo do meu pai, a gente chegou lá no casamento e eu fui cumprimentar a noiva, que eu não tinha o um mínimo de intimidade, mas fui. E ela: “é, pois é, meu casamento não está igual o seu

né? Mas está bonito, né?” Eu achei aquilo tão... aí você vê, ela ali no dia dela, não tinha necessidade de ela fazer aquele comentário, entendeu? Você vê que as pessoas estão sempre comparando. E eu também fiz comparações. E acho que uma parte dessa celebração é feita para os outros, acho. No total, com propriedade, eu falo que sim. [...] Então assim, você fica ali na hora mais preocupada com os outros do que com, com a cerimônia em si. Eu acho que o negócio está tão pesado, essa indústria de casamento está tão acirrada, que as pessoas estão esquecendo exatamente que é uma celebração, que tem a parte religiosa, que está todo mundo ali na expectativa de que vai começar uma família nova e tal, e você no meio do caminho, isso se perde um pouco (Dani).

Então assim, o casamento das minhas amigas também foi maravilhoso, porque eu acho que não é só o glamour da festa que faz a festa. Foram maravilhosamente animados, foram muito legais, mas eu acho que não tiveram essa pompa e esse glamour da festa que eu tive (Elen).

Existe uma competição. Tem um grupo que casou mais ou menos, casou na mesma época todo mundo, né? E eu ouvi isso de uma amiga minha, ela falou assim, que casou depois, ela falou assim: “como que eu vou superar a alegria que foi o seu casamento? A animação que foi o seu casamento?” Ela falou: “eu estou desesperada! Eu tenho que superar.” Isso foi uma coisa que ela me falou, mas eu imagino que ela quis, que ela ficou angustiada com isso, em muitos outros momentos. Pra organizar o dela, sabe? Ela foi bem explícita na parte de animação, mas eu acho que o meu casamento funcionou de uma forma tão perfeita. Então eu acho que as pessoas vão criando regras, e assim, as pessoas vão tentando se superar e aquilo vai cada vez mais aumentando. “Ah no meu teve lembrancinha.” “Ah no meu vai ter lembrancinha e uma água no carro que está estacionado lá, com um kit ressaca.” Que agora está na moda. “Então no meu vai ter...” e assim vai indo, vai cada vez mais virando uma coisa louca, as pessoas querem sempre se superar umas as outras (Fabi).

Nessa competição qualquer detalhe pode ser considerado o diferencial de um casamento, ou ser aquilo que vai torná-lo inesquecível para os noivos e os convidados:

Fiz umas flores de tecido. Só isso, as sandálias e as florezinhas. Que foi minha amiga que fez. Na verdade eu que tive a ideia de fazer meu buquê de tecido, pedi pra ela fazer, e enquanto ela estava desenrolando ela fez umas flores pequenininhas e a gente espalhou lá, sabe, pra decorar (Ana).

O que mais me marca no meu casamento, na verdade, é que ele chorou demais, então a Igreja inteira chorou. Então, tipo, é a coisa que mais me marcou na verdade, no meu casamento. Mas assim, eu quis, eu botei todas aquelas coisas, eu botei sorvete Itália, eu botei balão, botei vários detalhezinhos, assim, diferentes. Dei lembrancinhas para os padrinhos, botei um bolo personalizado para cada um com a carinha deles, para cada padrinho foi um bolo personalizado. E paras, teve as havaianas normais para as mulheres. É, a havaiana tem que ter. Não existe casamento sem havaiana, né? Não existe (Bia).

Minhas rasteirinhas foram meio personalizadas, não foi havaianas, a gente botou lá. Porque eu sou da BH. E o Waldri é do RJ. Então foi rasteirinhas, só

que uma era da Bahia, com o fundo da Bahia, que tinha fitinha do Senhor do Bonfim. E o outro o calçadão de Copacabana. E pras meninas, além disso, que isso foi só pra menina também, a gente deu um porta joia de imitação da Tiffany, com um brinco de pérola dentro. Além disso a gente teve na pista de dança, estou lembrando aqui também, teve balões, de coração, que a gente distribuiu na pista de dança. Teve plaquinhas, teve isso, teve animação [...] Eu contratei, eu fui atrás da melhor orquestra (Clara).

Aqui na Barra tem uma designer gráfica que ela fez um caixinha de papel que era um bolinho com três andares. E embaixo era uma fatia de bolo, em cima era um bem casado, e no topinho assim um docinho. Então, os convidados levavam pra casa isso. Que é uma forma de você levar uma marmitinha pra casa. Aí, na casa de festa, quando eu fui levar os meus pais pra conhecer, essa banda estava passando o som. aí eu gostei muito da banda, eles são profissionais, extremamente profissionais. São caríssimos, pro meu, pra minha realidade, né? Mas foi o que foi a diferença da festa. Todo mundo comentou. Eles cantam essas musiquinhas de balada é, Black eyed Peas, Katy Perry, e eles vem caracterizados [...] Ai foi bacana, isso foi o melhor investimento que eu fiz. Porque eu acho que escola de samba, Mc, eu acho que não agrada todo mundo. [...] Teve chinelo havaiana, por uma determinação do noivo. E ele queria, ele falou: “não vai dar aquela havaiana não?” Eu: “Não, não tem dinheiro”. Ele falou: “poxa mas isso é o maior conforto, maior conforto pras mulheres. Não, você tem que fazer, você tem que fazer”. Eu falei: “não, não tem dinheiro, não tem dinheiro.” Foi um presente até de uma madrinha que acabou, que acabou pagando isso pra gente (Dani).

Eu tive um DJ, e eu tive um grupo de, na verdade, eu não queria escola de samba, mas eu gostava da batucada e tal, então eu contratei um que se chamava Y²¹, que eles fazem um batuque de escola de samba, em cima das músicas do DJ, entendeu? É muito legal. A gente trouxe uma Rastropop²², que trabalha com esse grupo chamado Y, então eu tive DJ, e um pouco mais tarde da festa, entrava o Y, batucando em cima das músicas que o DJ toca. Muito legal. Foi assim, um ponto bem, bem animado da festa. [...] Eu fiz sapatilhas. Na verdade, essa fornecedora, foi mostrar pra mim material dela lá onde eu trabalhava, na Marina da Glória, e eu conheci e achei lindo, eu fiquei quieta e tal, fui pra casa, mostrei pro meu marido, pro meu namorado, né? e aí ele achou legal também. Umas sapatilhazinhas, que você bota enroladinha, que dizem que lá na Europa tem máquinas de sapatilhas. Que são umas máquinas que você bota as sapatilhas de todas as cores, tamanhos, e você lá, bota a fichinha que te dão na entrada da festa, e você escolhe. Em vez de dar havaiana. Eu quis mudar um pouquinho, aí eu dei sapatilha (Elen).

É, o local, o local é muito bonito, é um jardim ao ar livre, uma coisa, é uma... o jardim é, era casa de Burle Marx, então... Não, a casa era do Niemeyer e os jardins são do Burle Marx. Então assim, é uma coisa maravilhosa. Além disso tudo, e eu ter tido a sorte de não ter chovido no dia, teve a banda, que foi muito legal. Que foi super diferencial. É, eu quis fazer uma coisa bem descontraída, que as pessoas dançassem. Eu não fiz aquela coisa tradicional de valsa e todo mundo dançando. A festa já começou

²¹ Nome fictício do grupo contratado

²² Equipe de profissionais que contam com um núcleo musical formado por DJs, artistas, discos e shows.

bombando! Já começou muito bombando. E lembrancinhas eu fiz na época, ainda não tinha essa moda tanto de home spray, eu fiz um home spray pra eles pra. Eu fiz com a nossa inicial e tal, porque tem uma amiga que tem uma empresa disso e tal, e ela fez pra mim. Tiveram chinelinhos diferentes, que eu fiz; eu não fiz havaina, eu fiz uma coisa de palhinha, com uma rosa. Não era ainda tão moda a coisa da, dos balões na pista, eu fiz uns balões muito legais que eu comprei nos EUA uns balões de vestido de noiva. Tinha um monte desse balões de noiva. É isso. De diferente mesmo, eu fiz uma coisa, eu não fiz jantar de sentar na mesa, é, foi volante, o tempo todo, mas muita comida. E no final eles serviam ainda uma massa, que aí sim, você podia pegar e, uma massa com saladas. E no final do casamento, lá pelas duas, três horas da manhã, entrou um carrocinha de cachorro quente G. Que foi a sensação! Foi aquela coisa meio que ressaca, sabe? Tipo larica da madrugada. Foi muito legal, voou, acabou. Mas o mais legal mesmo, foi a, a banda, né? E o meu DJ também que também tinha uma aparelhagem super legal assim, meio interativa, as pessoas podiam fazer desenhos na mesa dele (Fabi).

Segundo as entrevistadas, o casamento as colocou no centro das atenções, da mesma forma que faz com as famosas e, como aponta Clara, “você vira uma celebridade” com tudo que tem direito: mimos, fotografias, elogios, maquiador, entre outras coisas:

Eu já sabia que ia ser assim, então pra mim foi natural, eu levei numa boa. Eu acho que é um dia, é um dia legal assim, porque é um dia que você assim, o foco realmente a atenção é toda, você se sente muito mimado, sabe? É um dia que todo mundo te abraça, todo mundo tá ali em cima de você. é um dia que todo mundo te ama. [...] Então, eu achei super legal, eu adorei, queria casar várias vezes! Eu adorei, eu achei ótimo. Maravilhoso. [risos] Todo mundo falando que você está linda. Pô, maravilhoso! E você está lá, virando para um lado e “pá” foto, “pá” foto, “pá” (Bia).

Eu enfeitei a Igreja da melhor forma, porque eu achava que aquele momento, assim, eu escolhi cada música muito detalhadamente, porque eu falei: “gente, o momento na Igreja é o meu momento, eu vou entrar e todo mundo vai estar me esperando.” Ah Juliana, eu vou ser muito sincera [animadamente] eu achava que, eu me sentia, sei lá, era uma princesa, era uma atriz, que era uma pessoa famosa. Que todo mundo vira, você vira o centro das atenções, você é observado assim, da cabeça aos pés, você tem que estar realmente, todo mundo te analisa muito e parece que aquele dia você tá linda pra todo mundo, você é a mais bonita. Você sente que você, nossa, que só existe você ali, você fica até um pouco egoísta assim, né? Porque parece que realmente aquele dia é seu, mas é isso mesmo, é assim mesmo, todo mundo senta na Igreja todo mundo te olha [...] Meu casamento não foi só comigo não, foi com o Waldir também. A gente foi muito requisitado, todo mundo quer falar com você, todo mundo quer te ver, todo mundo quer tirar foto com você. Você tá passando e todo mundo quer ver sua roupa: “Aonde você fez essa roupa? Que tiara linda! Que grinalda linda! Onde você fez sua maquiagem?” Você fica, você vira muito o centro das atenções. Você vira uma coisa muito doida, você vira uma celebridade [...] Como estou acostumada em ir a casamento, aí você vê que é assim em todo casamento. Não interessa como a noiva esteja, se é bonita ou se é feia. Porque naquele dia ela está linda e ela é o centro das atenções, e todo mundo se volta pra ela e todo mundo quer tirar foto (Clara).

Você realmente se sente o centro das atenções, né? Todo mundo fica falando que você está linda, que está bonita: “Nossa! Você tá linda, é a noiva mais linda que eu já vi.” Devem falar isso pra todo mundo. Mas é muito bacana, é uma energia muito boa. Porque você está cercado de amigos, e eu acho assim, por isso que eu sempre quis casar, porque eu queria reunir meus amigos pra compartilhar a minha felicidade. Antes de entrar nessa indústria, eu queria isso [...] Postei, postei no facebook, e as pessoas curtiram (Dani).

Eu aproveitei pra viver o momento noiva mesmo [...] Como a gente casou no X, a gente ganhava uma suíte no X. [...] Eu dormi com meu marido né?, com meu noivo. Acordei de manhã e falei: “Marco acorda que hoje é dia de casar.” E a gente acordou cedo, sabe, assim, não é uma noite muito tranquila de dormir, uma noite antes do seu casamento. Eu acordei de manhã cedo, busquei o meu irmão e fomos pro Hotel. A gente passou o dia no Hotel, bebendo água de coco, tirando foto e tal, entendeu? Aí deu 2 ou 3 horas da tarde, e a maquiadora chegou e aí, pronto [...] Eu queria mesmo viver esse momento noiva (Elen).

Eu adoro aparecer. Adoro. Adoro ser o centro das atenções, adoro fazer uma coisa que todo mundo vai falar no dia seguinte. Essa sou eu. Ih, eu subi no palco, eu cantei. Eu fiz tudo que eu quis. Eu sou desse tipo. Eu adoro. Adoro, adoro, adoro meu aniversário. Adoro que nego me ligue para me dar parabéns, e no casamento, poxa, é mais ainda, sabe? Se eu pudesse eu tinha feito, eu tinha fechado um salão e levados todas as minhas amigas, mas não eu me arrumei lá mesmo, só eu e minha mãe. Mas se eu pudesse eu tinha fechado um salão, já tinha começado o evento antes, sabe? [...] Eu acho que no fundo, no final o que importa é isso, é todo mundo sair falando: “cara que festa legal, me diverti horrores” (Fabi).

4.3. IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO PARA A FAMÍLIA

Diversos fatores levam as pessoas a se casar. As entrevistadas apontam questões como facilitar a saída de casa, ser algo natural em um relacionamento, começar um novo ciclo de vida, ter filhos, para realizar o seu sonho de se casar ou, até mesmo o sonho de seus pais:

Começou a me bater uma vontade muito grande de casar, eu estava vivendo um relacionamento que precisava mexer, sabe? Porque ele morava na serra, morou durante três ano lá, dois anos ou três. E eu não aguentava mais essa vida de ficar sabe, vai e volta. Ele vindo na semana e eu indo para lá no final de semana. E aí eu ficava andando de mala e cuia, pra cima e pra baixo. Sabe, eu achava um saco essa vida. Eu ficava meio que com uma casa nas costas. Aí, isto começou a me incomodar muito. Eu já tinha uma vontade muito grande de sair de casa, de ter minha vida, de ser independente, mas namorava ele há muito tempo, e aí eu comecei a querer muito, e aí comecei a botar uma pilha [...] Eu não queria mais morar na casa dos meus pais. Olha eu! [risos] Eu não aguentava mais morar na Barra. E eu estava de saco cheio dos meus pais também, tadinhos [...] porque pra mim era um sonho de casar, e eu acho que quase toda mulher tem esse sonho de se casar (Ana).

Eu acho que foi um processo natural, assim, eu acho que foi totalmente natural. [...] Acho que é uma etapa que você tá, sei lá, são etapas da vida, que você tá. É uma etapa. É um ciclo fechando. São ciclos, né? Acho que o casamento é um ciclo. É um dos ciclos (Bia).

A gente namora, namorava, né? há sete anos. E a gente decidiu se casar por causa do tempo de namoro. [...] e foi uma decisão meio que, foi natural assim, já era meio que esperado! [...] E era uma coisa que eu sempre ter esse sonho de ter a Igreja e ter depois a festa. Porque eu acho a igreja muito bacana, eu acho que o casamento é isso, é a igreja. É aquele ritual ali (Clara).

Assim, hoje eu não estou mais debaixo do mesmo teto que o meu pai, entendeu? [...] E eu sempre tive tudo muito programado na minha cabeça, do que eu ia fazer, do como é que ia ser esse dia [...] Era um sonho meu, que eu realmente gostaria de fazer uma festa, queria me vestir de noiva, era uma vontade que eu tinha. Eu não tive festa de 15 anos, não tive festa de 18, nada disso. Mas que realmente eu gostaria de casar na Igreja [...] Mas eu achava importante porque eu tinha a ideia que se eu tivesse filho, e como é que ele ia entender essa coisa que meu pai tem um nome e minha mãe tem outro. Será que eles são casados? (Dani).

Na verdade eu tinha mais vontade de ter filho antes até do que casar [...] se é pra casar, é pra casar direito e eu quero fazer uma senhora festa com tudo que eu tenho direito, entendeu? Realizar meu sonho assim, vai ser com certeza a festa que eu vou gastar mais na minha vida, então eu vou aproveitar pra que seja essa a festa. Porque sempre foi um sonho meu. Um sonho meu. Mas assim, eu, na minha opinião, festa pra mim era uma coisa muito importante [...] Acho que pode ser também o sonho da família, de casar filha e tal, e o sonho da mulher também de fazer um festão, primeiro porque eu acho que a maioria das pessoas gostam de festa. E eu acho que a maioria das mulheres sonham em fazer uma festa de casamento, ser a noiva por um dia, entendeu? Eu acho que... também tem muita gente que de repente a noiva não faz tanta questão. As vezes é mais o sonho da mãe, e a menina acaba realizando um sonho da mãe, entendeu? Um sonho da mãe e do pai, que pra ela sair de casa ela tem que casar, tem que fazer uma festa, e os pais podem ajudar, podem dar condições pra dar uma festa, então fazem a festa (Elen).

Sempre quis qualquer festa, de casamento então! Lógico, eu sempre quis. Eu sempre fui nos casamentos e ficava imaginando como é que ia ser o meu. Mas sem essa paranóia louca. Tanto é que eu casei tarde, casei com 32. “Ah, eu preciso arrumar um cara pra casar”, eu nunca tive isso não, eu sabia que uma hora ia chegar e que ia ser daquele jeito, assim. Eu sou muito festeira, eu trabalho com isso, eu sou muito festeira. [...] Não, a gente não morava junto. Eu morava aqui nessa casa, e ele morava na casa dele no Jardim Botânico, mas eu já ficava lá muito mais do que aqui, eu já tinha um armário lá. Era mais ou menos assim. Ele viaja muito. Eu vinha pra casa quando ele viajava, ou então quando eu estava de saco cheio, que era bom né? [...] Ele sempre me deixou muito livre assim na casa dele, de escolher tudo, de fazer as coisas, de comandar a empregada, então eu nunca tive problema, sempre me senti muito à vontade com isso. Senti até mesmo na época, porque eu ajudei ele a montar tudo (Fabi).

Outra questão que apareceu, de forma mais ou menos explícita, foi a pressão familiar, inclusive para que a festa fosse um megacasamento. Para todas as entrevistadas, a família da noiva, a do noivo, ou ambas, faziam questão do casamento:

Aí, o cara que falou era, é um amigo do meu pai, e falou putz, falou muito pouco: “Eu estou aqui no casamento da Ana e do João, e eu vou ler um poema pequenininho, nã, nã, nã. Que foi até acho que foi até meu pai que escreveu do livro dele. [...] E é um meio em que todo mundo se convida [referência ao trabalho do pai] . Eles [pais] são muito preocupados com a vida social. Então teve também esse agravante. aí eu tive que chamar. E eu, a minha irmã já tinha casado, 5 ou 6 anos atrás, 7 anos atrás, antes, bem antes de mim. E a minha irmã brigou muito com meu pai no casamento, sabe? ela se estressava muito. Ah por causa dessa coisa de ter que convidar todo mundo. aí eu falei, cara eu não vou me aborrecer com essa história, sabe? Eu vou largar o foda-se. Foda-se total, que se dane, vai ficar cheio pra caralho, vai ficar entupido, ninguém vai sentar, foda-se quero nem saber. E aí eu meio que abstrai. A única pessoa, eu me preocupei um pouco, porque eu falava: “pai, pelo amor de Deus, não viaja, não exagera, sabe?” [...] aí teve um monte de amigos de dele [pai], esses pentelhos que tinham que ir de qualquer jeito [...] Quando eu me casei, eu não me casei pros outros, pra mostrar pra ninguém que eu estou me casando, casar pra sociedade, pra convidar, pra fazer firula, nada disso. Existiu porque meu pai precisava e achava legal e tal [...] Eu dizia que eu ia morar junto com ele e minha mãe achava um absurdo. Ficava puta pra caramba. Meu pai não falava muito, porque também, né? Ela já falava, pra que é que ele vai falar? Minha mãe falava muito, dizia: “não, isso é um absurdo, você tem que casar”. Aí minha mãe falava pro João: “Você namorou minha filha nove anos e agora não vai casar? Não, você vai casar. Vai casar.” Eles queriam que eu casasse. Eu queria casar também mais, assim, eu não sei, eu não tinha essa vontade tooda, tinha uma vontade de casar sim, tanto é que eu fiz a festa e tudo mais, mas não tinha assim, essa, esse... Eu sei que eu tinha vontade de sair da minha casa, de sair da casa dos meus pais, de ter a minha vida, a minha independência junto com ele. Eu não tinha essa coisa: “de aí eu quero muito uma festa, linda e maravilhosa”. Eu não tinha essas coisas, não tinha esse desespero, sabe, assim, de querer fazer uma parada muito [...] Eu queria viver, morar com ele e ter a minha vida. Mais do que qualquer outra coisa. E eu dizia sempre que eu ia sair de casa, e minha mãe ficava putíssima. Então teve, teve uma pressão, até certo ponto teve. Talvez se não tivesse eu não teria feito. Bom, também assim, se meus pais não tivessem pago a festa, eu não teria feito mesmo, eu não iria gastar essa fortuna (Ana).

Eu acho uma loucurinha assim, casar [...] mas ele é de uma família tradicional, então ele queria tudo muito certinho. Ele queria noivar, ele queria casar, ele queria tudo, morar junto. Ele não queria ir morar junto, ele queria aquela coisa certinha. [...] Era mais família e mais amigos da família [fala sobre os convidados]. A minha mãe ela curtiu super, ela foi a pessoa que curtiu mais, acho uma das pessoas que mais curtiu o casamento. Ela dançou a festa inteira. Ela curtiu muito (Bia).

Também era um sonho dele [pai], né? É uma coisa que é pra ele. Satisfação dele, a gente casa, mas o que eu pude perceber é que o casamento acaba não sendo só nosso, é meu, é do Waldir, além dos noivos é dos pais, foi muito do meu pai aquele momento também, assim, eu senti isso do meu pai e da

minha mãe. Porque ele nunca vai poder viver, o que ele viveu comigo, assim, não tem outra filha. Então, foi uma realização pra ele também, ele ficou mais nervoso do que eu no dia. Muito mais, muito mais. Eu tinha que acalmar ele. Minha mãe então. Quase teve um peripaque. E aí você percebe que quando você está vivendo aquele dia, você percebe: “gente, não é só nosso isso aqui, é da minha família também, é tipo, do meu pai e da minha mãe”. Por isso eu acho que todo mundo embarca junto assim, quando você já entrou, você vive o sonho, todo mundo. Porque acaba sendo de todo mundo, é uma realização, pra todo mundo. Eu sei que tem famílias e que tem mulheres que não tanto isso, que são mais objetivas, são mais modernas até: “Não, eu não faço questão desse casamento ou aquele outro.” Tem pais que não fazem, mas é que na minha família era muito tradicional, era muito forte esse negócio de casar tudo certinho, e ter o casamento e ter tudo. E aí, e aí eu sabia que ia ter um casamento. [...] É importante, eu acho que, não sei se é porque tem também essa coisa que eu já te falei, minha família é mineira, todo mundo muito tradicional, que pra sair de casa tem que estar casada, tem que estar tudo certinho, tem essa mentalidade (Clara).

Tem gente que não gosta de festa, acha que gasta dinheiro e tudo. Eles [pais] sempre gostaram, eu tinha uma expectativa do meu pai assim, de casamento, sempre teve. Sempre falou. A família dele é muito festeira também (Dani).

Meus pais eram católicos, meu pai era católico, minha mãe também era, e eles casaram. Eu acho que talvez, assim, se meu pai estivesse vivo hoje, talvez, eu não sei, porque já tem muitos anos, mais de 20 anos, mas eu acho que por de repente, por ter o pai né? um homem, de repente meu pai gostaria de uma formalização maior. [...] Talvez pra colônia judaica, na religião [...] eu acho que teria um pouquinho desse preconceito sim. “Ah juntou, não casou.” “Ih, não vai casar? Vai formalizar?” Porque o bom judeu gosta muito de... Eles são muito fechados e tal, então se você vai entrar pra colônia e tal Ah, formaliza isso. Entendeu? Eu acho que pra família dele teria um pouco mais desse preconceito. [...] Eu acho que é isso, tem um peso muito grande de eu ter me casado e entrado pra colônia judaica, porque dentro ali eles opinam muito sobre a vida das famílias e tal, entendeu? (Elen)

Foi uma coisa meio que natural, meu pai já tinha casado a minha irmã da mesma forma, e [pausa] era natural assim, por meu pai. Meu pai é bem machista nesse sentido, sabe? Casamento pra ele é uma coisa assim, é, por exemplo, ele não acha, ele não acha, acha que a mulher tem sempre que acompanhar o marido. Ele é todo machista. Ele tem todo um conceito de casamento diferente de... Ele acha um absurdo, por exemplo, o Pedro, meu marido ir viajar e eu sair com minhas amigas. Sabe? [...] Meu pai me perguntou, assim na semana, faltando dias: “E aí, o divórcio do seu noivo saiu?” Aí eu falei, não, mas tudo bem. E aí ele: “tudo bem? Não. Não. Pode acabar com tudo. Pode cancelar tudo. Eu não vou pagar um casamento pra uma pessoa que não vai casar. Então não, pode desistir de tudo. Eu não vou fazer uma palhaçada dessas, convidar meus amigos pra uma cerimônia que não vai acontecer, pra uma cerimônia que você não vai assinar o papel.” Então essa coisa dele de ser muito tradicional, eu entendi depois, realmente, poxa ele está gastando um dinheiro, que ele podia sei lá, estar guardando pra aposentadoria dele, pra um monte de outras coisas, pra uma filha que não vai casar como ele gostaria né? [...] Conseguimos fazer tudo como o meu pai sonhava e imaginava. Pra minha família, juntado não é casado. Meu pai já teve brigas com minha irmã, porque minha irmã ela já, ela, ela namorava um cara já há muitos anos e tal, e ele pediu minha irmã em casamento, minha

irmã aceitou. E depois ele disse que conversou com o pai e o pai achava meio que melhor primeiro morar junto. Eu acho nada demais, mas meu pai tomou aquilo como uma ofensa absurda, como se estivesse chamando a filha dele de quê, né? [...] primeiro tem que testar a filha dele, pra saber se, né? E minha irmã um dia, minha irmã revoltada e nananã, um dia o cara veio aqui em casa e veio conversar e falou com meu pai: “olha, a gente vai um dia e a gente vai casar, mas agora a gente vai morar junto. Daqui há alguns meses.” Aí meu pai: “daqui a alguns meses não, se ela vai morar com você então ela tem que sair de casa hoje.” Expulsou a menina aqui de casa. Minha irmã arrumou as malas e foi. Ela foi na hora, ele falou: “eu não tenho filha que, minhas filhas não moram junto, ou casa ou não”. E ela pegou as coisas dela e foi embora (Fabi).

Algumas entrevistadas, inclusive, relataram que preferiam ter tido uma festa menos pomposa, de dia e que não repetiriam essa façanha.

Eu acho muito mais bonito um casamento mais simples, mais simplório, uma coisa menorzinha, de dia, só pra poucas pessoas. Eu acho muito mais significativo do que um festão, sabe? [...] Eu entendo totalmente as pessoas que vão morar junto direto assim, e não sei se eu casaria de novo. Tipo se eu me separasse um dia, se eu faria uma festa de casamento. Não, acho que não faria, não faria mesmo. Acho totalmente desnecessário (Bia).

Eu recomendo a pessoa celebrar aquele momento, entendeu? Eu acho muito importante, eu acho que vai ficar pra sempre, independente do tamanho da festa, da onde seja, vai ser um dia marcante [...] Agora uma coisa, hoje eu casei com o Waldir e tal, e amanhã eu termino com o Waldir, eu não casaria de novo. Eu não faria outra festa não [...] Não, não faria de novo. Aí eu faria uma coisa menor, entendeu? Faria um almoço. Pra comemorar o momento, não deixaria de ter. Mas seria uma coisa bem menor, não seria Igreja e nada disso. Seria assim, um almoço na minha casa, ou enfim [...] Acho emocionante, lindo esperar a noiva, abrir aquela porta da Igreja e a noiva vai entrando. Eu acho lindo. Festa em si, vou ser muito sincera, eu acho tudo igual. Festa é festa, gente. Está todo mundo animado, tem bebida e tem comida. Festa é festa. Festa é todo mundo ali, todos os amigos da família, tá bebendo, tá comendo, está todo mundo animado. Se estiver uma turma bacana, dá bebida e dá comida, e um DJ bom, acontece (Clara).

4.4. IMPACTO DO CASAMENTO NA RELAÇÃO

Para as entrevistadas, de uma forma geral, oficializar o vínculo afetivo modifica a relação do casal aumentando o compromisso com o relacionamento, trazendo mais parceria, maior esforço para se evitar a separação, entre outras mudanças.

Hoje eu acho que o casamento é, é um peso maior assim, maior, eu acho que quando você casa, mal ou bem com essa história de você comemorar e confraternizar com todo mundo você, ah, sei lá, você atesta pra sociedade inteira que você está com alguém. Então eu acho que é muito mais difícil de

você se desvincular dessa pessoa, por exemplo, se não der certo, não tenho certeza, se tem uma crise. Eu acho que o casamento tem um peso maior, sabe? Eu acredito nisso. Mas eu acredito que o casamento em si tenha um peso maior mesmo nessa história de ter um monte de gente ali presente, participando, e o papel passado, e o nome que você troca (Ana).

Eu acho que a gente começou a se conhecer muito melhor. E sei lá, eu acho que você começa a levar mais a sério o negócio, você começa a ver a pessoa um pouco diferente do que você via. Acho que é só isso, assim, tipo, a pessoa sai de um namorado, pra ser seu um marido. É uma grande diferença. É basicamente isso. [...] Ajuda a você a pesar mais, a pensar mais antes de fazer alguma coisa. E essa coisa de você fazer festa, tem aquela coisa das pessoas: “Nossa! Como assim? Casaram agora!” Aquela coisa fica martelando na sua cabeça. É um peso. É um peso, é um peso. Eu acho que você fazer festa, pensando bem, também é um peso a mais. Se você fala: “vou pegar as minhas coisas e vou sumir.” E aí as pessoas vão falar. E aí você fica: “aí a família dele, o que eles vão pensar de mim? E não sei o quê, sabe?” A gente já brigou de eu ligar para minha mãe e falar: “não quero mais.” E ela falava para parar com isso. [...] Às vezes eu sou um pouco imediatista em certas coisas, que talvez se eu não tivesse casado no papel, não tivesse feito festa e tudo mais. Talvez eu, meio despirocada, sabe? Talvez eu já tinha: “tchau”, sabe? Mas como eu agora estou bonitinha. Aí fica bonitinho. Pelo menos pra mim tem um peso, tem um peso maior, eu vejo uma responsabilidade, uma coisa mais séria, eu vejo como uma coisa mais certa, que eu tenho que levar isso como uma coisa que a gente tem como um plano de vida. Tenho uma crise? Tenho. A gente tem que se acertar, pra ficar bem, pra ficar junto, e faz parte da vida, e é isso aí. Até que, sei lá, de repente um dia, pode ser que aconteça alguma coisa. E aí, não tem jeito nenhum. Não há possibilidade. Até que haja uma possibilidade de ficar tudo bem, enfim (Bia).

Acho que eu amadureci. Eu acho que a gente ficou mais companheiro, mais unido, porque é uma coisa nova pra mim, eu nunca sai de casa, eu nunca morei sozinha. Mas a gente ficou mais unido mesmo, mais parceiro, a nossa relação ficou mais madura, você para de se importar com pequenas coisas porque agora você tem coisas maiores pra se importar. Eu acho que é mais isso. Mas o nosso relacionamento em si, melhorou. Ficou mais maduro (Clara).

É, mudou sim. Eu sinto que hoje ele é mais meu parceiro. Assim, antes ele era um indivíduo. Ele pensava, eu vou fazer isso, porque eu vou fazer, eu vou fazer, eu vou fazer. Eu, eu, eu. Eu falava essa primeira pessoa do singular era a que ele mais conjugava. Depois não, ele sempre fala, vamos fazer isso, de outra forma e tal. Então mudou sim. Muda, é, eu acho que muda, apesar de a gente ter namorado muito tempo, sete anos, eu acho que ele se preocupa mais comigo agora, se sente mais responsável do que na época que a gente namorava, ou que a gente era até noivo né? (Dani).

Na verdade, assim pensando bem, quando a gente tem alguma discussão, marido em casa alguma coisa, eu acho que num namoro é muito mais fácil quando você discute, “ah tchau” e vai pra casa. Quando você está casado formalmente, e tal, na minha opinião você pensa um pouco mais antes de discutir e pensar o que você vai fazer depois dessa discussão. É casada: “Então está bom, vamos discutir isso e tal”. Hoje em dia, tenho filhos, né?

então hoje em dia, qualquer discussão com o marido, qualquer stress com o marido, cogitar hipótese de desmontar tudo isso, pesa muito mais do que você falar assim “ah vamos relevar, entendeu? Vamos deixar isso aí, vamos em frente porque temos muita coisa importante juntos aqui. Vamos resolver isso e vamos continuar.” Eu acho que isso estimula um pouco a pessoa a pensar mais antes de tomar algum tipo de atitude, entendeu? (Elen).

Foi o pouquinho do meu pânico quando eu fui casar, eu falei: “nossa, e agora?” Não tem mais isso de “ah, estou com preguiça e vou pra minha casa.” Agora a minha casa sou eu e ele né? [...] Não tem aquela coisa que dizem: “a mulher... se a mulher soubesse que casar era assim, tipo, não ia querer tanto, e ele, se ele soubesse que não era tão ruim, ia querer mais.” Na verdade a vida dele só melhorou, né? Agora ele tem um jantarzinho, eu sou bem desse tipo. Um jantarzinho todo dia, na hora que ele chega, na hora que ele quer. A casa está sempre arrumada, eu sou bem organizada. Eu fui criada assim. É, mas mudou isso, mudou muito a nossa cumplicidade assim, quem cuida de quem, assim, isso. Ainda estamos no processo, eu acho que ainda está muito no começo. Já está num processo de muita adaptação, exatamente estamos descobrindo muita coisa (Fabi).

Quando perguntadas se há diferença entre morar junto e casar, primeiro elas falam que é igual, mas logo depois se contradizem, afirmando que a relação e, elas próprias, ficaram mais maduras e deixaram de dar tanta importância a pequenas diferenças na relação, tornando-os mais parceiros. Entretanto, apesar de, para algumas delas, a festa de casamento ter certo peso nisso, para outras, é a assinatura do papel que faz a diferença, estabelecendo um compromisso maior entre os membros do casal:

Pra mim é a mesma coisa. Eu não vejo a menor diferença. Eu não vejo a menor diferença, mas eu acredito que o papel suporta, segura mais uma relação, entendeu? Eu acredito nisso. tanto o papel quanto a festa. Eu acho que talvez até a festa mais até que o papel, porque você vai lá e assina o papel e tal, mas ninguém sabe se você é casado ou se não é, sabe? Não teve aquela, esse ritual de passagem é como, vou fazer uma comparação horrível, vai parecer que eu sou o Oh. Mas é que nem a pessoa morre, por exemplo, quando a pessoa morre num acidente de avião, não teve o enterro. Não fica uma coisa estranha? A pessoa sumiu? Desapareceu? O enterro existe também pra ter um ritual de passagem. Acho que é mais ou menos isso, eu sei que não é uma comparação legal de se fazer e tal (Ana).

Eu acho que sim [juntar é igual a casar], depende também de quanto tempo tem morando junto. Eu acho que depende muito da relação, de pessoa pra pessoa, não sei. Eu acho que sim, apesar de que a partir do momento que a pessoa mora junto ela divide as coisas, e eu acho que é casada, porque não é um papel que vai mudar alguma coisa... Eu acho que sim. Eu acho que no primeiro ano que estando morando junto, eu acho que talvez você falar que é casado, eu acho que é um pouco pesado. Você está presente numa experiência ali com a pessoa. Eu não falaria. “Ah, tô casada.” Eu acho muito estranho. Eu falaria: “estou morando junto”. Não falaria que eu estou casada. Talvez depois de alguns anos eu falaria. É muito complexo falar isso. Depende da relação, mas eu acho que, sei lá, uns três anos. Três anos dá pra você ter uma segurança de que, talvez: “agora sim, eu me sinto casada,

morando junto.” Talvez, sei lá. Eu nunca morei junto, então eu não posso ter certeza. Eu acho que de alguma forma você tem um pouco menos de compromisso, vamos dizer. Eu vejo por mim, por exemplo, eu tenho três anos de casamento, mas eu já tive momentos de crise, eu já tive crise que eu disse vou largar todo mundo e sumir. Mas, assim, quando você é casado no papel, eu acho que talvez pese mais. Eu não sei, eu acho, eu também nunca morei junto só, pra saber (Bia).

Eu acho que o casamento em si é só você ir morar junto, de você estar, você estar compartilhando aquela vida a dois, num dia-a-dia. Eu acho que não foi a festa, não foi a Igreja, não foi nada disso, foi o fato de a gente estar realmente passando a viver os dois o mesmo teto, que a gente começou a ter outros tipos de problemas, entendeu? Problemas maiores, não aqueles menores de namoro. Acho que se a gente não tivesse tido nada disso, se a gente não tivesse feito esse ritual, e tivesse casado, de repente, só assinado o papel, acho que teria sido da mesma forma. Eu acho que é a festa e a Igreja em si, é muito legal, é muito importante, mas é só uma sequência, é só uma celebração. Óbvio que foi muito importante pra mim, se eu não tivesse condição de ter tudo isso, eu acho que seria da mesma forma, o amadurecimento na relação, entendeu? Seria da mesma forma [...] Eu acho que você, eu acho, que você tende a levar a relação um pouco mais a sério quando você assume um compromisso maior com a pessoa, quando formaliza, e tudo certinho, tudo direitinho [...] Eu considero casada as pessoas que vão só morar junto. Eu tenho amigas também assim. Mas de uma forma diferente. Sabe por quê? No fundo, no fundo elas também sentem essa, essa falta dessa formalização, porque eu tenho amigas que moram junto há muito mais tempo que eu, há anos com um menino, e vira e mexe eles começam a falar: “ah, mas eu ainda não casei.” Como assim não casou? Estão morando junto há anos. De baixo do mesmo teto pra mim isso é um casamento. Mas no fundo, no fundo, todo mundo sente aquela falta. De uma formalização, de uma coisa formal, de falar: “eu casei”. Nem que seja no civil. Mas casou. A gente assumiu um compromisso, os dois. Eu acho que no fundo, no fundo as pessoas não se sentem casadas [...] Se você pegar realmente a vida é igual, eu estou ali com o Waldir, na mesma casa, dividindo as coisas, assim como eles estão. Mas eu acho que acaba no fundo sempre sentindo falta de alguma coisa, de ter feito um, não é a festa não, mas de ter feito um casamento, de ter assumido um “oh realmente a gente é casado.” Não estou falando nem pelo papel, porque o papel é um papel, não vai mudar uma grande coisa na sua vida. Eu acho que é mais no momento assim, sabe, da comemoração, da celebração. (Clara).

Ah considero, claro. Eu acho que assim, a gente tem que respeitar, por... A gente tem que respeitar o outro, assim, o que é bom pra mim nem sempre é bom pra você. Cada casal tem seu objetivo, de repente abriu mão de uma festa ou não faz questão de festa. Assim, como um filho. Tem casais que querem ter filho e tem casais que não querem, e é isso. Eu acho que tem que respeitar e eu considero um casamento, eu considero o casamento de fato a convivência. Assim, 24 horas debaixo do mesmo teto, porque assim, são duas pessoas com criações totalmente diferentes, entendeu? Com manias diferentes, que embarcam de baixo do mesmo teto de uma hora pra outra. Por isso que tem muita gente que acaba se separando mesmo, porque assim, são coisas banais que te irritam. Então é por isso que eu considero que quem mora junto é casado, independente de ter festa ou não, está passando pela mesma coisa que eu passo (Dani).

Tem muita gente que eu acho que até acaba juntando e tal porque não pensa em gastar essa grana. Pensa em de repente usar esse dinheiro pra comprar um apartamento. Entendeu? Mobiliar um apartamento, na verdade assim, o dinheiro que a gente gastou no casamento, daria pra ajudar a comprar um apartamento maior pra gente, daria ajudar a mobiliar o nosso apartamento. [...] Eu acho que se o casal acha que é suficiente se juntar e ir morar junto, e isso já é casado... Eu acho que tem muito casal assim. Eu não conheço, não tenho amigas em comum e tal que não tenham formalizado a união, mas tem uma opinião geral que eu acho que se você acha que juntar com o cara é suficiente pra vocês, é o mesmo peso de um casamento assinado no papel. Do que assinado no papel. A minha opinião é que nem assinar o papel, mas em relação a peso, eu acho que não tem diferença não (Elen).

Todo mundo que eu conheço que é juntado, eu tenho uma amiga que eu conheço que é assim, e o cara, por exemplo, nossa, ela só fala isso, o dia que ela vai conseguir fazer um... Eu acho que todo mundo tem, no fundo, no fundo gostaria de fazer uma. Pequena que seja. Como essa que eu fiz aqui na minha sala. Na sala da minha mãe para a minha amiga. E foi o máximo. Eu juro, tinham 15 pessoas, e foi uma coisa muito linda e muito legal [...] Não casa com separação total de bens, porque isso é uma coisa horrível. Você vai sentir que o cara não quer construir uma... Se ele propor isso vai ser um horror. E as pessoas diziam muito isso pra mim. E eu fiquei tanto com isso na cabeça que a gente acabou casando com comunhão parcial de bens. E depois se você pensar bem, eu pensando depois eu falei: “mas gente, isso pode ser uma coisa horrível”. Porque o cara pode ficar com você muito, porque olha a trabalhadeira que dá [separar] “Ruim com ela, pior sem ela”? Se você não tem nada [se referindo ao papel assinado], a pessoa só vai querer ficar com você se ela realmente quiser. Agora se você for analisar, friamente: “putz, não. Espera aí, se eu me separar, esse apartamento aqui eu vou ter que dividir. Aquele carro que eu comprei depois também, é dela. Não sei o que. Se tiver filho também piorou.” E, tem esse lado (Fabi).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. OFICIALIZAÇÃO DA RELAÇÃO

O casamento, séculos atrás, podia ser considerado mero acordo entre famílias e o noivado era apenas uma parte desse processo, uma sinalização de que se fecharia o acordo mais adiante. A promessa de casamento, verbal ou escrita, contava sempre com a presença de testemunhas. Afinal, itens valiosos estavam em pauta, sejam eles de valor patrimonial, como, por exemplo, heranças e dote, sejam de valor moral, como a virgindade. O noivado era e continua a ser uma promessa de casamento, mas atualmente tem o sentido de afirmação do amor, de comprometimento com o parceiro e com a relação, deixando de ser um arranjo entre famílias para se tornar um acordo entre indivíduos. Como aponta Badinter (1986), a união passou a ser algo da esfera do privado, que diz respeito apenas ao casal e não mais à família ou à religião. Com a importância atribuída a satisfação pessoal, é o casal que decide os rumos de sua relação. Assim, o compromisso diz respeito ao casal e à sua relação, como podemos observar na fala da maioria das entrevistadas, em que a proposta de casamento se deu, num primeiro momento, apenas entre o casal. Elen e Fabi, inclusive, consideraram este um momento sem nada de especial. Apesar da decisão ser do casal, Clara e Dani concretizaram a intenção do matrimônio na presença dos familiares, através de um pedido mais formalizado e considerado por elas mais tradicional, um “cumprir as etapas” (Dani). Nesse ponto fica bem evidente a ideia de Hall (2006) de que as pessoas possuem identidades contraditórias, com ideais mas tradicionais e outros mais atuais. Assim, ao mesmo tempo que não se precisa mais da aprovação dos familiares para o casamento, bastando haver um consenso entre o casal, as entrevistadas oficializaram sua decisão perante a família, num ato considerado tradicional e natural, ou seja, esperado.

Outra ideia mais antiga, e que ainda permanece, é a de que casar é coisa da mulher. Como aponta Rocha-Coutinho (1994), da época da colônia até a década de 1950, o casamento se manteve com sendo o local apropriado para a mulher, seja por ter sido, durante muito tempo, considerada inábil para sobreviver sem a supervisão masculina, seja por ter sido mais tarde valorizada prioritariamente por seu papel de esposa e mãe. Além disso, as solteiras eram desprestigiadas. Assim, o casamento tradicional, aquele com papéis de gênero bem demarcados, foi amplamente praticado e desejado pela sociedade brasileira a partir do final do século XIX e início do século XX e esse desejo parece ter sido, em parte, internalizado, de

forma mais ou menos forte e mais ou menos consciente, pelas entrevistadas. Assim, pudemos observar que, por mais que, em um primeiro momento, as entrevistadas tenham afirmado que o casal decidiu junto pelo casamento, num segundo momento pode-se perceber uma certa pressão exercida pelas namoradas nessa decisão supostamente “conjunta”. Algumas, como Ana, inclusive, foi bem explícita em seu desejo de casar, enquanto as outras faziam uma “pressãozinha” mais suave. A única exceção foi Fabi, que foi pedida em casamento após um reinício do namoro e só considerou a proposta como real quando recebeu o anel de noivado. Mesmo assim, ela assinala que seu noivo não fazia questão do ritual, bem como do casamento. A oficialização parece ter sido necessária para a família dela aceitar a coabitação do casal e essa questão da pressão familiar será analisada mais adiante.

Com exceção do noivo da Bia, que sempre quis “aquela coisa certinha”, a maioria dos noivos ou não queria o ritual religioso e/ou a festa, ou simplesmente não faziam questão disso. Pelo discurso das entrevistadas, parece que eles aceitaram todo o evento devido ao fato das respectivas namoradas terem explicitado seu desejo nesse sentido. Inclusive, o noivo de Ana parece ter deixado bem claro para ela que não queria uma celebração, seja na Igreja ou numa festa mas, assim como os outros, acabou aceitando e, no final, aproveitando essa celebração. Parece, então, que o casamento continua a ser considerado território feminino e um desejo maior das mulheres do que dos homens, o que torna mais compreensível a pouca participação e envolvimento de alguns noivos na preparação do evento.

Além da associação da mulher ao casamento, outro aspecto tradicional que parece ter sido mantido no caso de quatro das seis entrevistadas, foi o fato da família da noiva arcar com as despesas do matrimônio. Tal prática sempre foi muito comum em épocas em que era do interesse familiar casar a filha, ou quando a mulher não tinha fonte de renda e, portanto, não tinha como contribuir para a celebração da união, através do matrimônio. Contudo, tal prática parece permanecer sem nenhum questionamento ou estranheza, sendo vista como algo “natural” em um casamento. Dani reconhece que os pais da noiva geralmente são os responsáveis pelas despesas do casamento, mas, como eles não tinham condições financeiras para isso, ela levou um ano até juntar o dinheiro necessário. O noivo concordou em dividir igualmente os gastos; porém, o valor estipulado inicialmente foi ultrapassado e ele não contribuiu com um centavo a mais do que havia sido acordado inicialmente. A entrevistada que teve uma divisão mais igualitária dos gastos parece ter sido Bia, em que o casamento foi pago pelo casal e pelas respectivas famílias. É interessante observar que essa divisão aconteceu justamente no caso do casal em que o noivo, desde o início, sinalizou que queria fazer o ritual todo e fez. Esse casal teve um pedido de casamento romântico, com

direito a aliança dentro da taça de champanhe, depois reafirmaram o compromisso em uma festa de noivado para a família. O noivo, neste caso, participou dos preparativos para o casamento, que teve um ato religioso, na Igreja, seguido de uma mega festa. Com isso, fica a questão para uma pesquisa futura: é apenas a tradição que mantém os noivos distantes financeiramente e com pouca participação nos preparativos do casamento, ou a tradição é um alibi para o afastamento masculino dessa questão, bem como para disfarçar seu interesse por esse tipo de evento?

5.2. OBJETIVOS DE UM MEGACASAMENTO

Segundo Debord (1997), a religião e suas encenações, como por exemplo, a missa, podem ser, desde sempre, considerados um espetáculo. E a celebração do casamento, seja religiosa ou não, também tem todos os ingredientes de um grande espetáculo. O cenário é cuidadosamente preparado por uma cerimonialista, ornado com flores, tecidos, iluminação, mesas, etc., escolhidos criteriosamente, assim como a indumentária dos atores principais, os noivos, pais e padrinho, que seguindo um script previamente determinado e às vezes ensaiado. O espetáculo tem hora para começar e terminar e é embalado por trilha sonora específica e às vezes por efeitos especiais. Bia, por exemplo, relatou que participou de um casamento em que “o padre soltou borboletas brancas na hora dos votos na Igreja”. Nos megacasamentos, o espetáculo é montado para um grande número de espectadores e há a intenção dos noivos – mais especialmente das noivas - de aparecer, de ser o centro das atenções, como assumiu tranquilamente Fabi. As outras entrevistadas - Bia, Clara, Dani e Elen -, curtiram esse momento de celebridade, cada uma de seu modo. Para Bia, além dos elogios e de ser o centro das atenções, ficaram as fotos do evento. Já para Clara, aqueles momentos foram seus momentos de fama, de ser a pessoa mais importante neste dia. Dani foi a única que compartilhou o casamento na internet; as outras alegaram que, na época do casamento, não era comum se fazer isso e que algumas ferramentas como o Instagram ainda não eram tão usadas²³. Já Elen se contradiz, às vezes dizendo que queria viver o momento noiva e outras vezes dizendo que isso não importa. De qualquer forma, além dos paparicos durante a cerimônia ela teve seu momento de celebridade ao passar o dia em um dos hotéis mais luxuosos da cidade, com banho de piscina, fotos, maquiador, etc., tudo bem glamoroso. Apenas no discurso de Ana a questão do casamento colocar a noiva no centro das atenções não apareceu. Por mais que

²³ Realmente, o Instagram só foi desenvolvido no final de 2010 e é uma rede social digital usada para compartilhar fotos.

quisesse se casar, durante a entrevista, ela parecia mais ser uma convidada na festa de seu pai. Esse ponto será melhor explorado na próxima categoria.

A celebridade é alguém que “tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposta a se exibir em qualquer tela – mesmo que seja nos palcos mais banais da “vida real” (Sibilia, 2008, p.50). E Fabi foi bem explícita no seu desejo de aparecer, de chamar a atenção e no prazer de se mostrar, de fazer um espetáculo para ser comentado. Segundo Clara e outras entrevistadas há, inclusive, uma competição “pra ver quem faz o casamento mais bonito.” Isso, segundo elas, seria estimulado ou reforçado pela indústria do casamento, que fabrica e explora o sonho de algumas mulheres de se casar. E quanto vale o sonho? Quais são os elementos que compõem esse sonho?

O espetáculo é a manifestação de uma ilusão pronta para ser consumida que, nesse caso, corresponde ao sonho de realizar o casamento. Segundo as entrevistadas, este sonho, este desejo, se tornou algo palpável e comercializado. Cada produto é “apresentado cerimoniosamente como a singularidade decisiva” (Debord, 1997, p. 46), como necessário para tornar aquele evento único, “um momento mágico” (Elen). Todas as entrevistada usaram uma série de elementos para transformar o seu casamento em um mega evento, um evento único. Esses elementos podiam ser o local, o dinheiro gasto, uma lembrancinha especial, um bolo com vários andares, a música, etc. Todos esses detalhes objetivam transformar o casamento em um evento marcante, vão chamar a atenção e atender a ideia da competição pelo casamento mais glamoroso.

5.3. IMPORTANCIA DA CELEBRAÇÃO PARA A FAMILIA

O motivo que levou as entrevistadas a se casar foi bem variado, além, é claro, da celebração do afeto. Como apontam Giddens (2002) e Jablonski (1991), o amor não é o único peso na balança quando se pondera se uma relação vale a pena ou não. Da mesma forma, a decisão de casar com alguém é pensada considerando interesses diversos, como pode ser percebido nas entrevistas. O desejo maior de Ana era o de sair de casa e ir morar de vez junto com o namorado, pois já passava os fins de semana com ele. Enquanto o desejo de sair da casa dos pais aparece em diferentes momentos da entrevista, o sonho de se casar aparece apenas uma vez. Fabi é outra entrevistada que também percebe o casamento como a porta de entrada para morar junto com o namorado. Seu pai é totalmente contrário à ideia da coabitação sem a oficialização do relacionamento. Mesmo assim, ela passava longos períodos na casa do namorado. Desse modo, o casamento serviria para tornar lícita a sua coabitação.

Além disso, como relatou, ela gosta de festa e de ser o centro das atenções nesses momentos; então, basta um motivo para fazer um mega evento. Dani é outra entrevistada que sentia estar em casa quando estava na residência do namorado. Ela também passava os fins de semana na casa dele e nesses períodos já realizava todas as tarefas de uma esposa. O casamento, nesse caso, além de permitir a residência conjunta também teve a finalidade de realizar o sonho comum de casar na Igreja e de propiciar o espaço para ter filhos legítimos.

O desejo de ter filhos também era partilhado por Elen. Esse parecia ser o motivo principal para o seu casamento. Ela também afirmou gostar muito de festas e sempre sonhou com um casamento grandioso. Considera que toda mulher tem esse sonho. Já Clara e Bia vêem o casamento mais como um processo natural de um relacionamento, uma etapa pela qual o casal passa depois de um tempo de namoro.

Outra importante influência para as entrevistadas nessa decisão de casar ou não é a opinião das famílias. Alguns pais foram mais sutis na hora de externar seu desejo de que a filha casasse e outros foram mais incisivos, como foi o caso de Ana e Fabi. Ana chega a dizer que seu casamento foi a realização do sonho paterno e não dela, pois o que realmente queria era morar junto com o namorado. Já Fabi acompanhou a irmã ser expulsa de casa por não oficializar a relação, contrariando a determinação do pai de que suas “filhas não moram junto, ou casa ou não”. Nesse caso, os vínculos de lealdade podem tornar difícil a pessoa sustentar uma escolha diferente da escolha familiar. Como desagradar progenitores tão zelosos e disponíveis para realizar o sonho de casar da filha? Apesar do casamento ser considerado pelas entrevistadas como o sonho da mulher, no caso de Bia era a família do noivo é que seria agradada com um ritual de casamento mais tradicional e que pudesse comportar os amigos da família. Como o noivo não foi entrevistado, pode-se apenas levantar uma hipótese dos vínculos de lealdade: Bia que quer agradar o noivo e este, por sua vez, segue os preceitos familiares.

5.4. IMPACTO DO CASAMENTO NA RELAÇÃO

Na sociedade ocidental contemporânea a oficialização de um relacionamento amoroso, seja através do ritual religiosos, ou seja através do ato civil de assinar um documento, não é mais determinante para o reconhecimento de um envolvimento sério e duradouro de um casal. Pelo menos não na esfera judicial, que se contenta com a coabitação como “prova” de envolvimento significativo de um casal, esse partilhar de residência não

precisa ser precedido de rituais. Mesmo assim, alguns relacionamentos parecem precisar de alguma ritualização para concretizar a intenção de se estar em uma relação séria e duradoura.

Na contemporaneidade é amplamente aceita a ideia de duas pessoas estarem juntas por se gostarem e isso basta pra que dividam uma residência. Quando o envolvimento amoroso traz satisfação, independentemente de ser um casamento oficializado ou não, a pessoa permanece na relação. A oficialização do relacionamento, seja no civil ou no religioso, não é necessária para que se reconheça essa união e para que ela receba todos os ônus e bônus de um casamento formal. Esse fato é reconhecido pelas entrevistadas, em alguns momentos. Em outros, elas se contradizem, ao afirmar que o casamento formalizado traz mais comprometimento. Segundo elas, não oficializar é como se ficasse faltando algo, que seria justamente o compromisso com a relação. Além disso, o casamento tornaria mais difícil a dissolução da relação, seja pela burocracia envolvida no processo, seja pela necessidade de justificar o possível rompimento para todas as testemunhas do enlace. Esse é um ponto bem interessante que contrasta com o que Giddens (1993) denominou “relações puras”, ou o que Bauman (2004) chama de “relacionamentos fluidos” em que o envolvimento só é mantido pelo nível de satisfação gerado pela relação. Não é necessário um papel, burocracias ou formalidades para garantir o investimento emocional no relacionamento. Uma vez que a relação deixa de ser satisfatória, ela pode e deve ser desfeita.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Casar já foi considerado uma péssima escolha no início do cristianismo. Devia ser a última opção. Depois, o próprio cristianismo o sacramentou, conferindo ao matrimônio o status de sagrado. O casamento também já foi considerado o ato fundador da família, pois era o espaço ideal para a geração de descendentes legítimos, de herdeiros. Parece ainda existir, para muitas pessoas, uma relação bem estreita do casamento com o estado ideal para a reprodução, como pode ser percebido no caso de duas entrevistadas que queriam se casar para poder ter filhos. Contudo, a sociedade atual aceita bem os pais solteiros, assim como pessoas que não querem ter filhos ou os que têm filhos sem terem oficializado a relação. Encontramos hoje muitos arranjos distintos e variados de família e de relacionamento amoroso e, mesmo assim, a ideia do casamento como um dos principais sonhos femininos ainda parece estar bem presente no imaginário social. Uma das entrevistadas chega a afirmar que esse é o sonho de toda mulher. Esse pensamento parece ser herança de um passado em que o matrimônio era o único estilo de vida disponível para as mulheres, que deviam, assim, se dedicar integralmente a esse sonho.

Ao longo de todas as categorias houve um fator constante: a contradição. Por vezes encontrada nos discursos, por vezes nas ações, ou na relação entre as práticas e as falas. De forma sucinta, a contradição era entre as questões mais tradicionais, que são marcadas pela divisão por gênero, que coexistem com questões mais atuais, que tem como referência as práticas individualistas e fluidas da contemporaneidade. Como coloca Hall (2006), práticas contraditórias estão presentes em nossa identidade.

Do lado do tradicional está o desejo de casar como algo quase que inerente e naturalmente presente no universo das mulheres. Um sonho cultivado desde a infância e necessário não só para sair de casa de forma legítima e reconhecida pela família e sociedade, assim como para firmar o comprometimento do casal com a relação. Então, em certos momentos se assume a “pressão” exercida para que o companheiro casasse formalmente e em outros não se fala nem no casamento mais sim, em um consenso em estabelecer a residência conjunta.

Com relação ao compromisso com o relacionamento, este parece precisar de fatores externos para se fixar, como a cerimônia, a assinatura da certidão de casamento e as testemunhas. Todo esse processo traria mais peso, mais compromisso, mais seriedade para a relação. Porém, contrariamente a isso, houve o discurso de que inicialmente não se casaria

pois bastaria o consenso do casal em querer viver juntos. Algumas chegaram a declarar que não fariam novamente (o ritual) caso pudessem voltar no tempo ou se no futuro houver um recasamento. Também colocaram o casamento como um ato para as famílias e dispensável para o relacionamento.

Assim, aparentemente a família também reforça o espaço da tradição ao pagar pelo evento, prática de uma época em que a mulher não trabalhava e dependia do dinheiro paterno para realizar seus desejos e necessidades. A maioria das famílias fez questão de pagar. Ato algumas vezes colocado como “natural”, “normal” e até esperado e outras como não fundamental para a mudança de estágio no ciclo de vida familiar, da solteira para a casada. Embora a opinião da família possa não ser mais determinante, ela, ainda parece conservar algum peso e valor. Para muitos jovens, o casamento ainda é a porta de saída da casa dos progenitores, como aconteceu com algumas entrevistadas que só puderam morar junto definitivamente com seus parceiros após o casamento. Muito interessante foi o fato de alguns pedidos de casamento terem sido feitos duas vezes. Na primeira vez uma versão mas atual, no sentido de que foi feito apenas entre o casal reforçando a ideia de que as relações pertencem apenas aos parceiros. E uma segunda em um evento que reuniu a família e até alguns amigos.

Ao explorar a contradição entre ideias tradicionais e contemporâneas não significa contudo, que estamos considerando aqui os megacasamentos como uma permanência dos antigos casamentos realizados nas primeiras seis décadas do século passado. Como assinalamos antes, eles estariam muito mais associados à sociedade do espetáculo de que fala Debord (1997). Daí serem tão espetaculosos, buscando, como assinalamos antes, mais aparecer do que ser, embora possamos observar neles antigos traços ligados a visões mais tradicionais. O sonho, ou vontade de realizar um casamento difere da participação em um mega evento pois neste não bastaria realizar a cerimônia, é necessário produzir um evento, marcante para si e também para os outros participantes. No megacasamento a noiva não é apenas uma mulher reafirmando seus sentimentos diante da sociedade, ela é a estrela do evento, uma celebridade que se satisfaz com os elogios, com os olhares, com a sensação de ser única, a pessoa mais importante. O espetáculo tira o indivíduo da sua rotina, da mesmice, da sua mediocridade e o coloca na posição de pessoa mais importante naquele momento. Trás, segundo Debord (1997) a sensação de estar vivo, de pertencer a algo mais importante do que sua vida rotineira, de ser destacado da multidão. Então, porque não aproveitar as oportunidades para aparecer, para ser o destaque? Porque não transformar o ritual do casamento numa megacelebração? Um evento tão grandioso tem que gerar algo além de

diversão e confraternização: o status de celebridade, a possibilidade de ser através do aparecer. Como aponta Sibilía (2008), “valorizamos a própria vida em função da sua capacidade de se tornar, de fato, um verdadeiro filme” (p.49).

Enfim, os motivos que levaram as participantes a transformar seus casamentos em um megacasamento, pareceram não ser tão conscientes e claros para elas. Isso fica evidente nas diversas justificativas, por vezes contraditórias, usadas para explicar essa opção. O motivo para o casamento ser, ou não, algo fundamental para o relacionamento das entrevistadas, pode oscilar em meio as identidades contraditórias. Mas, a ideia de transformar uma festa que visa celebrar e firmar o compromisso amoroso, em um megaevento que vai satisfazer anseios individuais, é algo novo. Então pode causar estranheza não só para o indivíduo, mais também para o seu entorno, pensar em usar esse momento “a dois” para celebra a satisfação pessoal. Padrões novos são assimilados aos poucos e a velocidade do mundo atual nem sempre permite o tempo necessário para aprofundar e amadurecer novos padrões. Sem o tempo da reflexão a condução de certos anseios acaba sendo feita pelas pseudo necessidades que são produzidas pela sociedade atual.

Esperamos que o presente trabalho tenha contribuído para ampliar a compreensão sobre o casamento e, principalmente, sobre a motivação para se celebrar e oficializar a união afetiva através de um megacasamento. Longe de se esgotar o assunto, acreditamos que muitas lacunas foram deixadas em aberto e poderão ser exploradas por nós em futuros trabalhos, ou por outros pesquisadores. Um ponto no trabalho que não foi investigado, por exemplo, foi a visão masculina sobre as megacelebrações. Muito provavelmente encontraríamos algumas diferenças na visão de homens e mulheres acerca desse tipo de formalização. Outra questão em aberto é se o fato do pouco envolvimento do noivo na preparação do evento estaria ou não ligado ao fato de perceber o casamento como uma questão feminina. Ou, ainda, se a participação masculina no pré evento contribui para um casamento com práticas mais igualitárias. Muito provavelmente encontraríamos algumas diferenças na visão de homens e mulheres acerca desse tipo de celebração. Também se poderia comparar o discurso de mulheres que realizaram um megacasamento com mulheres da mesma geração que se consideram casadas mesmo sem ter oficializado e celebrado a união. Todas as questões acima levantadas constituem possibilidades abertas a novos trabalhos que poderiam contribuir para a ampliação e aprofundamento do conhecimento das pessoas interessadas no tema dos casamentos atuais e, de modo geral, dos relacionamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Algranti, L. M. (1997). Famílias e vida doméstica. In L. d. Souza, *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa* (Vol. 1, pp. 83-154). São Paulo: Companhia das Letras.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família* (2ª ed.). (D. Flaksman, Trad.) Rio de Janeiro: LTC.
- Andolfi, M. (1981). *A terapia familiar*. Lisboa: Veja/Universidade
- Andolfi, M. (Org.) (1984). *Por trás da máscara familiar: um enfoque em terapia de família* (M. C. R. Goular, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ângelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In M. Andolfi, M.; C. Ângelo, C. Saccu, (Orgs.) *O casal em crise* (pp. 47-57). (3a ed.) (S. F. Foá, Trad.). São Paulo: Summus Editorial.
- Bacellar, R. N. (2012) *Casamento de Princesa: um estudo exploratório sobre o significado de consumo para noivas no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. (C. Gomes, Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Borghetti, R.; Lech, M. B.; Martins, P. C. R. (2001). Casamento e família de origem: Lealdade invisível. *Estudos de Psicologia*, Campinas-SP, v. 18, n.1, (pp. 5-11) Acessado em 25/10/2014 - <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2001000100001>
- Boszormeny-Nagy I. & Spark, G. M. (1973) *Lealdades invisibles*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bowen, M. & Kerr, M. E. (1988) *Family Evaluation*. New York: W.W. Norton & Company.

- Carter, B.; Mcgoldrick, M. (1995) *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1989).
- Costa, J. F. (1989). *Ordem médica e norma familiar* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. (E. S. Abreu, Trad.) Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dias, P. B. (2004). A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* (pp. 99-133) Acessado em 11/06/2013 - <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/casamento.pdf>
- Elias, N. (2001). *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. (P. Süsserkind, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Construção e dissolução do laço conjugal na psicoterapia. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 201 - 214). São Paulo: Loyola.
- Figueira, S. A. (1987) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In S. A. Figueira (Org.), *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.) São Paulo: UNESP .
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. (P. Dentzien, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gomes, M. P. (2011) *Antropologia hiperdialética: ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto.
- Goldenberg, M. (2006) *Infidel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record.
- Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (11ª ed.). (T. T. Louro, Trad.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Heilborn, M. L. (1998) Gênero: um olhar estruturalista. Em: J. M. Pedro; M. P. Grossi (Org.), *Masculino, feminino, plural* (pp. 43–55). Florianópolis: Mulheres

- Hunt, L. (1991) Revolução francesa e vida privada. In P. Áries e G. Duby, (Orgs.) *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. (D. Bottmann, Trad.) (pp. 21-51) Vol. IV São Paulo: Companhia das Letras.
- Jablonski, B. (1991). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In T. Feres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 141-168). São Paulo: Loyola.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Feres-Carneiro, *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Krom, M. (2000) *Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus.
- Martin-Fugier, A. (1991). Os ritos da vida privada burguesa. In M. Perrot, *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra* (D. Bottmann, & B. Joffily, Trad., Vol. 4, pp. 193-261). São Paulo: Companhia das Letras.
- Mendes, A. M. (1987). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Mello, E. C. (1997). O fim das casas grandes. In L. F. Alencastro, *História da vida privada no Brasil: império: a corte e a modernidade nacional* (Vol. 2, pp. 385-437). São Paulo: Companhia das Letras.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias y terapia familiar*. Buenos Aires: Gedisa.
- Passos, M. C. (2007) A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. *Mental*, vol.5, no.9, p.117-130. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. (Acesso em 08/04/2009)
- Pereira, C. M. (2000). *Instituições de Direito Civil - Direito de Família* (11ª ed., Vol. V). Rio de Janeiro: Forense.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. (A. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Prado, Y. C. (1979). *Ser esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense.
- Priore, M. D. (1997). Ritos da vida privada. In L. d. Souza, *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa* (Vol. 1, pp. 275-330). São Paulo: Companhia das Letras.
- Priore, M. D. (2006). *História do amor no Brasil* (2ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Puget, J. & Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M.L. (1998). A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In L. Souza; M. F. Q. Freitas e M. M. P. Rodrigues, (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (pp. 319-348). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2000). Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram as identidades. *Psicologia Clínica*, 12 (2), 65-82.
- Seixas, M. R. A. (1999) O mito familiar responsável pela patoplastia do sintoma dos pacientes com T.O.C. In T. Féres-Carneiro, (Org.) *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Silva, M. B. N. (1984) *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP.
- Socci, V. M. V. (1983) *Elaboração e validação de uma escala de atitudes em relação a sexo*. Tese de Doutorado Não-Publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Vainfas, R. (1992). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão* (2ª ed.). São Paulo: Ática.
- Vainfas, R. (1997). Moralidades Brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In L. d. Souza, *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa* (Vol. 1, pp. 221-273). São Paulo: Companhia das Letras.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Vrissimtzis, N. A. (2002). *Amor, sexo e casamento na Grécia antiga*. (L. A. Cabral, Trad.)
São Paulo: Odysseus.

ANEXO I

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dados da entrevistada:

Nome:
Idade:
Formação/ Profissão:
Religião:
Renda:

Dados do cônjuge:

Idade:
Formação/ Profissão:
Religião:
Renda:

Dados do casamento

Data do casamento:
Nº de participantes:
Valor total gasto no evento:

Roteiro

- Houve festa de noivado? Quem participou?
- Quanto tempo levou a preparação e organização do evento?
- Quem te ajudou?
- O noivo participou das decisões relativas ao casamento? De que forma?
- O que não pode faltar na cerimônia?
- Quem pagou a festa?
- Para você, porque as pessoas fazem um megacasamento?
- Para você, qual é a importância da celebração?
- Se arrepende de algo com relação a festa?
- Faria algo diferente?
- Foi como planejou?
- Porque seu casamento foi, ou não, um Megacasamento?
- Já residiam juntos antes do casamento?
- De quem foi a decisão de celebrar a união?
- Seus pais também se uniram em uma festa de casamento?
- Para você pessoas que coabitam podem ser consideradas casadas? Porque?
- Sobre o que você sabe, qual opinião de seus pais sobre morar junto sem oficializar?
- de 0 a 10, qual a relevância que você dá hoje para esse evento em sua vida?
- Recomenda as pessoas a fazerem o mesmo?
- Mudou o nome? Porque?
- Teve que abrir mão de algo para poder investir na festa?
- O apartamento em que residem é próprio?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Megacasamento: celebridade por um dia

Responsável pelo projeto: Juliana Puppín Duarte

Eu _____, abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que se segue: 1) Fui informada, de forma clara e objetiva, que a pesquisa intitulada “Megacasamento: celebridade por um dia”, irá analisar os vários aspectos que permeiam as festas de casamento na contemporaneidade; 2) Sei que nesta pesquisa será realizada uma entrevista aberta 3) Estou ciente de que não é obrigatória minha participação nesta pesquisa, sendo que caso sinta constrangida antes ou durante a realização da mesma, poderei desistir de participar da entrevista proposta em qualquer momento, e que a desistência da participação na pesquisa não implica no cancelamento nem no desencadeamento da pesquisa propriamente dita. Esta pesquisa não me colocará em risco ou prejuízo; 4) Poderei saber através desta pesquisa a semelhança e diferença do Megacasamento para com o casamento tradicional ; 5) Sei que os materiais utilizados para a coleta de dados serão armazenados em áudio, e que serão mantidos, juntamente com a pesquisa. 6) Sei que o pesquisador manterá em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade; 7) Receberei informações atualizadas durante o estudo, ainda que isto possa afetar a minha vontade em continuar dele participando; 8) Estas informações poderão ser obtidas através da pesquisadora Juliana Puppín Duarte, telefone para contato: 9843-8635; 9) Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado com o objetivo científico, mantendo-se a minha identidade em sigilo. 10) Quaisquer outras informações adicionais que julgar importantes para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa e de minha participação poderão ser obtidas no Comitê de Ética e Pesquisa. Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 201__.

Pesquisadora: _____
Juliana Puppín Duarte, CPF. 083 440 897 00

Sujeito da Pesquisa/ Representante Legal

Nome:

CPF: